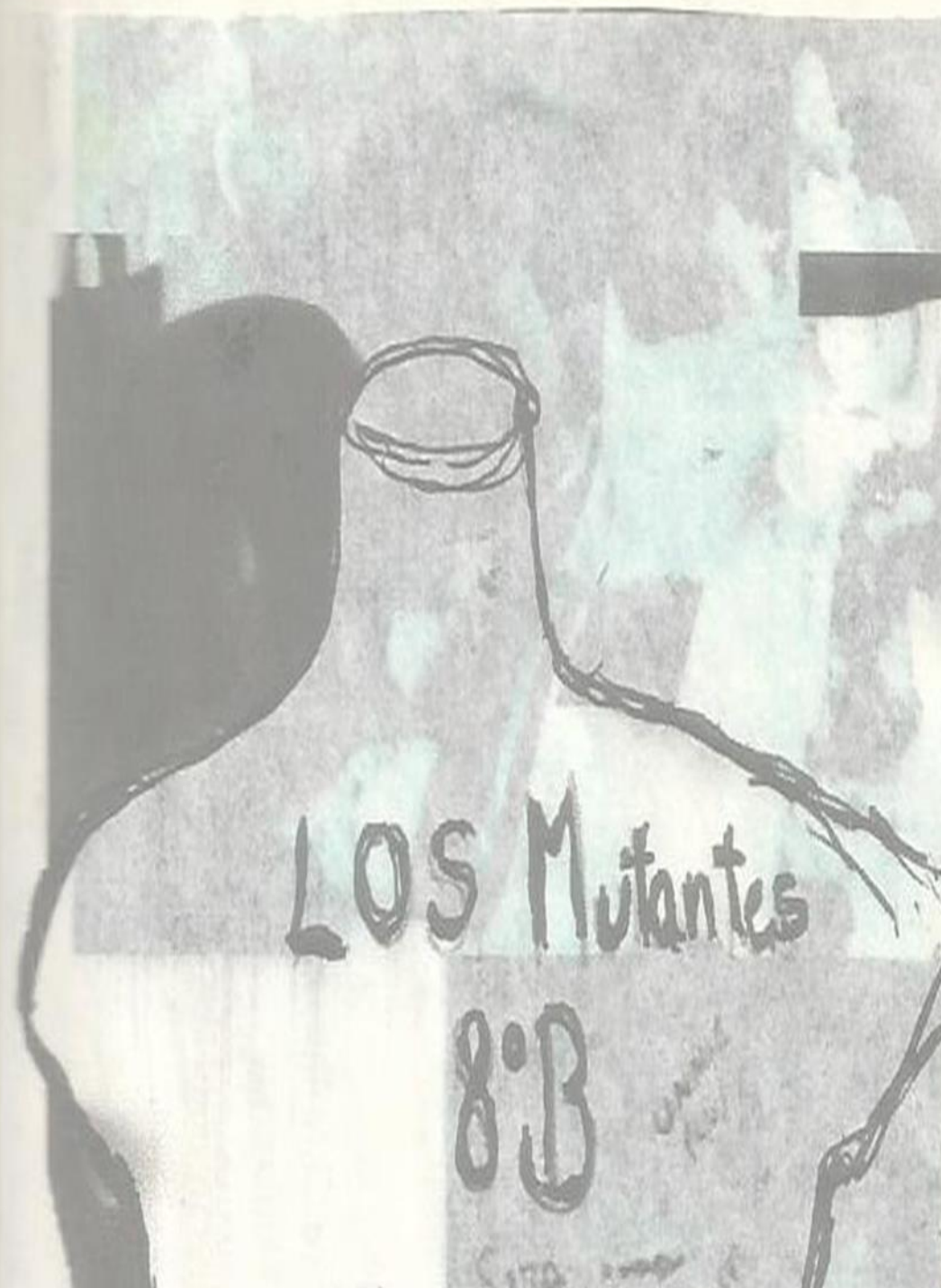


mudo alcion por sobre os mares
tudo a seu fim desata o canto;
do Sarão lá se despenha
das do Jordão: e' como a rosa,
do o cisne, do mar' entre os perfumes
os' son' uma Harpa interna em marra.

vanos
or que avista a vida
torrente, e como
ta' o cisne ir-se
do mar, a
qui — ~~Teo~~ ~~vão~~ cisne,
mir por clima estranh



LOS Mutantes

8:3

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

FABIANA BRANCHINA

**Experiências em movimento:
Corpos latejantes, dançantes, estáticos, inertes**

PORTO ALEGRE – RS

2017

FABIANA BRANCHINA

**Experiências em movimento:
Corpos latejantes, dançantes, estáticos, inertes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Zordan

PORTO ALEGRE – RS

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Branchina, Fabiana

Experiências em movimento: corpos latejantes,
dançantes, estáticos, inertes / Fabiana Branchina. --
2017.

159 f.

Orientadora: Paola Zordan.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto
Alegre, BR-RS, 2017.

1. Arte-educação. 2. Corpo. 3. Experiências. 4.
Vir a ser professora. 5. Poética. I. Zordan, Paola,
orient. II. Título.

FABIANA BRANCHINA

**Experiências em movimento:
Corpos latejantes, dançantes, estáticos, inertes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título Licenciatura em Artes Visuais.

Fabiana Branchina

Aprovado em Porto Alegre/RS. ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Paola Zordan - Instituto de Artes/UFRGS - Orientadora

Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi – Faculdade de Educação/UFRGS – Professor avaliador – 1º membro

Profa. Dra. Dorcas Weber - Instituto de Artes/UFRGS - Professora avaliadora – 2º membro

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso em Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem por objetivo agregar as experiências ao longo da vida, bem como no decorrer da graduação, as quais subjetivaram o corpo professora. Desafia as práticas convencionais e apresenta uma escrita autoral fundamentada nas *Notas sobre a experiência e o saber da experiência* de Jorge Larrosa, (2002), desesperadamente tentando colocar em movimento a fluidez do pensamento através da experimentação, ora poética, ora ficcional. Percebendo-me uma experimentadora de formas e formatos, de um corpo imagético, vibrátil, sensível, num mar de ondas indo e vindo de emoções, e de trocas com os diversos corpos do caminho, mostro minha vivência em sala de aula como estagiária no ensino formal e agenciadora em experiências clínicas na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, pensando correlações com as artes visuais.

Trago a temática do corpo intenso sendo construído e desconstruído cotidianamente para tratar das percepções do corpo professora, do corpo aluno, do corpo aluna, do corpo usuário da saúde mental. Principalmente a percepção dos corpos em si mesmos, corpos que desejam e anseiam. Resumindo, os afetos que proporcionam as experiências e os saberes em vivências. Tocando o outro, respeitando o outro, ouvindo o outro.

Palavras-chave: poesia, corpo, projeto educativo, diário.

LISTA DE SIGLAS

AA	Alcoólicos Anônimos
EEF	Escola Estadual de Ensino Fundamental
EJA	Educação para jovens e adultos
HPSP	Hospital Psiquiátrico São Pedro
MARGS	Museu de Arte do Rio Grande do Sul
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
RS	Rio Grande do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Turma do 8º ano B	16
Figura 2 - Turma do 6º ano A	19
Figura 3 - Fotografia da autora quando criança	25
Figuras 4 e 5 - Alunos do 6º ano A durante atividade	45
Figuras 6, 7 e 8 - Alunos do 6º ano A durante atividade	57
Figuras 9, 10 e 11- Espaço externo da Oficina de Criatividade	61
Figura12 - Academy, Cy Twombly, Academy, New York, 1995	69
Figuras13 e 14 - Trabalhos de usuários da Oficina de Criatividade, grafite e giz de cera s/papel, 2013, acervo da Oficina	70
Figuras15,16 e 17 - Trabalhos, diversas técnicas, dos usuários da Unidade de Desintoxicação, 2013	79
Figuras18,19 e 20 - Imagens do corpo-diário da autora	81
Figuras 21 e 22 - Manequim-diário da turma 8 B	91
Figuras 23 e 24 - Manequim-diário da turma 8 B	93
Figuras 25 e 26 - Criação do manequim-diário da turma 6 A	98
Figuras 27 e 28 – Vera Chaves Barcellos, <i>Epidermic Scapes</i> , 1977	106
Figuras 29, 30 e 31 - Alunos do 8 B em atividade	113
Figuras 32 e 33 - Marina Abramovic, <i>The artist is present</i> , 2010 e Turma 6 A experimentando a performance da artista	115
Figuras 34 e 35 - <i>New Look</i> ,1956 e <i>On Ice</i> , 1978	116
Figuras 36 e 37 - Postal para o futuro elaborado pela autora, frente e verso	126

- *E a faculdade, gostando?*
- *Adorando, pena que iniciei tão tarde.*
- *Não pense assim, iniciaste no momento certo.*

Dedicado à minha mãe e ao meu pai, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

Dos encontros, experiências marcantes

Rasgando o peito, muitas vezes, em dor e alegria

Do livro presenteado no meu aniversário pela amiga

Labirinto escrito em japonês, inspiração para meu projeto de cerâmica durante a graduação

Nós, crianças arteiras artistas explorando as brincadeiras

Das linhas, cortes, o ruído da máquina

O terno sendo materializado minuciosamente

A cada alinhavo, um lamento na voz de meu pai cantarolando uma canção italiana

Lembranças

Das pinturas de minha mãe sobre aquele pano bordado com tanto cuidado e amor, o gosto pelas tintas e a simplicidade

Daquela professora de artes no antigo segundo grau

Da minha prima que remexia palitos de madeira com arames na ponta

Por anos guardados, descobrindo a serventia durante as aulas de cerâmica

Anos mais tarde, de minhas mãos para as de um usuário da saúde mental,

Tão querido ao pegar aquele objeto e raspar no bloco de argila

Aquela pessoa que me acolheu em seus braços no momento difícil, uma amiga, a funcionária da limpeza da Oficina de

Criatividade, aquela outra facilitadora nas aulas de pintura

Das músicas, dos escritos e da linda luz irradiada pelo sol, daquela frequentadora da Oficina de Criatividade

Lágrimas ao lembrar

Vida.

No ateliê de cerâmica, em baixo, tom falei:

Professor isso foi o que consegui fazer

Uma maravilha, respondeu ele

Depois de trabalhar naquele vaso, parecido com uma urna, após a cremação de meu pai

Da professora de teoria da arte ao relatar que, se eu quisesse, poderia me aventurar na pesquisa

Um tapa na insegurança,

E a tantas outras professoras e professores no caminho

Admiração.

Sem esquecer minha família,

A irmã, nervosa, com minha angústia frente ao desespero em escrever meu trabalho

O meu filho sempre tão sensato em suas colocações.

Ao ambiente escolar, principalmente, os e às estudantes

Ao aceitar a professora estagiária

Assim como a professora de artes titular

Colegas da faculdade, todos e todas lembrados com imenso carinho

À colega mais que especial socorrendo nos apuros.

À professora integrante da banca e outrora, do estágio

Ao professor orientador do estágio obrigatório do curso de licenciatura em

Artes Visuais da UFRGS

Experiências essenciais para a minha formação

A ela, minha orientadora, desde o tempo do PIBID, com quem entendi o que a troca e o incentivo sensíveis, podem realizar

Ao estudar e ao buscar conhecer para aprender, desaprender e reaprender

Um eterno agradecer.

- *Eu acho que a arte faz isso: salva momentos.*

CAMPILHO M., em *Sangue Latino*.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	13
1 O PRINCÍPIO DO INÍCIO	14
2 O ME- MO- RI- AL	25
3 VIR A SER (professora estagiária)	34
3.1 Parada: na escola	37
3.2 - “Sora, tu aqui”?	56
3.3 PRoFesSora no Hospital Psiquiátrico São Pedro	61
4 O CORPO-DIÁRIO	80
4.1 Manequim-diário	89
4.1.1 Albert	91
4.1.2 Maggie	98
5 MAS O QUÊ? O CORPO	105
6 AS DIFICULDADES	119
7 POSTAIS PARA O FUTURO	124
8 CORPOS DIVERSOS COMO ASAS LATEJANDO, O FIM	127
REFERÊNCIAS	128
APÊNDICE: PROJETO DE ENSINO	135

PRÓLOGO

Escrever um trabalho de conclusão, desafio desesperado, querendo experimentar possibilidades, instigar a criatividade, provocando o corpo estagiária-professora a pensar de uma maneira mais interessante.

Mas o que é isso?

Uma escrita autoral nos trilhos de um novo formato.

Novo?

Não seria menos habitual?

Talvez

Pensamento fluiu, palavras brotando do solo resistente.

Brotos surgindo a partir das leituras

Páginas acrescidas de histórias, experiências

Corpos intensos reagiram

Saberes foram compartilhados

Martelando incertezas

Agrupando, pouco a pouco, cacos e poeiras

Em letras e imagens

Lentamente o texto surgiu.

1 O PRINCÍPIO DO INÍCIO

[..] diria, sem muito rodeio
No princípio era o meio
E o meio era bom
Depois é que veio o verbo
Um pouco mais lerdo
Que tornou tudo bem mais difícil
Criou o real, criou o fictício
Criou o natural, criou o artifício
Criou o final, criou o início
O início que agora deu nisso [..]¹

¹ TATIF, Luiz. O meio. 2000. (disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/luiz-tatit/164839/>> Acesso em: 19 nov. 2017, 21h). Em 1951 Luiz (Augusto de Moraes) Tatif nasce na cidade de São Paulo (Brasil), bairro de Pinheiros, aos 23 de outubro. É músico, linguista e professor universitário brasileiro. (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Tatit>. Acesso em 19 nov. 2017, 21h30min).

Do que se trata?

Relatos das experiências do corpo Fabiana, da infância à idade adulta, das coisas e objetos, dos encontros e desencontros com pessoas, estes diversos corpos com os quais a interação acrescentou à subjetivação do vir a ser professora.

Tal qual a concha na beira do mar, encostada ao pé do ouvido para perceber os sons. Quais sons, quais palavras?

Não importa, ouvir apenas ouvir.

Ouvir o que meu corpo desejava e o que repelia.

O papel do orelhão no meio do caminho.

Audição, sentido.

Ouvir com o ouvido, com os olhos, com a pele, com o corpo, nesse momento, um entendimento para permitir-se ouvir outro corpo em suas reações aos sentimentos e emoções.

Das experiências do corpo estagiária, ouvindo estudantes no ensino formal e usuários e usuárias da saúde mental durante as atividades na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, elaborei o projeto de ensino², durante o estágio docente obrigatório do curso de Licenciatura em Artes Visuais. A partir do qual coloquei em prática a vivência do corpo em sala de aula, utilizando referências teóricas sobre o corpo na história da arte, na moda, na publicidade e na sociedade.

Além da interação dos sujeitos sem voz, aqueles que não são ouvidos, com os alunos e alunas do Ensino Fundamental da rede pública do município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e com o corpo estagiária em toda sua insegurança, apreensão e

² Projeto de ensino: proposta de trabalho do docente em determinada disciplina, consiste desdobramentos em planilhas ou planos de aula, realizados com antecedência e pensado a partir das características etárias da turma. (ZORDAN, 2011, p. 32).

expectativas, percebendo-se uma eterna aprendiz no que se transfigurou num vir a ser professora, ora professora, novamente vir a ser, ser, vir a ser.

Figura 1: Turma do 8º ano B



Fonte: fotografia da aluna C. (2016)

A universidade e o ambiente escolar são espaços em movimento (nos quais transitei durante o estágio obrigatório e onde afetos foram trocados, reconhecidos, fortalecidos). Corpos se locomovem de uma sala a outra. Foi a partir das observações nesses

locais que decidi trazer a experiência em movimento desses corpos na temática do projeto de ensino para as aulas de artes visuais na escola, onde percebi que tanto a turma do sexto ano A quanto a do oitavo B, mostravam mais interesse nas aulas de teatro. Lá, na sala de teatro, os corpos respondiam aos exercícios corporais e respiratórios. Braços estendidos, o caminhar em câmera lenta, o remexer da cabeça ao som da música, o riso angustiado, o riso alegre, o riso contido, a gargalhada alta, as encenações aconteciam. Mas, e aquele aluno no canto foi recolhendo-se pouco a pouco, rosto fechado, uma aparente tristeza, e aquela aluna negando-se a fazer o exercício vocal, o rosto ora tranquilo transfigurava-se.

Encenações aconteciam?

Eu, sentada na cadeira, meus olhos de um lado ao outro, balançava meus pensamentos a cada eco de voz dos alunos, e pensava: meu projeto de ensino terá como objetivo apresentar o movimento dos corpos como reflexão da vida social e cultural dos indivíduos que estruturam o corpo escolar, levando em conta a demanda desses mesmos corpos no contexto de suas próprias experiências de vida. Dos corpos plurais com os quais convivemos em sociedade e em nossos círculos particulares. Não ressaltando o corpo anatômico, mas o corpo imagético, aquele corpo pulsante, latejante, dançante, estático, inerte em suas transformações e em seus desesperos.

Nesse percurso, vou transitar pela história da arte e os movimentos artísticos para pensar a arte no cotidiano e na diversidade, em suas conexões com todas as formas de conhecimento.

Nas observações em sala de aula, poucos períodos de artes visuais foram vistos, em função de a professora intercalar a aula de Ensino Religioso e de Teatro com as de Artes Visuais. E essas, não me encantaram tanto, não tinham a mesma força do teatro. Os alunos sentados nas classes, atividades em folha A4, uso da régua, transferidor, lápis preto, lápis de cor e caneta hidrográfica, trabalhando símbolos na construção da bandeira nacional, na composição do desenho geométrico, na aula de simetria criativa (formas geométricas duplicadas e espelhadas), na ilustração de *charges*, no desenho de observação a partir de imagens de revistas, entre outras atividades.

Aproximando-se o fim das observações do Estágio I³ fui convidada a conhecer a sala de artes, quando ajudei a professora a organizar os materiais e escolher o figurino para a apresentação da peça que estavam ensaiando para a festa junina. Nesse dia senti o meu projeto de ensino tomando corpo, ajustando minhas planilhas de aula⁴ com o programa de ensino da escola e, certamente, com o projeto da professora de artes oficial da escola.

As últimas aulas de Artes Visuais observadas no sexto ano foram uma surpresa, revelaram uma realidade totalmente nova para mim. Na sala de artes os alunos e as alunas trabalharam com matriz confeccionada por eles e tinta guache para impressão em papel. Foi literalmente uma festa, animação e participação de todos os estudantes na atividade. A sujeira também foi proporcional à motivação. Uma clareza interna movimentou meus sentidos, direcionando o meu trabalho em outra via e, assim, tive mais facilidade para construir o plano de ensino, em anexo, para esta turma.

Foram mais de quarenta hora-aulas de observação no sexto ano, sétimo, oitavo e nono, sendo a maioria com as turmas 6A e 8B. Além do período vago entre as duas aulas da quarta-feira, onde aproveitei para conhecer a escola, observar os alunos no recreio, conversar com outros professores nas salas deles. Bem como, participar do sarau literário nas aulas de português, trabalhar na banca das argolas⁵ na festa junina e na apresentação da novela *Casamento na roça*, como assistente de figurino, no meio da plateia juntamente com os alunos, experiência que me aproximou mais do oitavo ano.

³ Estágio I: a disciplina de Estágio de Licenciatura em Artes Visuais D UFRGS, subdivide-se em Estágio I, com orientações em grupo na universidade e quarenta horas aula de observações em duas turmas, preferencialmente uma do Ensino Fundamental e outra do Ensino Médio, na escola definida para a realização desta etapa. E Estágio II, definido pela prática docente nas mesmas turmas observadas durante o estágio I, fechando quarenta horas aula. No estágio I, além das observações é elaborado o projeto de ensino para a prática, no estágio II. (Nota da autora).

⁴ Planilhas de aula: documento que especifica, aula por aula, o que vai ser feito. Além de apontar os materiais a serem levados ou solicitados pelos alunos, a planilha pode conter um cronograma de passos que estipula o tempo de cada procedimento. Imprescindível para quem inicia, seja em oficinas, estágios de curta duração e outros projetos com tempo restrito. (Zordan, Paola. *Iniciação à docência em Artes Visuais Guia e experiências*. 2011, p. 51).

⁵ Jogo das argolas: consiste em uma brincadeira comum em festas juninas, onde cada participante recebe seis argolas para arremessa ou em garrafas ou hastes de madeira, quem conseguir acertar todas as argolas no apoio, ganha um prêmio, geralmente os objetos doados para a festa. (Nota da autora).

Figura 2: Turma do 6º ano A



Fonte: fotografia da autora. (2016)

Outro fator importante foi a ótima infraestrutura e ambiente para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o EJA (Educação para Jovens e Adultos), o quadro completo de professores e os funcionários.

A grande maioria dos alunos era integrante da comunidade escolar e minha familiaridade com a escola facilitou a adaptação, apesar de ter sido minha última escolha para realizar o estágio. Acredito, hoje, foi o local ideal, e aproveitei ao máximo esse período.

O meu projeto de ensino, com as quarenta planilhas de aula, foi o roteiro para as práticas, passível de mudanças a partir da demanda dos alunos, da programação da escola e do meu próprio movimento nesse processo.

Partindo das observações e dos dados produzidos, decidi as referências mestras para a elaboração do projeto de ensino, a ser colocado em prática nas turmas sexto ano A e oitavo B. Jorge Larrosa Bondia⁶ foi fundamental para a relação entre a estagiária e os estudantes, com a proposta de “pensar a educação a partir do par experiência / sentido” (2002, p. 01), evitando o excesso de informações e permitindo momentos de interrupção, ou seja, dar-se um tempo para sentir e dar um tempo ao outro, e respeitar esse tempo e o seu modo de ser.

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (Larossa, 2002, p. 24).

⁶ Jorge Larrosa Bondia, aragonês, nascido no final da década de cinquenta, é professor de Filosofia da Educação do Departamento de Teoria e História da Educação da Universidade de Barcelona. É doutor em pedagogia e realizou estudos de pós-doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Londres e no Centro Michel Foucault da Sorbonne em Paris. Foi professor convidado em várias universidades europeias e latino-americanas, e, especialmente, no Brasil, onde há vários anos vem participando de congressos, projetos de pesquisa e bancas examinadoras. Disponível em: <http://www.seminarionupec3.com.br/resources/anais/21/1373289847_ARQUIVO_TrabcompletoIIINUPEC_01072013.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2017, 21h02min).

Dos movimentos artísticos destaquei a performance, onde surge o foco do corpo, como nos trabalhos de Marina Abramovic⁷, Flávio de Carvalho⁸ Lygia Pape⁹, Daniel Arsham¹⁰ e Vera Chaves Barcellos¹¹. Experimentei uma conexão das artes visuais com a disciplina de Inglês, num projeto interdisciplinar com o estagiário do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, abordado mais adiante em outro capítulo.

⁷ Marina Abramović (em russo, com alfabeto cirílico: Марина Абрамовић, pronúncia em servo-croata (Belgrado, Sérvia, 30 de novembro de 1946) é uma artista performática que iniciou sua carreira no início dos anos 70 e manteve-se em atividade desde então. Considera-se a “avó da arte da performance”. Seu trabalho explora as relações entre o artista e a plateia, os limites do corpo e as possibilidades da mente. (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marina_Abramovi%C4%87>. Acesso em 19 nov. 2017, 21h17min).

⁸ Flávio de Carvalho, nascido no dia 10 de agosto de 1899 em Barra Mansa, no Rio de Janeiro, mas, nos dias de hoje, é fácil poder nomeá-lo como grande representante do Movimento Modernista. Entre suas várias áreas de atuação, pintura, arquitetura, teatro, figurinos e performances, o que mais se exaltava era o seu interesse pelo experimental, a total fuga das regras e formas academicistas de tratar a arte. (Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biografias/flavio-de-carvalho/>> Acesso em: 19 nov. 2017, 21h30min).

⁹ Lygia Pape (Nova Friburgo, 1927 — Rio de Janeiro, 3 de maio de 2004) foi uma gravadora, escultora, pintora, cineasta, professora e artista multimídia brasileira, identificada com o movimento conhecido por neoconcretismo. (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lygia_Pape> Acesso em 19 nov. 22h43min).

¹⁰ Daniel Ashram nasceu em Cleveland, Ohio, Estados Unidos. Vive e trabalha em Nova Iorque, Estados Unidos. Conhecido por transformar o rotineiro em algo espetacular e surreal e guiado por conceitos arquitetônicos, o multiartista Daniel Arsham transita entre pintura, escultura, instalações, set design e performances de dança. (Disponível em: <http://arteref.com/exposicoes-2/Daniel-ashram-baro-galeria/>. Acesso em 19 nov., 23h12min).

¹¹ Vera estudou no Instituto de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nos anos 1960, complementou seus estudos em cursos de pintura, gravura e desenho na Holanda e França. De volta ao Brasil, trabalhou inicialmente com gravura em metal no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. No início da década de 1970, através de uma bolsa do British Council, Vera aprofundou seus conhecimentos em fotografia e técnicas gráficas no Croydon College em Londres. Passou então a trabalhar com fotografia e em seguida partiu para trabalhos mais conceituais, misturando técnicas como xilogravura e serigrafia a novas possibilidades de expressão. Em 1976, representou o Brasil na Bienal de Veneza com o trabalho "Testarte Participou do grupo Nervo Óptico (1976-78) e foi uma das fundadoras do centro de cultura alternativa Espaço N.O. (1979-82) em Porto Alegre, que veio a se tornar referência nacional para a produção artística contemporânea, construindo e ajudando a divulgar manifestações artísticas em novas mídias. (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vera_Chaves_Barcellos>. Acesso em 19 nov. 23h57min).

Nas referências, entremeio as obras dos artistas Rosana Paulino¹² Leonilson¹³ e Bispo do Rosário¹⁴, com o intuito de abordar temas cotidianos: o padrão de beleza na mídia, a moda, gênero, preconceitos, violência, homofobia, machismo, racismo e outros temas, criando a possibilidade de conhecer os artistas e suas respectivas obras para uma percepção de seus próprios corpos, necessidades, respeitando, assim, seus interesses e vontades.

De que modo?

¹² Rosana Paulino. Artista Visual, pesquisadora e educadora brasileira. Doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo ECA/USP, é especialista em gravura pelo London Print Studio de Londres e bacharel em gravura pela ECA/USP. Foi bolsista do programa Bolsa da Fundação Ford nos anos de 2006 a 2008 e CAPES de 2008 a 2011. Em 2014 foi agraciada com a bolsa para residência no Bellagio Center da Fundação Rockefeller, em Bellagio, Itália. Como artista vem se destacando por sua produção ligada a questões sociais, étnicas e de gênero. Seus trabalhos têm como foco principal a posição da mulher negra na sociedade brasileira e os diversos tipos de violência sofridos por esta população decorrente do racismo e das marcas deixadas pela escravidão. (Disponível em: < <http://www.rosanapaulino.com.br/>>. Acesso em: 19 nov. 23h35min).

¹³ Leonilson (Fortaleza CE 1957 - São Paulo SP 1993) Pintor, desenhista, escultor. Em 1961, José Leonilson Bezerra Dias muda-se com a família para São Paulo. Entre 1977 e 1980, cursa educação artística na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), onde é aluno de Julio Plaza (1938-2003), Nelson Leirner (1932). A obra de Leonilson é predominantemente autobiográfica e está concentrada nos últimos dez anos de sua vida. Segundo a crítica Lisette Lagnado, cada peça realizada pelo artista é construída como uma carta para um diário íntimo. Em 1989, começa a fazer uso de costuras e bordados, que passam a ser recorrentes em sua produção. Em 1991, descobre ser portador do vírus da Aids e a condição de doente repercute de forma dominante em sua obra. Seu último trabalho, uma instalação concebida para a Capela do Morumbi, em São Paulo, em 1993, tem um sentido espiritual e alude à fragilidade da vida. Por essa mostra e por outra individual realizada no mesmo ano, recebe, em 1994, homenagem póstuma e prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA). No mesmo ano de sua morte, familiares e amigos fundam o Projeto Leonilson, com o objetivo de organizar os arquivos do artista e de pesquisar, catalogar e divulgar suas obras. (Disponível em: <<https://www.escrioriodearte.com/artista/jose-leonilson/>>, Acesso em: 19 nov. 2017, 24h23min).

¹⁴ Arthur Bispo do Rosário (Japaratinga, Sergipe, 14 de maio de 1909, ou, segundo outras fontes, 16 de março de 1911 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 5 de julho de 1989) foi um artista plástico brasileiro. Considerado louco por alguns e gênio por outros, a sua figura insere-se no debate sobre o pensamento eugênico, o preconceito e os limites entre a insanidade e a arte no Brasil. A sua história liga-se também à da Colônia Juliano Moreira, instituição criada no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX, destinada a abrigar aqueles classificados como anormais ou indesejáveis (doentes psiquiátricos, alcoólatras e desviantes das mais diversas espécies). (Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Bispo_do_Ros%C3%A1rio> Acesso em 23 nov. 2017, 15h33min).

Para isso, elaborei um corpo diário (expressão dada por mim, e desenvolvido pelo coletivo de estudantes das turmas 6ºA e 8ºB), ou seja, para o sexto ano foi a criação de um modelo desenhado sobre um tecido, de onde surgiu a *Maggie*, no qual foram sendo realizadas intervenções durante os três meses de estágio. Na figura contornada sobre o tecido, os alunos escreviam as características do corpo. No oitavo ano, o objeto empregado foi um meio manequim masculino, desses utilizados em lojas de roupas, o qual foi batizado de *Albert*, que foi adquirindo características dadas pela turma.

Definidas as referências e a metodologia, hora de agir. O tornar-se professora em sua prática.

Insegurança?

Certamente, um misto emocional borbulhando.

Tanto receio, por quê?

Enfrentar uma turma com vinte e cinco alunos pela primeira vez assusta, é apavorante só de imaginar, mas agora, no meio, a respiração está mais leve e o pensamento flui. Opa, até a primeira pedra no caminho, sim.

Muitas virão. É preciso removê-las.

Durante a prática em sala de aula nada é definitivo, e estamos todos ali, corpos que sentem e demonstram suas angústias, alguns mais, outros menos, e tem aqueles que não sentem nada, é o que aparentam.

Como construir um corpo intenso?

“Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide” (DELEUZE; GUATTARI, ano 1996, p.11) aprendi em *Mil Platôs* de Deleuze e Guattari, volume três, referencial para o início, meio e fim do vir a ser professora: corpos pensantes, distintos, diversos, movimentando-se no ambiente escolar, sentidos, afetos, intensidade, experimentação, e isso é o que me interessa e a razão desse projeto.

Garatujas, sob
resquícios da mi-
O SOLDADO ESPANHOL

minhas primeiras
tentativas para
escrever, I remeten-

do ^{Oh! qui révélera les troubles, les mystères}
^{Que ressentent d'abord deux amants solitaires}
dans l'abandon d'un chaste amour?

aula da M. ^{Amour et Foi.}

O céu era azul, tão meigo e tão brando,
A terra tão êrma, tão quieta e saudosa,
Que a mente exultava, mais longe escutando
O mar a quebrar-se na praia arenosa.

O céu era azul e na côr semelhava
Vestido sem nódoa de pura donzela;
E a terra era a noiva que bem se arreava,
De flores, matizes; mas vária, mas bela.

Ela era brilhante,
Qual raio do sol;
E ele arrogante,
De sangue espanhol.

Ele espanhol muito amava
A virgem mimosa e bela;
Ela amante, êle zeloso
Das sombras da donzela;
Ele não nobre e folgando
De chamar-se escravo dela!

Elle disse: — Vês o céu? —

Elle disse: — Vejo, sim;

Mais polido que o polido

De teu céu azul cetim.

Torna-me ele... (oh! quanto é doce
Passar-se uma noite assim!)

— Por entre os vidros pintados

Da greja antiga, a luzir

Não vês luz? — Vêo. — Não sentes

De a veres, meigo sentir?

— É doce ver entre as sombras

A luz do templo a luzir!

— E a mar, além, preguiçoso

Não vês tu em calmaria?

— E a brava mar, quanto

Só de o ver, melancolia.

— Que mais o teu rosto enfeita

Que a brava mar

— E eu também acho em ser triste

Do que alegre, mais prazer;

Sou triste, quando em ti penso

Que só me falta morrer;

Mesmo a tua voz saudosa

Vem minha alma entristecer.

2 O ME-MO-RI-AL

Certo, a história poderia começar assim. Sentada na cadeira tapete-voador, a parede servindo de encosto para a minha cabeça, flutuo em pensamentos, para além das ondas. Ondas, essas, refletidas nos vidros da janela retangular, de onde “um “S” de cabelos” escorrega para cair no mar. Mar de um azul espumante que beija a areia branca. Areia, em que eu brincava pela primeira vez aos seis meses de idade, imagem imortalizada pela fotografia amarelada, mostrando as mãos cobertas de grãos finos daquele bebê deitado na beira da praia.

Figura 3: Fotografia da autora quando criança



Fonte: Álbum de família

Como o tempo é rápido, lá se foram quatro décadas. Para minha surpresa, mistérios que a vida presenteia, deparo-me com outra foto mais recente, de dois anos atrás, com a imagem daquele bebê, hoje, adulta, diante do mesmo mar, da mesma areia, nem tão branca e suave, mas densa e úmida, pelos beijos das ondas espumantes em meus pés. Curiosa transformação dessa estrutura envidraçada, ora em criança, ora em adulta, e nesse balançar de águas mescla lembranças e sentimentos há muito esquecidos, tão bem guardados na memória. É uma viagem introspectiva que se apresenta nos reflexos dos vidros, às vezes, interrompida pelos suspiros de algum caminhante esbaforido ao subir os lances da escadaria que levam ao quinto andar. Ah, suspiros.... Ah, quinto andar! Vou guardar-te pela lente da câmera, para quem sabe, numa próxima viagem interior das lembranças solitárias e coletivas, colorir minha história até o fim. Recordando o início da graduação, o quinto andar da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde as mais preciosas experiências aconteceram desde meu mergulho na educação das Artes Visuais.¹⁵

Faz-me sentir o vento frio no rosto lançados em forma de flechas das recordações invernais ao iniciar esse memorial. Em um dia de outono, no mês de junho, eu nascia na cidade ventania, Osório/RS. Cresci em um ambiente criativo, entre linhas e tecidos, vendo de perto a criação de peças para vestuário por um exímio alfaiate profissional, meu pai, com quem aprendi a costurar. Tive a chance de manusear esses materiais, construindo minhas primeiras peças e iniciando mais tarde, cursos de corte e costura moda e modelagem, proporcionando meu trabalho atual. Minha mãe gostava de pintura, com ela arrisquei manchas com tintas.

Com irmão e irmãs entrei em contato com a pintura na parede, atual *grafite*? Talvez, estávamos em plena ditadura e as paredes dos quartos carregavam os protestos, além das linhas e traçados nos papéis.

Aos sete anos desenhei meu primeiro retrato, deslizando o lápis na folha quadriculada, capturei minha irmã mais velha.

¹⁵ Texto produzido na disciplina Psicologia da Educação: a Educação e suas Instituições, 2013. (Nota da autora).

Foi na infância que comecei a mostrar interesse nas artes, em seus diversos campos. Gostava muito de música, poesia, desenho e pintura, filmes e, (por que não citar?), das habilidades manuais da costura e da malharia, especificamente o tricô. Na escola as atividades de artes aconteciam nas aulas de técnicas industriais. Ainda lembro bem do pincel lambuzado de tinta para formar imagens em objetos de cerâmica, dos entalhes contornando linhas e formas na madeira, do cheiro da fumaça ao queimar desenhos e letras com o pirógrafo.

E como esquecer das aulas de música? Impossível.

A música permeou minha infância e adolescência. São claras as influências paternas, meu pai um italiano radicado no Brasil, amava música, cresci ouvindo sua voz melódica pela casa, às vezes em dueto com uma das minhas irmãs que cantava no coral do Colégio Dom João Becker. A família respirava criação, leigos todos, mas tais experiências fortaleceram minha escolha pelas Artes Visuais.

Quando minha irmã ganhou um violão, fui estudar instrumento clássico, teoria e solfejo. Restringi aos quatro anos básicos, recebendo meu diploma no final do curso, quando me encontrava professora de violão na própria escola a convite da diretora, e com meus próprios alunos e alunas em casa. As aulas eram individuais, de cinquenta minutos aproximadamente. Iniciava-se com o manuseio do instrumento, identificando e experimentando todos os seus componentes, seguindo-se de muitos exercícios de cifras e de introdução à partitura musical. Sem dúvida, essa foi a minha primeira experiência com a educação não formal.

— E eu sou feliz, como agora,
Quando me falas assim;
Sou feliz quando se riem
Os lábios teus de carmim;
Quando dizes que me adoras,
Eu sinto o céu dentro em mim.

Meu primeiro

— És tu só meu Deus, meu tudo,
És tu só meu puro amar,
És tu só que o pranto podes
Dos meus olhos enxugar.

Com ela repete o amante:
És tu só meu puro amar!

E o céu era azul tão meigo e tão brando
E a terra tão serena, tão só, tão saudosa
Que a mente exultava, mais longe esbarrando
O mar a quebrar-se na praia arenosa!

a Marcia.

II

Ainsi donc aujourd'hui, demain après encore,
Il faudra voir sans toi naître et mourir l'aurore!
Tinha seus olhos Hugo.

E o espanhol viril, nobre e formoso,
No bandolim sete
Seus amôres dizia mavioso,
Cantando assim: anos.

“Já me vou por mar em fora
Daqui longe a mover guerra,
Já me vou, deixando tudo,
Meus amôres, minha terra.

“Já me vou lidar em guerras,
Vou-me à Índia ocidental;¹⁵
Ei-la de ter novos amôres....
De guerras.... não temas al.

Marcia

“Não chores, não, tão coitada,
Não chores por t'eu deixar;
Não chores que assim me custa
O pranto meu sofrer.

“Não chores! — sou como o Cid
Partindo para a campanha;
Não ceifarei tantos louros,
Mas terei pena tamanha”.

E a amante que assim o via
Partir-se tão desditoso,
— Vai, mas volta; lhe dizia:
Volta, sim, vitorioso.

“Como o Cid, oh! crua sorte!
Não me vou nesta campanha
Guerrear contra o crescente,
Porém sim contra os d'Espanha!

“Não me aterram; porém sinto
Cerrar-se o meu coração,
Sinto deixar-te, meu anjo,
Meu prazer, minha afeição.

(15) A edição de 1865 não traz crase.

A escola de música situava-se perto da minha residência. Com o violão debaixo do braço, lá ia eu no vento frio do inverno de Porto Alegre. Mais uma vez, o vento presente na minha história, como na imagem das horas do recreio no grupo escolar onde iniciei meus estudos. Eu e minhas colegas mais próximas, de pé, bem juntinhas em frente a duas pedras grandes, costumávamos sentar para conversar e nos proteger do vento minuano, que acariciava nossas faces deixando-as avermelhadas de tanto frio. Eu gostava da sensação, fazia me sentir em segurança e em casa. Isso era bom para a aluna tímida dentro da sala de aula, os ventos litorâneos influenciavam e inspiravam de certa forma meus trabalhos escritos ou que envolviam desenho. Meu gosto pela leitura apareceu desde cedo, e até hoje sou fascinada pelos livros infanto-juvenis. Lamento profundamente ter perdido o livro que escrevi, meu primeiro livro, o qual illustrei com lápis preto e pinteí colorindo a minha própria estória, costurando uma a uma as pequenas páginas do meu grande feito, deveria estar com nove anos, o que me contaram. Ao ingressar no Ensino Médio (antigo segundo grau) em outra escola, decidi pelo curso Técnico em Desenho Publicitário, sonhando em trabalhar como desenhista, nunca concretizado. Durante o primeiro ano, sofri uma experiência marcante nas aulas de Publicidade. Ao apresentar ao professor e ao grande grupo um trabalho sobre uma campanha publicitária para um comércio de frutas e verduras, meu professor não acreditou que eu fizera a pintura ali anexada, que se constituía de uma flâmula com frutas pintadas à têmpera. Como foi desagradável ser desacreditada pelo professor na frente de todos, mas o que poderia se transformar num “trauma” me incentivou a seguir em frente e acreditar em mim. Com isso, aprendi uma grande lição: nunca repetir com outra pessoa a atitude de meu professor, seja no âmbito profissional e pessoal. Refletindo sobre o papel do educador, acredito ser o de um facilitador que não detém a “verdade” do conhecimento, mas aquele que permite uma aprendizagem sem censura e punição.

Nessa época, também demonstrei interesse pelo museu de Porto Alegre. São muitas as recordações de entrar no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) sempre que ia ao centro da cidade, muitas vezes sozinha. Eu e as obras, em especial as

pinturas imensas de Di Cavalcanti¹⁶ e as esculturas em pedra, penso serem de pedra. Não me lembro das informações e nomes de alguns artistas, muito menos das obras, mas tinha uma em especial que eu batizei carinhosamente “a dona redonda”. Eu adorava aquela escultura. Abduzida por seu mistério, ficava horas contemplando-a e conversando com ela, gerando um sentimento de infinitude, pois eu era uma pequena formiga diante do seu tamanho, ao menos assim é como me recordo dela.

Esses todos, meus passos em direção às Artes Visuais.

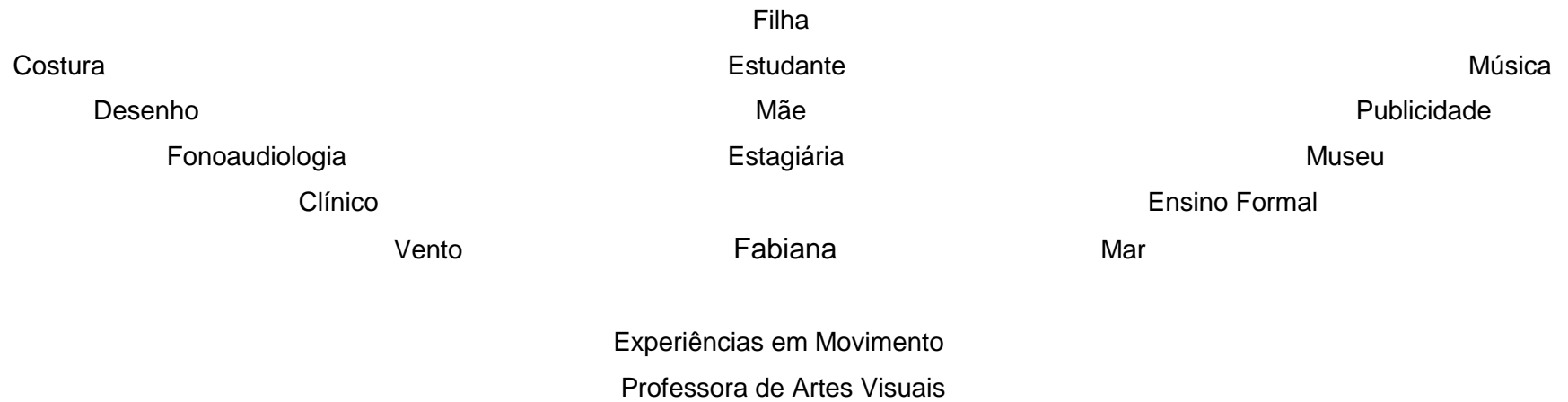
Chegou o vestibular, ah! o vestibular. Maldita matemática que atrasou meus planos em cursar Artes Plásticas na UFRGS. Após algumas tentativas frustradas e outros acontecimentos em minha vida, o sonho hibernou por um longo tempo. Veio o casamento com um cantor e desenhista. Juntos, trabalhamos com serigrafia.

Aprovada no curso de Fonoaudiologia em 1994, iniciei os estudos. As disciplinas que mais atraíram a minha atenção foram Anatomia, com muitos desenhos e pinturas de corpo humano, partes, órgãos, sistemas, prática em laboratório, e a de Expressão corporal e vocal. Alguns anos na superfície, ou melhor, boiando nessa faculdade, nunca esquecendo as Artes, até fazer a inscrição para o vestibular e concluir um curso de desenho preparatório para a prova específica. Era o ano de 2010.

Finalmente, matrícula efetivada em Licenciatura em Artes Visuais. Assim, mergulhei na graduação com as aulas sobre a história da arte e ateliês de desenho, pintura, cerâmica, escultura, aquarela e gravura, ministradas no Instituto de Artes, e as aulas teóricas na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

¹⁶ Di Cavalcanti (1897-1976) foi pintor brasileiro nascido no Rio de Janeiro. Um dos primeiros artistas a pintar elementos da realidade brasileira, como festas populares, favelas, operários, o samba etc. Foi um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna de 1922. (Disponível em: https://www.ebiografia.com/di_cavalcanti/ Acesso em 20 nov. 2017, 24h48min).

C O R P O



E isto a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. (Larrosa, 2002, p.21)

E o templo majestoso, em cuja nave
Suspira ainda a nota maviosa,
O derradeiro arfar d'órgão solene.

Em puro céu a lua resplandece,
Melancólica e pura, semelhando
Gentil viúva que pranteia o extinto,
O belo espôso amado, e vem de noite,
Vivendo pelo amor, malgrado a morte,
Ferventes orações chorar sôbre êle.

Eu amo o céu assim, sem uma estrêla,
Azul sem mancha — a lua equilibrada
Num céu de serenidade e o frescor da tarde,
E o silêncio da noite adormecida,
Que imagens vagas de prazer desenha; ²³
Amo todo o que dá no peito e n'alma
Trêguas ao recordar, trêguas ao pranto,
A vênêcia da dor, à pertinácia
Tenaz e acerba de cruéis lembranças;
Amo estar só com Deus, porque nos homens
Achar não pude amor, nem pude ao menos
Sinal de compaixão achar entre-êles.

Menti! — um inda achei; mas êste em ócio
Feliz descansa agora, enquanto aos ventos
E ao cru furor das verde-negras ondas
Da minha vida a barca aventureira
Insano confiei em céu diverso

(23) Substituímos a vírgula, que vem nas edições de 65 e 77, por ponto e vírgula.

Iluminada com luz diversa estrêlas d'ambos.
Quilibrada, que houve tempo em que eu julgava
Ser duas, uma só — co'o mesmo brilho
Iluminando os céus meigas brilhavam!
Iluminando a vida, enquanto a minha
Iluminando meus, sem luz, se perde agora.
Iluminando, tal como assim! No imenso pego
Iluminando uma gota d'amargor que importa?
Iluminando a vida na taça do absinto,
Iluminando a dor de mais onde outras reinam?



Projeto Livro de Cerâmica

UFRGS - 2010

Esse lugar e hora que lhe permitem a reafirmação de seu amor absorvente:

"Ver-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E êste pranto dolorido
Deixar correr a teus pés."

Ana Amélia, porém, está muda.

"Nem uma voz me diriges!...
Julgas-te acaso ofendida?"

E revive tôdas as incertezas e aflições daquele momento decisivo, em que jogou sua vida, mais nela pensando, pensando mais em sua felicidade do que em si mesmo:

"Mas lembrem-te aquêles feros
Corações, que se meteram
Entre nós; e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!

Oh! se lutei!... mas devera
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos ditérios seus!

Devera, podia acaso
Tal sacrificio aceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

Devera, sim; mas pensava
Que de mim te esquecerias,
Que, sem mim, alegre dias
T'esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dor!

Que me enganei, ora o vejo:
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime;
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

Tudo, tudo; e na miséria
Dum martírio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei;
"Ela é feliz (me dizia)
"Seu descanso é pra minha".
Negou-me a sorte mesquinha...
Perdoa que me enganai!"

É o reconhecimento do erro tremendo de sua vida:

"Enganei-me!... Horrendo caos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não pode voltar atrás!

Amarga irrisão! reflete:
Quando eu gozar-te pudera,
Mártir quis ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, mais nada!

Pudera ter sido feliz, pudera ter unido o seu destino ao dela, que outro seria. Mas, agora, só resta pensar que a ventura de Ana Amélia por Deus fôra posta em seu caminho e por êle malbaratada:

"E eu! eu fui que a não quis!"

3 VIR A SER (professora estagiária)

Por que poemas de Gonçalves Dias em meio ao texto?

Meu estágio obrigatório realizou-se na Escola Estadual de Ensino Fundamental Gonçalves Dias, na Zona Norte de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Uma das propostas foi a de elaborar um diário de bordo, onde pudessem ser registradas dúvidas, sugestões, bibliografia, enfim, os acontecimentos referentes a esta etapa da graduação em Licenciatura em Artes Visuais. Trazia em mãos o livro *Poemas completos* de Gonçalves Dias, de 1957, capa dura vermelha, pequenino e espesso, com o perfil do poeta gravado ao centro. Lembrava uma Bíblia. Então, a minha Bíblia do estágio, onde escrevia tudo o que se passava, desenhava em suas páginas, conversava com o poeta intercalando minhas falas com as dele, servindo de inspiração para o início da minha prática com as turmas que assumiria mais adiante. Denominei-o corpo-diário, esmiuçado em um capítulo posterior. O corpo-diário do meu estágio, cujas páginas intercalam-se com a escrita do meu trabalho de conclusão.

Gonçalves falava muito em erro. E conflitos em torno desses erros e pertinentes a seu próprio corpo. Poderia eu, afirmar que ele não percebia ser ele, o homem autor, escritor, poeta, o corpo Gonçalves?

Tantas vezes referia o termo erro, o grande erro. O dualismo erro/acerto gerava muita angústia.

Assim, nessa dualidade, minhas indagações frente ao início do estágio, eram uma constante. E durante a prática se intensificaram:

certo/errado

bem/mal

sim/não

Sistemas dualistas aos quais fomos submetidos desde o nascimento, os quais nos tornaram e, não nos tornamos confrontando-me, no tornar-se professora. Os temores do poeta muitas vezes se confundiam com os meus.

Percebia-me nessas indagações, e no tanto que esses dualismos me afrontavam, até permitir fluir sentidos e possibilidades entre o sim e o não, entre o certo e o errado. Existem o corpo, as sensações, as relações entre os corpos e as trocas no exercício da docência.

Deixando de lado a teologia e o combate que se faz a ela, fica evidente que o mundo não é nem bom nem mau, e tampouco o melhor ou o pior, e os conceitos "bom" e "mau" só têm sentido em relação aos homens, e mesmo aí talvez não se justifiquem, do modo como são habitualmente empregados: em todo caso, devemos nos livrar tanto da concepção do mundo que o inveciva como daquela que o glorifica. (NIETZSCHE, 2000, p. 23).

Quando iniciei o curso de Licenciatura em Artes Visuais, não preocupavam os desafios do estágio.

- *Afinal, porque pensar nisso agora? Tenho muitos semestres pela frente* - eu falava.

Mas foi a partir do trabalho como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que percebi a importância do contato com a sala de aula formal ou não formal, dar-se desde o início do curso de Licenciatura. Tal experiência auxiliou-me na caminhada durante o estágio obrigatório na escola, o impacto frente a uma turma com trinta estudantes pré-adolescentes não gerou tanta ansiedade, pois a insegurança dissipava-se conforme as lembranças das ações como bolsista tocavam à mente.

Outro fator relevante a proporcionar uma maior tranquilidade, sem sombra de dúvidas, foi o estágio voluntário na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Um contexto completamente diverso ao da escola formal, mas, paradoxalmente, tão semelhante, seja agenciando oficinas com pequenas turmas de crianças ou com turmas de adultos da ala de desintoxicação masculina. Momentos únicos e fundamentais para afirmar a minha escolha profissional: professora de artes visuais. Citando Larrosa,

2000, p. 21: “A experiência é o que nos passa o que nos acontece, o que nos toca.”, posso afirmar que vivi a experiência, não sabendo descrever em palavras os sentimentos e as emoções, mas os acontecimentos bons e ruins ficarão para sempre somando no corpo professora que ali se apresentava. Movimentando internamente o corpo dentro de minhas limitações e capacidades.

Mas, afinal, que movimento é esse de vir a ser uma professora?

Não seria o gatilho para um eterno vir a ser, um eterno aprender-desaprender, começar-recomeçar? Feito um rizoma¹⁷ conectando cada segmento às múltiplas formas e entradas? Um campo estratificado passível de transformações, de erros e acertos?

Feito um corpo ramificado entrelaçando as próprias experiências com as de outros corpos, cada qual com suas características e saberes. Aquele corpo raiz que cresce sem direção clara e definida, encontrando-se vez por outra num experimentar de materiais e possibilidades no ensino das artes visuais no ambiente clínico do hospital assim como, no ensino formal?

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 17).

Um vir a ser corpo professora aberto a experimentações, agenciamentos de linhas intensas movendo-se em todas as direções fundindo-se, encontrando outras, construindo e destruindo, pensamento que explode por vias diversas multiplicando-se, desejos. A produção inconsciente do rizoma.

¹⁷ [...] O rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. São os decalques que é preciso referir aos mapas e não o inverso.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 32).

3.1 Parada: professora na escola

Criar!

Não reproduzir, repetir, copiar.

É fazer de novo e coisa sua.

Artista, assim professora de artes, criadora.

Sora, professora, quase professora. O que é ser/estar professora? Não consigo definir, sinto, mais assim como agenciadora, que lança propostas e aprendendo com seus alunos num interminável aprender. Uma constante troca de conhecimento e aprendizagem com aquele que está ali na minha frente, seja na escola, numa oficina ou num hospital psiquiátrico.

E porque artes visuais? A resposta não é imediata, muito menos objetiva. Não sei. Arte é vida, é isso o que sei, e atinge fundo o que está guardado no íntimo, faz pensar, ajuda a elaboração do pensamento, nos tira da zona de conforto, ajuda a viver, nem que seja um viver o mundo à parte, no caso da saúde mental, aliviando conflitos, gerando os mesmos. A vida é complexa, a arte também, e isso me interessa.

Interessa o exercício hoje eu tive uma ideia, realizado na disciplina Laboratório de textos em 2014.

Hoje eu tive uma ideia, dentro do ônibus, na volta para casa: escrever a primeira palavra capturada na mente ao despertar. Assim, elaborei um projeto invisível na minha cabeça, só eu sabia naquele momento, enquanto percorria de ônibus o trajeto do centro da cidade até meu lar. O roteiro: primeiro, colocar um bloco de notas e uma caneta ao lado da cama; segundo: anotar diariamente a palavra desperta ou sonhada, como preferir. O objetivo era claro: resgatar esse conjunto de letras, escrevendo-as num pequeno pedaço de papel, não importando seu significado, desde que fosse a primeira palavra que acordasse comigo, todas as manhãs. Meu dilema era decidir entre elaborar uma lista com as palavras escritas e fazer uma leitura integral, contínua, com nexos

ou não, ou escrever a palavra do dia e compilar suas aparições no decorrer das horas, bem como o contexto, em uma dissertação à noite. Assim decorreu minha viagem e quando percebi já estava no momento de descer da condução. Despertei da minha divagação com a palavra “parada”, a única palavra escrita no meu bloco. Para minha surpresa, não consegui lembrar palavra alguma quando acordei na manhã seguinte, melhor dizendo, não a captei. Não se foi o sono, a falta de atenção, não sei, mas é isso que me interessa.

Uma experimentação do corpo professora de artes visuais, também uma professora artista, porque permite indagações sobre o próprio processo criativo, no sentido das intenções. O que eu quero com esta atividade? O que eu quero ao criar esta obra? Ou, de onde vem a inspiração?

Incertezas, muitas, e essas subjetivam o corpo professora.

Então, vamos à experimentação:

Bloco e caneta na cabeceira da cama, prontos para receber a primeira palavra desperta ao amanhecer:

1º dia: parada (a palavra ao despertar no ônibus de Hoje eu tive uma ideia).

2º dia: não consegui lembrar da palavra, ao acordar na manhã seguinte.

3º dia: novamente não lembrei.

4º dia: algo não está funcionando. Cadê a palavra?

5º dia: sono. Não tenho certeza. Acho que foi o verbete sono...

6º

7º

8º

9º

10º dia: mais uma vez, nada.

Após três anos deste primeiro exercício, decidi repeti-lo ao escrever este texto, e incrivelmente nenhuma palavra veio à tona. Para atingir o meu objetivo precisava lembrar a primeira palavra que vinha à mente, mas quando pensava nisso e tentava perceber qual era, nada, sem resultado. Caberia fazer uma pesquisa com um número determinado de pessoas e saber como se daria o exercício com cada uma. Talvez lance a proposta para minhas futuras turmas, e assim, quem sabe, desenvolver um projeto de ensino em Artes Visuais, a partir dessa experiência.

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (Larrosa, 202, p.21)

Assim como o corpo experimentou a proposta, o tornar-se professora é um vir a ser experimental, de conhecimentos, matérias e formas. Tais quais as linhas sem direção clara, no momento em que eu não captei a palavra ao despertar segui a linha de fuga, pensamentos diversos para explicar o “fenômeno”, ou seja, por que não consegui captar a palavra? O que deveria fazer para conseguir no dia seguinte? Questionamentos passíveis do corpo professora à elaboração do projeto de ensino, mais precisamente à sua execução no desdobramento em planilhas em sala de aula com os estudantes. Uma analogia às palavras não surgidas no exercício com as possíveis pedras no decorrer das atividades na escola.

Um construir e desconstruir / Um aprender e desaprender.

Não apenas dos alunos, como da professora-estagiária, o corpo intenso, imagético, desdobrado em linhas modificáveis, com múltiplas entradas e saídas, onde cada corpo têm suas singularidades, demandas e desejos. Possibilitando um ambiente criativo, no qual toda criação é singular, experimentada, conceitos são criados, pensamentos críticos fortalecem-se, através de debates e provocações são propostas, além do conhecimento teórico.

Pedras no caminho?

No meio do caminho tinha um orelhão.

O

U

V

I

R



No meio do
caminho havia
um orelhão!

Há muito não me
deparava com um
SIRVA DE PRÓLOGO
orelhão, parei, peguei

a coleção de poesias, que agora reim-
primido, vai ilustrada com algumas fotos de
A. Herculano, a que devo a maior satisfação
que tenho até hoje experimentado na minha
vida literária.

O curioso foi:
Merecer a crítica de A. Herculano, já eu
consideraria como bastante honroso para mim;
uma simples menção do meu primeiro volume,
rubricada com o seu nome, desejava-o de cer-
to; mas esperá-lo, seria de minha parte de-
masiada vaidade.

ora, em vez da crítica inflexível, que eu
devera, mas não ousava rezear; em vez da
simples menção do aparecimento de um volu-
me, que não seria de todo ruim, pois teria
merecido ocupar a sua atenção; o ilustre
escritor pôs por alguns momentos de parte a
severidade que tem direito de usar para com
todos, quando é tão severo para consigo mes-
mo, e com a sua indulgência, dirigiu-
me algumas linhas, que me fizeram compre-
ender quão alto eu reputava a sua glória, na
plenitude de contentamento, de que as suas
palavras me deixaram possuído.

e' ouvir...

Primeiro dia de estágio na escola: nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha um orelhão, parafraseando o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade. Nervosismo e ansiedade brotando à flor da pele, parei para observar o objeto, quase uma peça de museu nos dias atuais. Alguma alma viva ainda se comunica através dele? Peguei o fone e não ouvi nada. Fotografei-o e uma tranquilidade foi se apoderando de mim ao perceber o que ele me dizia: escute, ouça. Foi, então que me ocorreu que o mais importante ao chegar à escola era ouvir as vozes, principalmente, dos/das estudantes, da professora e a voz do corpo a tornar-se professora. Muitas pedras no caminho para deslocar e seguir ouvindo esses corpos durante o Estágio I, onde a observação foi tudo o que eu necessitava fazer. Assim, foram três meses olhando, ouvindo e sentindo, chorando, estudando, rindo, debatendo e pesquisando. O corpo processando e reagindo, perdendo e recuperando. Nada está definitivo, mesmo que pensemos ter encontrado o meio para delinear o caminho. Quero dizer, é preciso ter sempre uma carta na manga no que diz respeito ao nosso plano de aula, pedras podem alterar o planejamento e o andamento não pode parar. Por exemplo, se chover no dia daquela pensada proposta no pátio, onde os corpos seriam observados no momento da caminhada, desenhar os movimentos ou até mesmo o corpo estático.

O que fazer?

Na sala de vídeo (a mesma utilizada para as aulas de teatro), apresentar as obras do fotógrafo inglês Eadweard Muybridge¹⁸: *Male Runner*, 1881; *Running Galloping*, 1881; *Movement of the hand, beating time*, 1887; seguindo com a observação de um grupo dos/das estudantes caminhando em círculo na sala ampla, e após discussão sobre os movimentos dos corpos, as sensações, a anatomia e a demanda do grupo.

Gosto de pensar, aqui, no movimento das asas da mariposa de bater e fechar asas, referenciando o filósofo e historiador da arte Didi-Huberman, 2007, p.4. “*Como los batientes de una puerta, como las alas de una mariposa, la aparición es un movimiento perpetuo de cerramiento, de abertura, de cerramiento otra vez, de reabertura... Es um batir de alas, um latido.*” Os corpos diversos

¹⁸ Eadweard J. Muybridge (1830-1904) foi um fotógrafo inglês que ficou conhecido por sua técnica de captura de imagens usando várias câmeras, em diferentes posições, para fotografar algo em movimento. (Disponível em: < https://www.ebiografia.com/eadweard_j_muybridge/> Acesso em 22 nov. 2017, 13h58min)

no ambiente escolar sejam estáticos ou em movimento dão forma ao ritmo dos acontecimentos. Tudo acontece, começa e recomeça sempre, no dual: força e debilidade, isto põe em movimento.

Uma borboleta no pátio, hora do recreio, alcei carona em suas asas e voei ao encontro das borboletas de Neruda, em o Livro das Perguntas:

- *Formarão parte teus vermes de cães ou de borboletas?*

- *O quê? Querido poeta.*

Disse-me ele: - Pense, pense!

Sobre a morbidez da carne sendo devorada por vermes, remetendo a minha preferência pela borboleta resultante da metamorfose do corpo larval ao corpo munido por dois pares de asas delicadas, sugere a sua estética?

O corpo torturado, o corpo retalhado e mutilado impõe uma visão de horror, porque o ente morto, após as mais monstruosas sevícias, foi privado desse instante no qual ele se torna jacente. A metamorfose do corpo morto, para além da decomposição, é o jacente, que oferece toda a sua beleza. (JEUDY, 2002, p. 137).

Caro leitor qual seria sua escolha e o que você me responderia?

Vermes de cães ou de borboletas?

Pense!

A reversibilidade da metamorfose homem/animal e animal/homem surge em muitas linguagens artísticas representando pictoricamente a estética do corpo. Assunto discutido, indiretamente através das obras dos artistas abordadas em aula, com os estudantes e que resultaram na construção dos manequins-diários.

Diz Nietzsche: “É preciso ter o caos em si mesmo para ser capaz de dar à luz uma estrela dançante” (2011, p.18). Foi necessário viver um turbulento período para renascer forte e retornar às atividades da graduação. Atualmente, é como percebo o trancamento do curso. Só assim, compreendi a força de uma “morte”, não somente desta, mas de todas as demais que enfrentei no decorrer da vida. E essas experiências, movimentando o corpo Fabiana, deram luz à professora estagiária.

E a debilidade do corpo humano?

Apresentou-se a dor, a debilidade do corpo a influenciar no caminho, mais uma vez a pedra, agora pedra nos rins. Perdendo aulas de orientação na faculdade, a angústia e, novamente, a debilidade da mariposa.

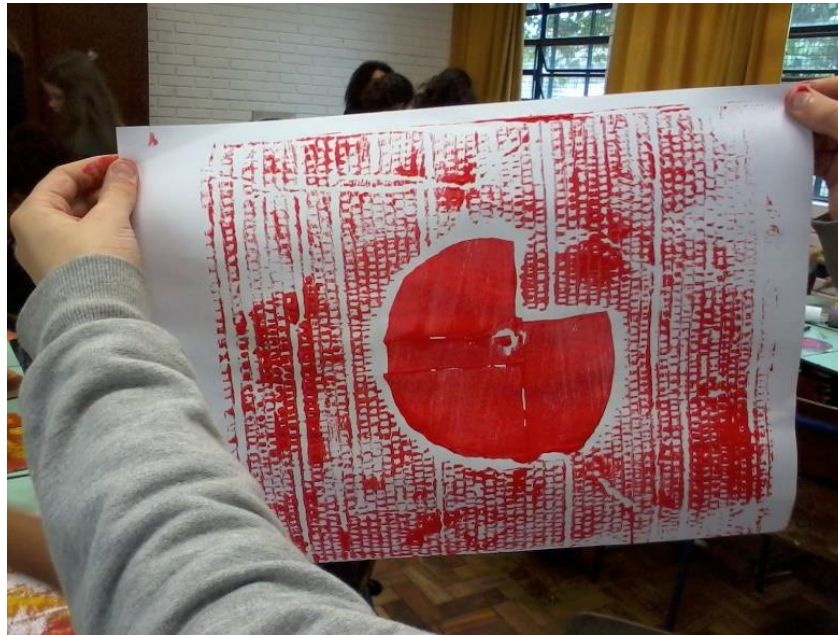
E no meu corpo-diário li:

O canto do Piaga
Ó guerreiros da Taba sagrada,
Ó guerreiros da Tribo Tupi,
Falam deuses nos cantos do Piaga,
Ó guerreiros, meus cantos ouvi.

(GONÇALVES DIAS, 1957, p. 89)

Assumindo meu lado guerreira, na dor não pensei, lembrei apenas dos risos e assim prossegui. Chegando ao destino, iniciei as observações, duas aulas de artes visuais na quarta-feira, oitavo B e sexto A anos; uma na sexta, oitavo B.

Figuras 4 e 5: alunos do 6 ano A durante atividade.



Fonte: fotografias da autora. (2016).

Entre tantas aulas observadas no Estágio I, uma do sexto ano me marcou mais, foi a de impressões de gravuras na sala de artes. Extasiada ao conhecer finalmente essa sala, me deparei com uma turma completamente nova na aula de Artes Visuais, comparada às aulas de Teatro, ambas ministradas pela mesma professora e com uma dinâmica muito diferente. Sim, não se pode

comparar uma aula com a outra. O que me intrigava era a apatia usual dos/as alunos/as nas aulas de artes, mas, naquele dia, assisti a uma turma motivada, alegre e interessada. Aqui, o alerta soou:

Qual o motivo desse interesse?

Pensei: a sala, tintas, férias se aproximando?

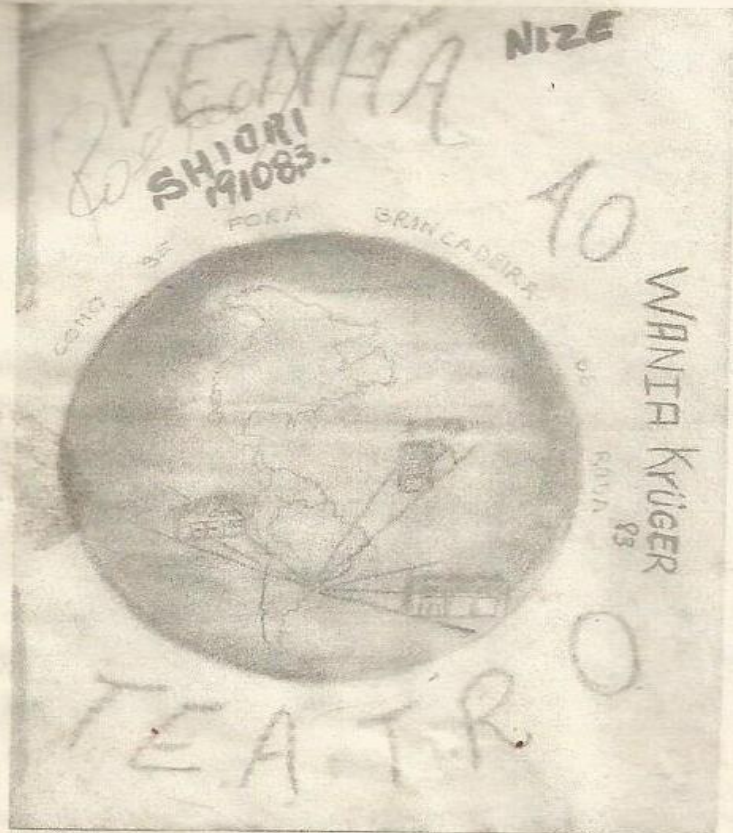
Não sei, mas senti maior confiança em prosseguir com meu plano de trazer para as aulas o estudo do corpo nas artes visuais, mais especificadamente com a *performance*, onde o corpo passa a ser a obra capturada por imagens e vídeos. Uma arte conceitual muitas vezes de cunho social, político cuja exibição extrapola o tempo passado, presente e futuro, falando do corpo no aqui e agora.

Elaborei um projeto de ensino com vinte planilhas de aulas para cada turma: o sexto ano A e o oitavo ano B, abordando o estudo do corpo a partir das obras de artistas nacionais e internacionais, sempre alinhavando com o cotidiano dos estudantes, por exemplo, a aparência pessoal no comportamento da juventude, incluindo nas atividades, em sala de aula, o hábito das *selfies*, utilizando dispositivos móveis como recurso.

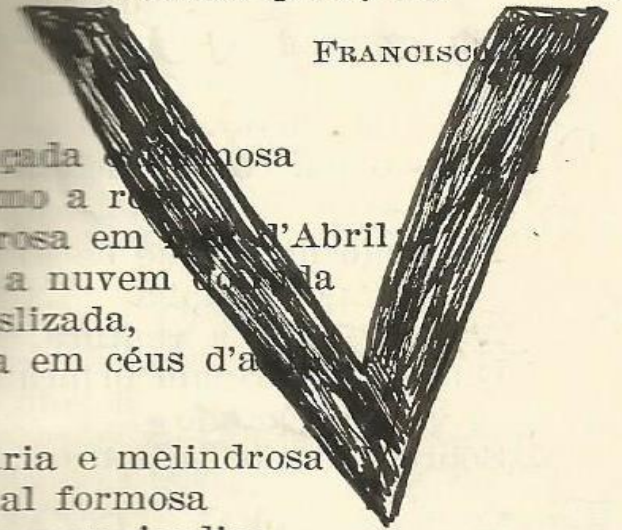
Além do celular, uma tecnologia usual na vida dos estudantes, vídeos do *Youtube* somaram a metodologia das planilhas de aulas. Também utilizei o *Power Point* na apresentação de vídeos sobre o movimento artístico do surrealismo, com obras dos artistas desse movimento, incluindo nos slides criações minhas da época do ensino médio (antigo segundo grau) e trabalhos dos alunos realizados na semana anterior. E os vídeos sobre a arte performática foram essenciais para estruturar as aulas sobre *performance*.

Assim decorreu minha primeira parada na escola, nunca me esquecendo do ouvir, remetendo ao orelhão no meio do caminho.

Vendo no teatro um ponto
para apontar no meu
projeto de ensino, na
forma de performances,
o corpo humano nas
artes visuais, o corpo
em movimento...



- Com João Becker
- FSP - Oficina de Criatividade
- Escola Gonçalves Dias
- ~~Bea Gonçalves Dias~~ ^{Souvent femme varie} _{Bien fol est qui s'y fie.}



FRANCISCO

És engraçada e melindrosa
Como a rosa em Abril
Como a rosa em Abril
És como a nuvem do céu
Deslizada,
Deslizada em céus d'azul

Tu és vária e melindrosa
Qual formosa
Borboleta num jardim,
Que as flores tôdas afaga,
E divaga
Em devaneio sem fim.

És pura, como uma estrêla
Doce e bela,
Que treme incerta no mar;
Mostras nos olhos tua alma
Terna e calma,
Como a luz d'almo luar.

TEATRO



As aulas de Teatro da escola lembraram o meu tempo de estudante do antigo segundo grau, onde participei de um evento de uma semana, elaborando o material de divulgação das atividades, entre elas uma peça de teatro. Anos mais tarde, o teatro também se fez presente ao estagiar na Oficina de Criatividade do hospital São Pedro, bem como, observando as encenações teatrais nas aulas de artes durante o estágio obrigatório na escola. Aqui, um ponto chave à elaboração do meu projeto de ensino

Coexistência.

Elementos retornam do passado ao presente provocando o corpo a analisar possibilidades de épocas diversas que de alguma maneira convergem e se entrecruzam na atual.

Sentidos afloraram, será loucura?

Não importa o que seja.

Para a construção do projeto de ensino, as encenações do passado deslizam pelo palco alinhavando conhecimentos das artes teatrais, visuais, musicais e literárias. Seja tecendo com as linhas das escritas e dos panos, costurando planilhas de aula com as obras de Bispo do Rosário e seu Manto da Anunciação, ao coração costurado do Assentamento, de Rosana Paulino, e aos bordados de Leonilson, auxiliando na construção da *Maggie* e do *Albert*, os manequins-diários dos respectivos sexto e oitavo anos, detalhados mais adiante.

Senti vontade de vestir um colar de papel.

As tiras sendo recortadas continuamente e sem fim.

Da aula experimental de minha colega às linhas do corpo retratado daquela mulher.

Quem é ela? Qual seu nome?

Sou negra, mulher, força, sentimento, liberdade, prisão, preconceito, tristeza, sou corpo.

Construída, desconstruída, refeita, sou luta, sou, não sou, um ser, indivíduo

Sou amor

" Não é como a de Horácio a minha Musa;
 Nos soberbos alpendres dos Senhores
 que apenas refletem eu
 Não é que ela reside;
 Ao banquete do grande em farta mesa,
 Onde gira o falerno em taças d'ouro,
 memosam uma deter mi-
 nada realidade, as imagens
 criadas pelos artistas pro-
 duzem verdades sobre
 sociais. Há vários discus-
 sos em disputa na de-
 finição do que é digno
 de ser representado ou
 de quem pode representar
 nas artes visuais, e essas
 práticas de poder arti-
 culam a produção
 de masculinidade e gênero
 e sexualidade. No entanto, se
 [120] as relações de poder
 pendem em determinados períodos

e culturais para
 a comunidade medo de
 d'amargo pranto
 não quer dizer que
 como o som que a brisa espalha,
 e seguem indefini-
 por não bela.
 Não há um discurso
 mendicito e inabalável sobre
 a fraturas
 e inabalavelmente,
 o silêncio envolto em trevas,
 as águas derramam sobre a terra
 o brilho luzir.
 Ela anda sem destino, erra por vales,
 Erra por altos montes, onde a enxada
 Fando e fundo cavou;
 E girando perto, torral pastora
 Cantando passa — e ela eisma ainda
 Depois que esta passou.
 Além — da choca humilde s'ergue o fumo
 Que em risonha espiral se eleva às nuvens
 Da noite entre os vapores;
 Muge sóto o rebanho; e lento o passo,
 Cantando em voz sonora, porém baixa,
 Vem andando os pastores.

Práticas de visuais do feminino: arte, imagem
 e identidade. Luciana Giropalli Lepante

Assentamento. Rosana Paulino

Com a obra de
Bispo do Rosário

AGORA E SEMPRE

no detalhe do

Pone me nigris ubi nulla campis
Arbor aestiva recreatur aura,
Dulce ridentem Lalagem amabo,
Dulce loquentem.

Manto da Apresentação

Ponham-me embora na crestada Libia,
Ou na neve, em que o gelo mora,
Ali viverá comigo,

REIDATORA
ESSANHA
CECILIA
LEORSA NAPU
NOS DE-ANDR
ICE ARADA-DE-O
ELI PAOLO JOSE
OL MI DE-PA

...rras que leões só criam,
De o condor heita:

...a contigo
...ardente.

...na região deserta
...que de esfarpada estilha,
...do vento,

Madida a coma:

Ali aos urros do leão sedento,
Aos crebros gritos do condor alpestre
Ardendo em chamas dêste amor sem termo.

Direi: **Eu te amo!**

Palavras bordadas

Duros ferrolhos de prisão medonha
Embora sinta roxear-me os pulsos
Férreas algemas

Sentimentos
bordados

Embora malhas de tortura infame
Tremam-me os ossos no medroso ecúleo;⁷³
Mordam-me as carnes:

Nas feias sombras de cruel masmorra,
Nos duros tratos da tortura bruta,
Quer só comigo, quer em meio às gentes,

Direi: Eu te amo!

Dores sendo

Mas nunca o gelo, nem a frágua ardente,
Nem brutas feras, nem crueza humana
Farão que eu sinta mais penas.
bordadas
Nem mais penadas!

Reclina-se outro em teu nevado seio
Cinge-te o corpo em divindais carícias.
Beija-te o rosto, beija-te o sorriso,
Goza-te e vive!

A ARTE

E eu no entanto estorço-me com dores!
Pragueje no inferno que nos tão longe
Louco bravejo, mísero soluço...
Desejo e morro!

DA LOUCURA

(73) Está equívoco.

(74) As edições de 65 e 77 trazem: extorso com dores!

1.ª traz: extorso-me com dores!

Assentamento

Realmente Algo Que Me Intriga

Perceber que a Educação não mudou muito do tempo em que Eu Era Estudante

E qual meu espanto?

Estudo do corpo em movimento e suas articulações nas aulas de desenho em dois momentos distintos, um, no segundo ano do antigo segundo grau, no colégio Dom João Becker, curso técnico de Desenho Publicitário, e tempos depois, numa disciplina durante o primeiro semestre do curso de Licenciatura em Artes Visuais, 2010, UFRGS.

O que eu vi?

Os bonequinhos com as mesmas bolinhas demarcando as articulações dos membros inferiores e superiores.

Enquanto desenhava o bonequinho dançando, recordava o desenho feito a mais de quinze anos. Naquela época eu não conhecia as miniaturas de manequins para esse fim. Não importa, no contexto atual, também, não as utilizei.

As diferenças entre uma aula e outra foram a quantidade de desenhos, o tamanho e o tipo de papel. Na faculdade, fiz uma série maior de movimentos, em tamanhos menores e em papel transparente, maior do que a folha A4 que empreguei no trabalho do colégio.

C..... oncentrada
U..... única
R..... aivosa
I nquieta
O..... paca
S..... audosa
A..... pavorada

"Como é doce o romper d'alva
É-me doce o teu sorrir,
Doce e puro, qual d'estrêla
Da noite — o mago luzir.

Erão meus teus pensamentos,
Teu prazer minha alegria,
Odirada fonte d'encantos,
Fonte da minha poesia.

"Vou-me longe, e o peito levo
Rasgado de acesa dor,
Mas comigo vão teus votos,
Teus encantos, teu amor!

"Já me vou lidar em guerras,
Vou-me à Índia ocidental;¹⁶
Hei de ter novos amôres....
De guerras.... não temas al."

Esta era a canção que acompanhava
No bandolim,
Tão triste, que de triste não chorava
Fazendo assim.

(16) Sem crase. V. nota anterior.

GOL!

III

O Conde deu o sinal da partida:
— À caça! meus amigos.

BURGER.

"Quero patêns, selado o ganete,
Quero em punho nebris e falcão,
Quero promessa de grande caçada
E a aurora d'amigo verão.

"Queo tudo luzindo, brilhante
— Curta espada e venáb'lo e punhal,
Cães e galgos farejem diante
Leve dor de sanhudo animal.

"Ei do gamo que eu vi na coudada,
Carça, onagro, que eu primo avistar!
Que o venáb'lo nos ares voando
Lhe há de o salto do meio quebrar.

"Eia, avante! — Dizia folgando
O fidalgo mancebo, loução:
— Eia, avante! — e já todos galopam
Trás do moço, soberbo infanção.

■ partem, qual do arco arranca e voa
Nos amplos ares, mais veloz que a vista,
A plúmea seta da entesada corda
Longo o eco reboa; — já mais fraco,
Mais fraco ainda, pelos ares voa

LUTANDO!

[..] fabrique, confeccione, produza, invente, ficcionalize uma Aula.

Puxe-se!

Pense...

Virem-se!¹⁹

¹⁹ CORAZZA, Sandra. M. *Caderno de notas 3: Didaticário de criação: aula cheia*. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2012, p. 44-47.

O corpo professora estagiária num incessante:

Instigar

Provocar

Disparar

Questionar

Com mais dúvidas que certezas, buscando o conhecimento, sobretudo a troca de conhecimentos com os estudantes, feito o cometa nos versos de Gonçalves Dias (1957, p.206):

E qual louco temido, ardendo em fúria,
Que ao vento solta a coma desgrenhada.
E vai, néscio de si, livre de ferros,
De encontro às claras rochas, - tal progride
O cometa incansável.

Projeto docente interdiciplinar

Longe longe a rouluçar,
Que a pobrezinha desfolha,
Sem lhe deixar uma fôlha,
Sem deixá-la em seu lugar.

com o estagiário do curso de Letras - Inglês da UFRGS

Não consintas pois que as mágoas,
Como as águas,
Que das fraças
Furiosas vêm tombando,⁸²
Vão levando,
Vão levando

A flor do teu coração!
Há na vida u amor sòmente,
Um só amor inocente,
Uma só firme paixão.

um trabalho verdadeiro e realizado com amor e dedicação. Uma experiência ímpar no meu Estágio II

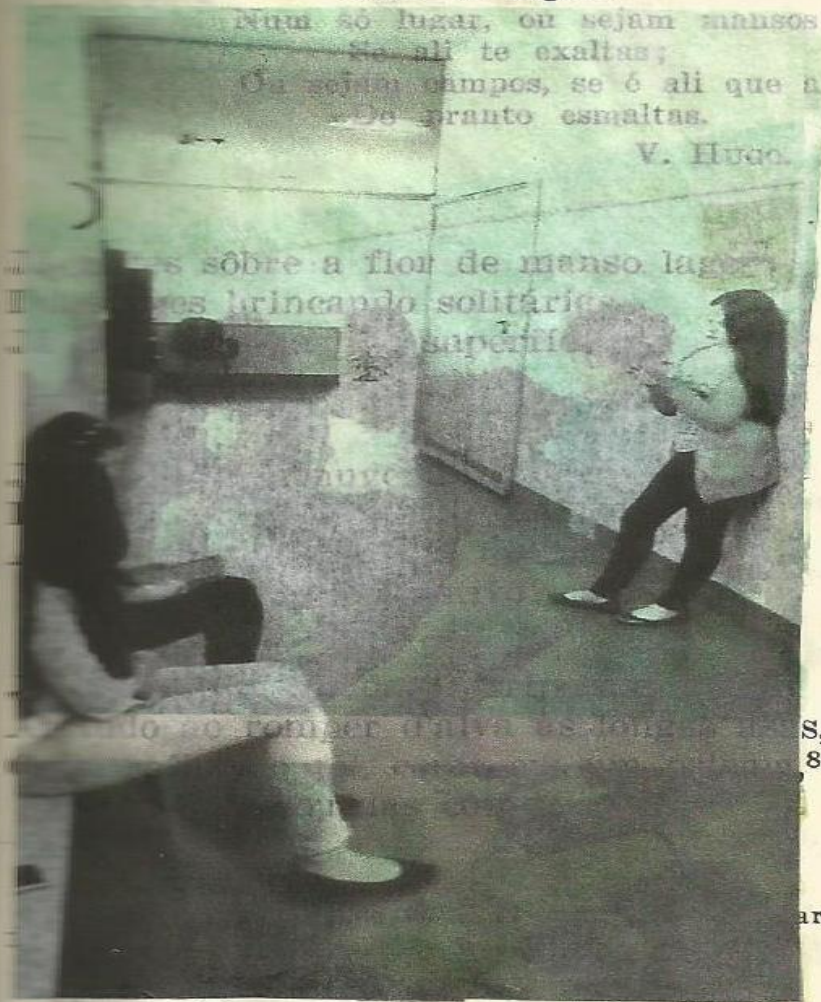
Se antes flor bem-fadada,
Suspirada,
Balejada
Pela brisa que a namora,
Pela frescura da aurora,
Que a colora:
A luz do sol se recria,
E de noite se retrata
Da fonte na líria prafa,
Quando o céu de luz se arreia.

(82) O verbo está sem a flexão do plural

Ensaio da apresentação e performance dos textos escritos em inglês

AS DUAS AMIGAS

..... Vivamos juntas
Num só lugar!



O tema deste grupo era sobre as "duas amigas" no restaurante

Num só lugar, ou sejam mansos ares,
Se ali te exaltas;
Os sejam campos, se é ali que a relva
De pranto esmaltas.
V. Hugo

sobre a flor de manso lago
es brincando solitário
sapiência
o no romper da vida es long

S,
83

arece

3.2 – *Sora, tu aqui?*

Assim fui recebida, em uma manhã, quando adentrei na sala da turma do sexto ano A ao lado do professor-estagiário da disciplina de inglês.

Em meio às risadas, meu colega, explicou minha presença:

- *Pessoal, a Fabiana, estagiária de artes, como vocês já conhecem, irá participar das nossas aulas por alguns dias.*
- *Bom dia turma*, disse eu.
- *Nós vamos propor um trabalho em conjunto com vocês*, acrescentei.
- *Que legal!* Responderam os estudantes em uníssono.

Dias antes, na sala dos professores, no recreio, a professora de artes da escola veio falar comigo a respeito do interesse do estagiário do curso Licenciatura em Letras da UFRGS, em apresentar os diálogos produzidos pelos alunos numa peça teatral. Como eu estava trabalhando *performance*, ela achou interessante uma conversa entre nós para elaborarmos um projeto interdisciplinar Artes Visuais, Teatro e Inglês.

Logo aceitei, e muito motivada, voltei para casa pensando na possibilidade que se apresentou inesperadamente.

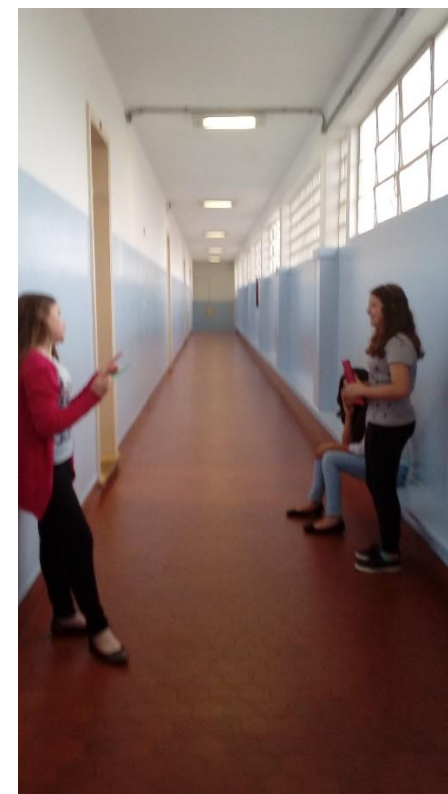
- *Estagiária de sorte*, exclamei.

No dia seguinte, conversamos e elaboramos um cronograma:

1. Observar as aulas um do outro;
2. Estudar os textos elaborados e a *performance*;
3. Auxiliar os ensaios, dos grupos formados por cinco estudantes cada um (sobrou uma aluna sem grupo. Ela apresentaria uma *performance* alternando as encenações teatrais dos grupos);
4. Cada grupo definiria figurino e se responsabilizaria pelos materiais;
5. A aluna da arte performática criaria um cartaz a ser utilizado na *performance*;

6. Quase dois meses de preparo e ensaios;
7. Apresentação final contando com a presença da professora orientadora do estagiário.
8. Fotografias e filmagem.

Figuras 6, 7 e 8: alunos do 6 ano A durante atividade.



Fonte: fotografias da autora. (2016).

Grupos das encenações:

1. *THE SUPER RAMP OF SKATE*
2. *PASSING THE EXAM*
3. *PARK*
4. *KINGDOM OF MAGIC*
5. *STEALING CANDIES*
6. *DEADLY DRINK*

A arte performática:

Uma aluna realizou a *performance* apresentando os grupos. Ela erguia um cartaz, aleatoriamente, com a palavra tema de um grupo, os participantes deste se levantavam, caminhando entre as mesas dos colegas e posicionavam-se em frente da classe para iniciar a encenação do diálogo. Assim, repetiram até a apresentação do último grupo.

Os integrantes do grupo sentaram-se separadamente um do outro e dirigiram-se ao local da cena, onde voltaram a se agrupar. Nesta entrada, cada estudante agiu da forma que mais lhe agradou: ora caminhando normalmente, ora dançando, um trazia cartaz, outros utensílios utilizados na encenação da peça.

O trabalho foi uma mescla de teatro e *performance* com o objetivo de apresentar o diálogo em inglês elaborado pelos alunos e alunas do sexto ano.

Cartões com as
 suas infâncias dos
 feitos foram utiliza

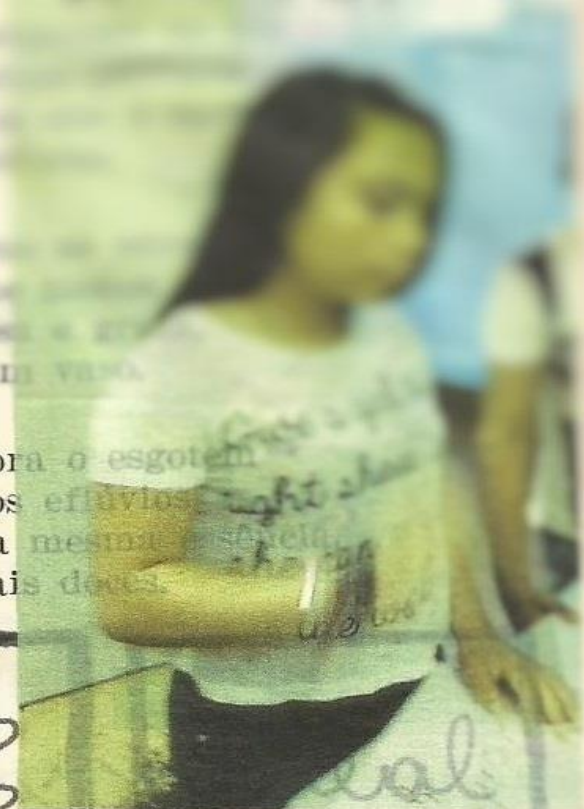
dos há no mundo de ilusões e fogueiras
 de perfume e de amor, guardam no peito,
 Quanto há de luz no céu mostram nos olhos,
 Quanto há de belo — n'alma.

A Y. foi a
 artista performática
 no primeiro momento.

Mas um fraco arruído espanta as aves,
 Uma brisa ligeira as nuvens rasga
 O restante da turma
 atuou na apresentação
 Das leves mariposas.
 Desgarradas voando as aves fogem,
 dos dias bojos
 Nem mais adejam borboletas vagas
 Sobre o esmalte das flores.

Mas um sobre sentir que se
 No peito da mulher, que
 É como essência preciosa e
 Que se lacrou num vaso.

Repassa-o: depois embora o esgotem
 Leves emanções, gratos eflúvios
 Há de eterno verter da mesma
 Talvez porém mais deves



Family

DEADLY

Death

TEACHER

Magic

Drink

Drink

L. _____, J. _____ e
M. _____

SONHO

“Ah! I own not, sweet lady, to gaze your soft brow,
Nor deem me too happy in this!
If I sin in my dream, I atone for it now,
This do I’d but to gaze upon bliss.”

BYRON.

Sonhava esta noite, Donzela formosa,
Ja quando as estrêlas tombavam no mar,
Que eu via a meu lado uma esbelta figura
Divina e mimosa. . .
Sonhar é ventura:
Deixai-me sonhar!

Divina e mimosa, e um véu se cobria
D’estrêlas fulgentes de brilho sem par;
O rosto era vosso, era vossa a estatura,
E o anjo dizia. . .
Sonhar é ventura,
Deixai-me sonhar!

E o anjo dizia com um jeito celeste:
“Afetos que em outro não pude encontrar
“Por fim me renderam, — paixão lisa e pura,
“Que tanto sofreste. . .” 86
Sonhar é ventura,
Deixai-me sonhar!

“Pois tanto sofreste, não devo impiedosa
“Vieza tão grande por fim mal pagar!”
“Sinto um abraço estreitar-me a cintura.

Imício
cordão 5

Dueto.

deu-me, em
Sensação: Restaurante
deceber, Drink = Polónia de Norte
Outro: Vou ver a irmã da Júlia
que os olhos não ver prima da
formosa e são melancolia, libe por -
que ficou mais tua que a Julia

3.3 PProFesSora no Hospital Psiquiátrico São Pedro

Figuras 9, 10 e 11: espaço externo da Oficina de Criatividade



Fonte: fotografias da autora (2013).

Onde é que a história começa?

- *É uma menina que gosta de flores e ensina a pintar!*

J. B., usuário da estrutura hospitalar em saúde mental, falando sobre a tela que estava pintando para me presentear. Se ele se referiu a mim como a menina, não importa. Sei que a história começou assim, neste exato instante, e é isso que me interessa.

Durante os anos de 2013/14 realizei um estágio voluntário na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, onde fui agenciadora, é como prefiro definir minha função, nas oficinas de artes com usuários da saúde mental, cada qual com sua particularidade e habilidades. Partindo de suas vontades, iniciávamos os trabalhos, era a tinta com manchas dançando sobre a tela,

o grafite apertado sobre as linhas no papel, as palavras desenhadas formando um código, os poemas colados na folha, o canto que se ouvia longe. As artes envolviam todas as manhãs daqueles corpos diversos, não me excluindo do contexto, num ambiente ambíguo de emoções, como não poderia deixar de ser um hospital.

Mas, calma.

Atenção dispersada por uma voz perguntando:²⁰

- *Fabiana, você se sentiu ouvida quando me contou suas atividades na oficina do hospital?*
- *Quem está falando?*
- *Sou eu, seu colega R. A. do Instituto de Artes.*
- *Seu interesse pelo assunto me motivou prosseguir, e respondo:*
- *Sim. Ouvir o outro, é essencial a toda e qualquer relação, sem isso, torna-se impossível a troca. No caso da oficina, parar e entregar-se à palavra de quem a solicita, proporciona a partida inicial ao seu processo artístico, seja na pintura, no desenho, na escultura, na fala e escrita, ou na música. Para exemplificar: J.B, um senhor (ex-interno do manicômio): trabalhando uma manhã em sua tela com as tintas acrílicas, e durante uma conversa informal, relatou seu gosto por poesia, disse que possuía algumas de sua autoria. Para meu espanto, perguntei: - O que o senhor acha de narrar suas pinturas? Vamos escrever o título e o texto, contando a estória que o senhor pinta? Sim, a resposta foi imediata. Com um sorriso brilhante ele falou: - Nunca pensei que eu tivesse imaginação para inventar estórias, ao ler o texto, narrando um de seus quadros.*

²⁰ Em um trabalho realizado em duplas na disciplina *Laboratório de Texto*, 2014, meu colega me fez uma série de questionamentos sobre o estágio no HPSP. Então elaborei um diálogo fictício, sob ondas sonoras de um rádio, entre nós dois, no qual eu ouvia uma voz a perguntar e eu a responder. (Nota da autora)

Com esta exclamação, retornei à aparição do orelhão no meio do caminho da escola, lá no meu Estágio I, questionando-me novamente sobre a importância do ouvir.

Coexistência dos elementos orelhão, audição.

Meu trabalho no hospital psiquiátrico foi anterior ao estágio na escola, dois anos antes eu me vi um corpo ouvinte durante a execução das atividades com os usuários da oficina, bem como nas aulas com os estudantes do Ensino Fundamental. Interessante pensar neste objeto (orelhão) como um órgão individual, ou seja, uma orelha, literalmente, ressaltando a importância do ouvir.

Num tempo futuro

Eu ouvia e respondia a meu colega:

- Sobre a aleatoriedade e a imprevisibilidade da vida no trabalho dentro da Oficina de Criatividade ocorre tal qual a elaboração de uma planilha de aula, nem sempre o que é elaborado é estático, definitivo, completo. Assim como na vida. Dependendo das circunstâncias, a imprevisibilidade força mudanças e improvisação, se não estivermos abertos e com um plano B, tudo poderá ruir em segundos. No meu trabalho como arte-educadora e como artista minha percepção fica mais aguçada, em momentos como este, a tensão me faz perceber algo oculto, transformando a experiência em uma atividade única e mágica, na relação comigo mesma e com o outro. Dessa tensão física e mental percebo o movimento do meu próprio corpo na disposição, através do mal-estar, tentar resolver o problema para uma ação compensatória, facilitando o andamento do trabalho.

Da tensão, outra pergunta veio à tona durante o estágio no hospital:

O que posso chamar de arte?

E a arte não legitimada dos corpos concisos, contidos, dos que não têm voz. Como traduzir?

Como trabalhar o processo criativo desses corpos “alienados” no ensino formal?

Ora, porque tanta preocupação?

Que tal pensar o sujeito que ali se encontra refletindo no que diz Flávia Corpas²¹ (2013): *Quando você deixa de ver a loucura como doença mental e a relaciona com a linguagem, você vê um sujeito. E o que há na obra de arte? Um sujeito expressando o mundo.*²²

Sem pré-conceitos e estigmas, envolvendo-se num trabalho inovador visando o processo artístico do indivíduo possibilitando novas experiências e, os dilemas servindo de ponte auxiliar no desenrolar das atividades. Permitindo que eles dançam através da arte e falem um pouco de si, do outro e do mundo, seja com linhas desenhadas, com imagens pintadas com tinta acrílica, com poemas, ou com aquela escultura criadas através das sucatas encontradas pelo caminho, do barro amassado e transformado em peças, da música, da brincadeira, do riso, do choro, por que não?

Enfim, como agenciadora, perceber o outro e permitir que ele seja o que é, mesmo não “sabendo” o que ele é, em determinados momentos.

²¹ Flavia Corpas é psicanalista e curadora de artes visuais. Pesquisadora de pós-doutorado em Ciência da Literatura pela UFRJ e doutora em Psicologia Clínica pela PUC/RJ. Docente do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural da UFRJ. Organizadora do livro “Arthur Bispo do Rosário: arte além da loucura”, do crítico de artes Frederico Moraes e curadora das exposições “Walter Firmo: um olhar sobre Bispo de Rosário” e “Quase Aqui” do artista Daniel Senise. (Disponível em: <http://mam.org.br/curso/arte-e-psicanalise/> Acesso em 22 nov. 2017 14h58min).

²² Disponível em: <<https://oglobo.com/cultura/a-arte-de-bispo-do-rosario-sem-negar-a-loucura-9305552>> Acesso em: 27 nov. 2017, 15h32min).

Muro no fundo da minha casa, 41 x 50 cm
 Arte Bispo do Rosario

— Ah! lhe tornei: És a morte,
 Tão formosa e tão cruel!



na
 s
 res
 ida arvanco
 martírios
 er,
 norrem
 er;
 e cura
 eu. I
 a terra
 os olhos
 am

Arte legitimada
 Arte não legitimada

(38) Et ecce equus pallidus, et qui sedebat super illum nomen illi Mors. Apoc., c. VI./ Nota do Autor.

— É meu poder quem apura
 Os vícios que a mente encerra,
 Ao fogo da minha dor;
 Sou quem prendo aos céus a terra,
 Sou quem ligo a criatura ³⁹
 Ao ser do seu Criador.

— Mas qu'importa? Sem descanso
 É-me forçoso marchar,
 Abater ímpias fronte,
 Régias fronte decepar.

DILEMAS

— Passar ao través dos homens
 Como um vento abrasador:
 Como entre o feio maduro
 A foce do segador.

— E prosar uma após outra
 Geração e geração,
 Como peste que só reina
 Em meio da solidão." —

Desponta o sol radioso
 Entre nuvens de carmim;
 Cessa o tanto pesaroso,
 Como corda áurea de Lira,⁴⁰
 Que se parte, que suspira
 Dando um gemido sem fim.

DILEMAS

(39) Este verso, por falha tipográfica, não vem nas edições de 57, 60, 65 e 77 que repetem o anterior. Vide edição de Manuel Bandeira, tomo 1, pág. 123.

(40) Substituímos ponto e vírgula por vírgula.

Dilemmas

O Projeto de ensino
foi o maior dilema

O V A T E

durante o estágio I,
ALBUM DE UM POETA

Moi... j'aimerai ta victoire;
Pour mon coeur, ami de toute gloire,
Les triomphes d'autrui ne sont pas un affront.
Poète, j'eus toujours un chant pour les peuples.
Et jamais le laurier qui pare d'autres têtes
Ne jeta d'ombre sur mon front.

mulher confundida entre
conteúdo e método -

Vate! vate! que és tu? — Nos seus extremos
Fadou-te a amada da
Fadou-te uma alma acesa borbulhando
Ardidos pensamentos, como a lava
Que o gigante Vesúvio arroja às nuvens.

construíndo minhas
Vate! vate! que és tu? — Fôste ao princípio
Sacerdote e profeta; de aula
Eram nos céus teus cântos uma prece,
E na terra um vaticínio.
E ele cantava com si
Majestoso e terrível.

tomava forma.
"Vês tu Jerusalém como orgulhosa
"Campeia entre as nações, como no Líbano
"Um cedro a cuja sombra a hissopo cresce?"

Minha a minha ira transformada em raios
"Sobre ela cairá;
"Um ferro vencedor dentro em seus muros
"Tributária a fará;
"Quando escravos seus filhos, sobre pedra
"Pedra não ficará."

os olhos, pensava, essas
as roupas de saco se vestiam,⁴¹
as mãos em cinza enroladas;
quando co'a terra os torpes lábios,
quando co'as mãos o peito imbecil,
Senhor! Senhor! — clamavam.

eu clamava:

E o vate entanto o pálido semblante
Meditando sobre as mãos firmava,
Aplicado ao Senhor do interno d'alma.

Estou viajando, progra-
mas então. Homero o mundo
segunda vez, — o inferno o Dante,
o paraíso, — foram grandes!
Difíceis?

Hoje!... em nosso exílio erramos tristes,
Fôste esperança ao infeliz legado,
Mantendo a soberba, o crime, os vícios,
E o infeliz se consola, e o grande treme.
Damos ao infante aqui do pão que temos,
E o manto além ao mísero raquítico;
Somos hoje Cristãos.

e assim eu continuei

(41) Está ponto e vírgula em vez de vírgula, como del-

va, com dúvidas e
mais dúvidas...

- *Formarão parte teus vermes de cães ou de borboletas?*

(NERUDA, 2008, p.36)

E o poeta insistia nesta questão mórbida, eu sem entender, indagava:

Pense Fabiana, Pense!

Apenas no dia seguinte, ao pesquisar sobre o artista Cy Twombly²³ compreendi a pergunta desconcertante do poeta.

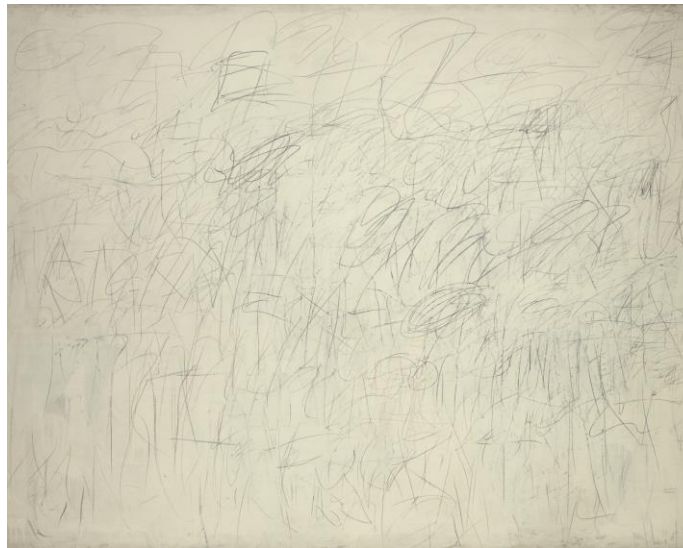
Twombly trabalhava em torno de múltiplas temáticas: morte, vida, morte, renascimento, incorporando letras, palavras e elementos pictográficos à pintura. Durante doze meses, acompanhei aquele senhor pintor, J.B., na Oficina, em suas atividades de pintura, cerâmica e escrita, até o dia em que ele passou mal. Numa manhã, depois de uma queda na calçada a caminho do manicômio, com um corte na cabeça, assustou-se quando a funcionária disse-lhe que o levaria ao ambulatório. Ele repetia extremamente angustiado: - *Não quero ir. - Não quero ser internado.* Acalmou-se em seguida quando entendeu que faria apenas um curativo. Aquela foi a última vez que o vi. E lamentei profundamente, ao mesmo tempo em que recordava as risadas e nossas conversas, momentos felizes. Então, percebi as mortes físicas e simbólicas que vivi durante esses meses, entre elas, a minha própria fragilidade. Seria poético imaginar meus vermes advindos das borboletas, pois do ciclo: vida, morte, vida, surge o corpo alado de tantos tons, sem esquecer a borboleta azul, cujo nome científico é *Maculinea alcon*²⁴. Ela se camufla, liberando uma substância doce parecida com o açúcar, protegendo, assim, seus ovos dentro de um formigueiro, com o objetivo de se desenvolver em segurança até se transformar em uma linda borboleta. A propósito, a cor azul é a minha favorita.

²³ “Cy Twombly (Lexington, Virginia, 1928 - Roma, 2011) Pintor y escultor estadounidense. Tras recibir una formación en la tradición artística norteamericana, en 1957 se trasladó a Roma, donde fijó su residencia. Cy Twombly pertenece a la generación de artistas que, como Jasper Johns y Robert Rauschenberg, se distanció de la ortodoxia del expresionismo abstracto estadounidense. Su pintura no abandona determinados rasgos heredados de la tradición abstracta, pero al tiempo incluye algunos aspectos novedosos, como la aparición de elementos caligráficos que se inspiran en el mundo de losgraffittis callejeros y que combinan sutiles alusiones a la mitología del mundo clásico. Sus trabajos de los años 90, sin dejar de ser abstractos y gestuales, traslucían a menudo referencias paisajísticas. Su obra se ha expuesto en museos como el Centro Georges Pompidou y el Whitney Museum of American Art. Falleció el 5 de julio de 2011 en Roma, donde llevaba residiendo más de cincuenta años”. (Disponível em: <http://eltriunfodearciniegas.blogspot.com.br/2014/02/cy-twombly.html> Acesso em 21 nov. 2017, 13h).

²⁴ A borboleta-azul (*Maculinea alcon*), é uma borboleta da família Lycaenidae que pode ser encontrada na Europa e Ásia setentrional. Pode ser vista durante o verão. Como outras espécies de Lycaenidae, no seu estágio larvar (lagarta) depende do apoio de certas formigas; como tal é designada como uma espécie mirmecófila. (Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Borboleta-azul>> Acesso em: 03 dez. 04h15min).

Num primeiro contato com a obra de Cy Twombly o espectador poderá ter a impressão de que o artista desenha e pinta impulsionado pelo acaso. Refiro-me sobretudo às obras produzidas nos anos 50 e 60 e em particular à pintura intitulada de 'Academy', de 1955. Num primeiro instante quando se olha esta obra a impressão é que o artista rabisca a superfície do quadro aleatoriamente, numa atitude quase gestual, como fazia Pollock. Num segundo olhar é possível perceber a deliberação do artista em fazer uso da palavra como partida para a sua pintura.²⁵

Figura 12: Academy, Cy Twombly, Academy, New York, 1955

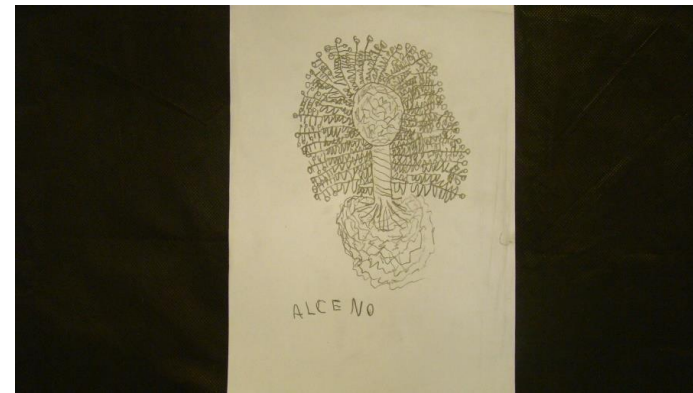
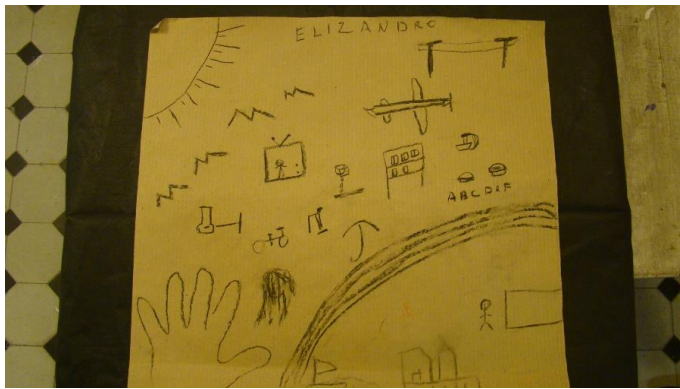


Fonte: <<https://www.moma.org/collection/works/140482>> Acesso em 27 nov, 2017, 19h35min

²⁵ Artigo ANPAP/Sebastião Gomes Pedrosa, 2007. (Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/167.pdf>> Acesso em 27 nov. 2017, 20h).

Não percebi essa deliberação nos trabalhos com textos ou símbolos linguísticos dos usuários da Oficina de Criatividade, vi neles a presença de algum elemento psíquico representando um fato da vida daquele indivíduo. Mas, a assinatura, da mesma forma que Twombly adequou como estrutura da obra, apareceu inúmeras vezes.

Fotos 13 e 14: Trabalhos de usuários da Oficina de Criatividade, grafite e giz de cera s/papel, 2013, acervo da Oficina



Fonte: fotografias da autora (2013).

Durante o estágio na Oficina de Criatividade observei a maneira como aqueles corpos contidos movimentavam-se, muitos em sua imensa limitação física, faziam-se presentes em seus desenhos, pinturas, bordados. Em cada imagem, seus corpos costuravam suas existências, inconscientemente afirmando: - *Olhem para mim, aqui estou!*

O diálogo com a vida é condição de possibilidade para a própria criação, para a produção artística que se alimenta de fragmentos do vivido e lança ao tempo um todo/ novo fragmento que poderá provocar criações outras, novas possibilidades para as existências e as práticas de convivialidade (ZANELLA, 2012, p.193).

O artista brasileiro Arthur Bispo do Rosário, um homem que viveu confinado cinquenta anos em um hospício e desenvolveu um processo artístico com objetos inusitados, bordava nomes de pessoas e frases em seus trabalhos, impressionando o crítico de arte Frederico Morais²⁶, em entrevista a Globo News: *Então eu tive uma intuição que essa pessoa estava tentando exatamente contar um pouco da sua história de uma maneira que fosse mais definitiva. Ele não estava nem só desenhando nem só escrevendo, ele estava bordando, o que tem uma resistência em relação ao tempo. Me veio juntamente essa sensação de o louco era considerado quase como um objeto ou mesmo um dejetto, ou seja, ele não tem história, sentimento, inteligência, iniciativa. Aquela imagem inicial me pareceu contrária a tudo isso e ficou na minha cabeça*.²⁷

²⁶ Autor do livro, organização Flávia Corpas, “Arthur Bispo do Rosário - Arte além da loucura”. Nau Editora/Livre Galeria, 2013.

²⁷ Disponível em: < <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/09/mostra-expoe-trabalhos-do-artista-arthur-bispo-do-rosario.html>>
Acesso: 29 nov. 2017, 16h22min.

Corpo intenso Religião pecado castigo culpa Normal normatizar Inquisição corpo feiticeira corpo possuída Fogueira dor tribunal Inquisição Sentido desejo Doença cura internar esconder degeneração Exclusão Loucura Hospício preconceito Reforma psiquiátrica

Desaparecida a lepra, apagado (ou quase) o leproso da memória, essas estruturas permanecerão. Frequentemente nos mesmos locais, os jogos da exclusão serão retomados, estranhamente semelhantes aos primeiros, dois ou três séculos mais tarde. Pobres, vagabundos, presidiários e "cabeças alienadas" assumirão o papel abandonado pelo lazarento, e veremos que salvação se espera dessa exclusão, para eles e para aqueles que os excluem. Com um sentido inteiramente novo, e numa cultura bem diferente, as formas subsistirão — essencialmente, essa forma maior de uma partilha rigorosa que é a exclusão social, mas reintegração espiritual (FOUCAULT, 1978, p.10).

Segundo Foucault, a lepra desapareceu na Idade Média, deixando o *status* de epidemia às doenças venéreas. E agora, onde tratar esses doentes? Aqui, claramente, percebe-se que o sistema do leprosário efetivou novos espaços de confinamento para aqueles corpos abatidos com as novas doenças, entre elas as convulsões assumindo um patamar elevado no diagnóstico de desajustes mentais graves e necessitados de tratamento.

Afinal, esses corpos manifestavam-se intensamente com movimentos desordenados. O que fazer com esses doentes possuídos, loucos? Internar em casas especiais, nos hospitais especializados.

O internamento nesses locais tinha como objetivo tratar e “curar”, mas acabaram afirmando a exclusão dos marginalizados, dos renegados pela sociedade. Por um lado, a Igreja Católica, tentando normatizar através da moral, pois a doença era vista como castigo divino aos pecadores, assumia o papel dos médicos, os quais penavam por falta de estudos e informações.

Mas, afinal, o que é convulsão?

O que é a convulsão? A convulsão é a forma plástica e visível do combate no corpo da possuída. A onipotência do demônio, sua performance física, pode ser encontrada em aspectos de fenômenos de convulsão como a rigidez, o arco de círculo, a insensibilidade às pancadas. Sempre nesse fenômeno da convulsão, também encontramos – como efeito puramente mecânico do combate, de certo modo como o abalo dessas forças que se enfrentam mutuamente – as agitações, os tremores, etc. Também encontramos toda a série dos gestos involuntários, mas significantes: debater-se, cuspir, tomar atitudes de degeneração, dizer palavras obscenas, irreligiosas, blasfematórias, mas sempre automáticas. Tudo isso constitui os episódios sucessivos da batalha, os ataques, a vitória de um ou outro. E, enfim, as sufocações, os engasgos, os desmaios assinalam o momento, o ponto em que o corpo vai ser destruído nesse combate, pelos próprios excessos de forças em presença. É a primeira vez que aparece de maneira tão nítida a supervalorização do elemento convulsivo. A convulsão é essa imensa noção-aranha que estende seus fios tanto do lado da religião e do misticismo, como do lado da medicina e da psiquiatria. É nessa convulsão que, durante dois séculos e meio, vai ser o móbil de uma batalha importante entre a medicina e o catolicismo. (FOUCAULT 2013, p.183)

Do leprosário ao hospício: a história dos manicômios no Brasil e no mundo não é assunto novo. A sociedade não queria conviver com esses corpos que tremiam, com os portadores das doenças venéreas, e necessitava de um local específico para conter esses indivíduos, entrando em ação o processo de higienização. Surgiram os hospícios, os manicômios, os hospitais psiquiátricos para onde enviavam-se os indesejados: prostitutas, moças que engravidavam ou perdiam a virgindade antes do casamento, homossexuais, adúlteras, rebeldes, viciados, alcoolistas, bandidos, perseguidos políticos, histéricas, entre tantos considerados marginalizados e que perturbavam a sociedade com seus “maus costumes” e, dos quais muitos sequer foram diagnosticados com doença mental.

Enquanto estagiária na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, tive conhecimento sobre históricos semelhantes de indivíduos confinados no manicômio, por não se adequarem às regras da sociedade, no início da fundação do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Creio que é fazendo a história das relações entre o corpo e os mecanismos de poder que o investem que podemos chegar a compreender como e por que, nessa época, esses novos fenômenos de possessão apareceram, tomando o lugar dos fenômenos um pouco anteriores da feitiçaria. A possessão faz parte, em seu aparecimento, em seu desenvolvimento e nos mecanismos que a suportam, da história política do corpo. (FOUCAULT, 2013, p. 184)

A reforma psiquiátrica²⁸ possibilitou ao indivíduo em sofrimento psíquico respeito aos direitos de igualdade, saúde e inclusão, através de campanhas e conscientização da sociedade sobre a desinstitucionalização e a criação de um estatuto social da saúde mental.

Em meio à reforma a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro foi fundada, em agosto de 1990, a fim de promover atendimento através da arte para os usuários da saúde mental. Teve como inspiração e exemplo o trabalho da psiquiátrica brasileira Nise da Silveira²⁹. Da mesma forma pintura, desenho, cerâmica, escultura, bordado, costura, música, dança, escrita e

²⁸ A Reforma Psiquiátrica se organizou então em torno dos princípios de desinstitucionalização e desospitalização, para a garantia dos direitos de cidadania dos doentes mentais. No entendimento do médico psiquiatra Pedro Gabriel Godinho Delgado, coordenador geral da Saúde Mental do Ministério da Saúde (área ligada ao Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, da Secretaria de Atenção à Saúde), a reforma tinha dois vetores: a desconstrução do modelo hospitalocêntrico e a expansão de uma nova proposta. A inspiração dessa nova proposta vinha da Europa, da modelar reforma psiquiátrica italiana, liderada pelo médico psiquiatra Franco Basaglia (1924-1980), precursor de mudanças profundas nas políticas de saúde mental de seu país a partir de 1961, no movimento conhecido como Psiquiatria Democrática. Em 1973, a Organização Mundial de Saúde (OMS) credenciou o Serviço Psiquiátrico de Trieste, que Basaglia dirigia, como principal referência mundial para uma reformulação da assistência em saúde mental. Em 1978 foi finalmente aprovada na Itália a Lei 180, a da Reforma Psiquiátrica Italiana, também conhecida como "Lei Basaglia". Basaglia defendia que o hospício foi construído por uma razão: para controlar e reprimir trabalhadores que perderam a capacidade de responder aos interesses capitalistas de produção. Ele afirmava que o tratamento imposto por médicos e psiquiatras não passava de uma camisa-de-força alienante, com a finalidade única de devolver o paciente ao círculo produtivo, isto é, o trabalhador, transformado em mercadoria, tratado mais uma vez como mercadoria. (Disponível em: < <http://www6.ensp.fiocruz.br/radis/revista-radis/38/reportagens/como-anda-reforma-psiquiatica>> Acesso em 23 nov. 2017, 115h41min).

²⁹ Nise da Silveira (Maceió, 15 de fevereiro de 1905 — Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1999) foi uma renomada médica psiquiatra brasileira, aluna de Carl Jung. Filha do professor de matemática Faustino Magalhães da Silveira e da pianista Maria Lídia da Silveira, Nise era bastante estudiosa e foi admitida na Faculdade de Medicina da Bahia aos 21 anos. Dedicou sua vida à psiquiatria e manifestou-se radicalmente contrária às formas que julgava serem agressivas

teatro são atividades desenvolvidas pela equipe de psicólogos, estagiários de artes e funcionários a estes indivíduos. Além dos trabalhos de artesanato e interação social, são realizadas exposições com as obras dos usuários, compondo o grande acervo da Oficina.

em tratamentos de sua época, tais como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, insulinoterapia e lobotomia. Em 1952, ela fundou o Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro, um centro de estudo e pesquisa destinado à preservação dos trabalhos produzidos nos estúdios de modelagem e pintura que criou na instituição, valorizando-os como documentos que abriam novas possibilidades para uma compreensão mais profunda do universo interior do esquizofrênico. Foi uma pioneira na pesquisa das relações emocionais entre pacientes e animais, que costumava chamar de co-terapeutas..Percebeu essa possibilidade de tratamento ao observar como melhorou um paciente a quem delegara os cuidados de uma cadela abandonada no hospital, tendo a responsabilidade de tratar deste animal como um ponto de referência afetiva estável em sua vida. Ela expôs parte deste processo em seu livro "Gatos, A Emoção de Lidar", publicado em 1998. Por intermédio do conjunto de seu trabalho, Nise da Silveira introduziu e divulgou no Brasil a psicologia junguiana..Interessada em seu estudo sobre os mandalas, tema recorrente nas pinturas de seus pacientes, ela escreveu em 1954 a Carl Gustav Jung, iniciando uma proveitosa troca de correspondência. Jung a estimulou a apresentar uma mostra das obras de seus pacientes, que recebeu o nome "A Arte e a Esquizofrenia", ocupando cinco salas no "II Congresso Internacional de Psiquiatria", realizado em 1957, em Zurique. Ao visitar com ela a exposição, ele orientou-a a estudar mitologia como uma chave para a compreensão dos trabalhos criados pelos internos. Nise da Silveira estudou no "Instituto Carl Gustav Jung" em dois períodos: de 1957 a 1958, e de 1961 a 1962. Lá recebeu supervisão em psicanálise de Marie-Louise von Franz, assistente de Jung. Retornando ao Brasil após seu primeiro período de estudos junguianos, formou em sua residência o "Grupo de Estudos Carl Jung", que presidiu até 1968.Escreveu, dentre outros, o livro "Jung: vida e obra", publicado em primeira edição em 1968. (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nise_da_Silveira> Acesso em: 02 dez. 2017, 16h51min).

arrimado em hesitantes "talvez" que formulam hipóteses hábeis mas nem sempre verossímeis — desvendou, no seu livro sôbre o poeta maranhense, ponto por ponto de sua personalidade e de sua vida, restituindo-nos, por inteiro, por completo, o homem contraditório e conflituoso que morou naquele corpo "de baixa estatura, que não excedia de 1m,50, mas bem proporcionado e musculoso", "de mãos e pés pequenos, agilidade nos movimentos, passo cuidadoso e apressado e grande disposição para caminhar". O homem contraditório e conflituoso que residiu sempre naquela "cabeça bem desenvolvida para os lados das fontes", cabeça "realçada por uma fronte elevada e alta", profundamente vincada em tôda a sua extensão pelo longo meditar e pelas acerbas agruras da sorte contrária e incessantes o magoavam", conforme o retrato que nos deixou Antônio Henriques Leal. O homem que era "feio, de uma fealdade original, com um não sei quê de altivo e ingênuo na expressão dos olhos cristalinos", consoante Bulhão Pato, que, completando a fisionomia do poeta, acrescenta: "Ajusta a côr da pele, os beijos grossos, as maçãs do rosto proeminentes, as ventas arredadas, como para aspirar desafogadamente as brisas balsâmicas das suas florestas seculares". O homem contraditório e conflituoso que está sobretudo na sua cabeça atormentada pelas "dores de um espírito enfermo", "dores fictícias, mas nem por isso menos agudas".

Essas palavras de Gonçalves Dias definem, melhor do que outras, o próprio Gonçalves Dias. Mil e um fragmentos, aspectos, instantes e ângulos de sua inquietação e sofrer íntimos, foram fixados pelo poeta nos versos tristes que deixou e nas cartas magoadas que escreveu. Mas, em nenhum momento, falou com maior exatidão a respeito de si do que nessas poucas linhas em que dá como fonte de todo o seu padecer o seu "espírito enfermo". "Não era nêle o coração que sofria" — anota Nogueira da Silva. "Era o cérebro. Esse mameluco de imaginação quente e vibrátil, fogosa e desmedida, não sofria por ser infeliz: sofria e sofria acerbamente por não ter achado a felicidade. Aquêles sofrem pelo coração. São os melancólicos, os resignados. Estes sofrem pelo cérebro. São os doentes de espírito, rebelados e inadaptáveis".

"Tôda a vida de Gonçalves Dias cabe na síntese que êle traçou no prefácio aos "Últimos Cantos" e em que alude às "dores de um espírito — fictícias, mas nem por isso menos agudas, — produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fôsse por si bastante penosa". Esse romântico, que viveu em perpétua indagação de si mesmo, em constante procura de uma alma, em voraz busca de compreensão interior, de seu íntimo, desentranhando seus sentimentos, foi, afinal, quem com mais acerto se conheceu, muito embora não soubesse que se conhecia.

Romântico

Desventurado é Gonçalves Dias desde o nascimento. O ponto de partida de sua mortificada existência está em sua filiação. Vem êle ao mundo como fruto da união ilícita do "pé raspado" João Manuel Gonçalves Dias, transmontano partidário de quem se separasse o Maranhão do Brasil, ficando esta província na dependência da metrópole portuguesa, e Vicência Mendes Ferreira, pobre mestiza que vivia com o comerciante aventureiro em busca de fortuna na terra nova. Nasce o menino Antônio no sítio da Boa Vista, em terras de Jabotá, a 10 de agosto de 1823. Abre os olhos para a vida no momento em que a sua pátria firma a sua independência. O pai está foragido naquela sua propriedade pois os nacionalistas haviam derrotado o Major português João da Cunha Fidié, e foragido porque "os proprietários da vila de Caxias, e têrmo, que não tiverem prestado donativos à causa pátria serão obrigados a uma contribuição para pagamento do exército", e isto em represália à "sua toleima" ao seu criminoso afêrro, às côrtes de Portugal, e procedimentos hostis" para com os independentes. O próspero negociante figura numa lista de multados e terá de dar um conto de réis aos revolucionários. Nascer filho de marinheiro, e filho natural, foi para o seu entusiasmo nacionalista, para o seu feitio orgulhoso, travo de sopitada, escondida amargura. Não podia deixar de ter sido"

Indagação
Alma
Desventurado

"Os balanços ásperos da desventura."

Lendo no meu corpo-diário a biografia do poeta Gonçalves Dias, percorri muitas linhas percorridas sobre os seus conflitos. Algumas sobre a sua imagem física, a baixa estatura, ainda que musculoso, de mãos e pés pequenos, porém ágil em seus movimentos. Um homem com intensificadas dores do espírito, enfermo porque o cérebro sofria, um eterno rebelado e inadaptado. Contudo, as dores também eram físicas, seu próprio corpo penava. Um homem nascido sob o signo da fuga, poesia para viver seus anseios, dos estudos e ocupações científicas para escapar a todos os sofrimentos. Muitas vezes, negava o corpo do qual não admirava.

A negação do corpo físico pelo poeta fazia pensar em fuga?

Talvez.

Uma maneira para afastar a dor. Assim como diz Jeudy: “A realidade do corpo é então apenas uma visão? Se for esse o caso, a ilusão é essencial, já que, sem ela, meu corpo não seria mais a fonte dos prazeres que experimento (2002, p. 15).”

O corpo seria uma ilusão para o poeta?

Seria ele um exilado?

Semelhante ao que senti quando vi minha pele soltar aos poucos do corpo físico, impossibilitando movimentos simples, conseqüentemente as atividades triviais. Uma época conturbada, afinal eu não tinha um diagnóstico preciso, apenas um tratamento com antialérgicos. Um corpo inabilitado e estático, conduzindo-me para a parada total de minhas ocupações, trancamento da graduação, trabalho interrompido durante um ano. Também queria negar esse corpo, aparentemente, imóvel. Mas ao negar esse corpo, estaria negando o corpo que sente prazer, quero dizer, a negação que não permite a reação para uma possível “cura”, o restabelecimento desse corpo que sente, que reclama, que deseja. O corpo intenso, que vive. O eu corpo.

A percepção do corpo Fabiana foi o maior aprendizado durante meu trabalho na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, do corpo agenciadora nas atividades com as crianças e adolescentes do Centro Integrado de Atenção Psicossocial (CIAPS), com os adultos masculinos da Unidade de desintoxicação masculina (UD), e com os usuários e usuárias da Oficina. Na relação de trocas com essas pessoas eu me vi com outros olhos, sem máscaras, sem armaduras, com toda a minha fragilidade e a

minha força. Paradoxalmente, ao sentir a fragilidade, reconheci a força escondida em mim, ao me deparar com dores profundas de outros corpos, e necessitando demonstrar segurança para atendê-los em seus apelos, em suas curiosidades, em suas inteligências, em suas potencialidades, em suas identidades e diferenças. Ao propor atividades de pintura, por exemplo, descobríamos juntos a misturar as tintas, de modo singular, sem imposição, cada qual com suas preferências. Citando uma moradora do hospital ao pedir que eu fizesse uma mistura de tintas para um tom de marrom.

Eu: - Olha Na. misturei essas duas tintas, surgiu o marrom, você gostou?

Na: - Não é o meu marrom, faz de novo. Eu quero o meu marrom.

O período do estágio no Hospital fortaleceu minha segurança, essencial para o início da docência no ensino formal e para ressignificar aquela educação rígida, tão sedimentada em minha vida escolar, onde professor era o detentor de todo o conhecimento, um poderoso em sala de aula. Percebi que educação se faz com trocas e relações de respeito e igualdade, num contexto diverso e plural.

Emoções à flor da pele na Oficina, sentimentos à flor da pele na Escola. No papel da agenciadora ou da professora-estagiária a equilibrar esses sentidos para poder amenizar possíveis conflitos em sala de aula. Não neutralizar e nem fingir que não existem, mas saber lidar com essas exigências dos corpos com mais tranquilidade. Afinal, conflitos são necessários para a aprendizagem, impulsionam a curiosidade, a vontade de algo mais, ou a inércia total do corpo. Saber lidar com as dissimulações, e ter confiança em si para que não nos percamos frente aos desafios dos alunos e das alunas. Muitos irão nos desafiar, é preciso estar atento.

Na UD, unidade de desintoxicação, eu trabalhei pintura, desenho, cerâmica e escrita com grupos de aproximadamente quinze indivíduos sob a coordenação de uma profissional da Educação Física e seus estagiários, todos da mesma área. Configurando uma das experiências mais gratificantes durante o meu estágio no Hospital, pois além dos internos participarem das atividades, muitas vezes, a coordenadora e os estagiários também se juntavam ao grupo em meio às tintas, papeis, canetas, giz de cera, argila, filtros de café usados, entre outros materiais. Tudo o que eu ouvia, já no portão ao recebê-los, era: *Professora eu não sei desenhar*. Também ouvia isso dos estagiários. Nessas ocasiões, os usuários gostavam de ver os trabalhos uns dos outros e divertiam-se ao

observar os profissionais trabalhando ao lado deles sem preconceito. Após as atividades, era a hora de mostrar os exercícios e relatar individualmente as suas impressões, o que sentiram, o que acharam da proposta, etc. Lágrimas caíam das faces, entre risos de alegria e de tristeza, mas a sensação de alívio era sentida através dos gestos e das palavras de gratidão.

Eu, ali, num vir a ser professora, pensava: *aqui no hospital ou no ensino formal, o que importa são os afetos, ouvir com respeito a singularidade de cada pessoa com quem irei compartilhar conhecimentos.*

Figuras 15, 16 e 17: trabalhos, diversas técnicas, dos usuários da Unidade de Desintoxicação, 2013.



Fonte: fotografias da autora (2013)

4 CORPO-DIÁRIO

Dicionário Aurélio, diário³⁰:

- 1) Relação do que se faz ou sucede diariamente.
- 2) Jornal que se publica todos os dias.
- 3) Obra ou gênero literário cuja narrativa é feita através de um conjunto de registros mais ou menos diários, geralmente de caráter íntimo.
- 4) Despesa diária.
- 5) Livro em que, numa conservatória, se inscrevem por sua ordem os pedidos de registro requeridos.
- 6) Livro em que se inscrevem por sua ordem as transações cotidianas.
- 7) Caderno ou livro em que se inscrevem todas as particularidades sucedidas em cada singradura.
- 8) Que é de todos os dias ou que se faz todos os dias.

Caro leitor, escolha a definição que melhor lhe aprouver, ou faça como eu: invente seu próprio conceito para a palavra diário.

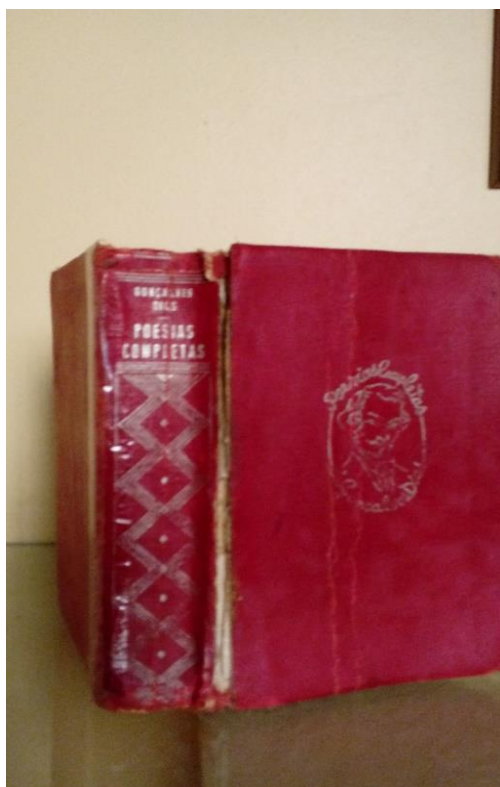
No momento em que meu professor orientador do Estágio lançou a proposta do diário de bordo para o grupo, imaginei criar um livro. Cheguei a materializá-lo e o apresentei em aula na universidade, mas algo me incomodava, não estava satisfeita com o

³⁰ Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/diário>>. Acesso em: 01 dec. 2017, 12h15min.

formato escolhido. Foi então, num dia de vento forte em Tramandaí, conversando com minha irmã, que eu tive a ideia de transformar um livro de poemas de Gonçalves Dias em meu diário

Dias depois, nascia meu diário de bordo, o qual batizei corpo-diário.

Figuras 18, 19 e 20: imagens do corpo-diário da autora.



Fonte: fotografias da autora (2016).

Poesias Completas de Gonçalves Dias, 1957, um belo presente servindo de suporte para meu diário durante o Estágio I e II do curso de Licenciatura em Artes Visuais, UFRGS. Nele eu criei páginas sobrepostas em seu corpo escrito, onde adquiri o hábito de ler seus poemas à medida que relatava as minhas experiências na escola. Ele foi dividido em duas partes, sendo a primeira o corpo-diário Estágio I, onde podemos encontrar imagens e relatos das observações com as turmas 6A e 8B, concluindo um total de 40h/aula. Aqui, acrescentei o que vi acontecer nas aulas de artes visuais e de teatro (ênfase na graduação da professora dirigente da disciplina de artes da escola); meus dilemas; notas das aulas presenciais na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; experiências de vida e da vida estudantil quando criança e adolescente; o projeto de ensino (temática, justificativa, objetivos, referências).

Aguardando o início da prática em docência no próximo semestre para registrar o andamento do Estágio II.

Enfim agosto, 2016.

O corpo em movimento no ambiente escolar: aulas de Artes Visuais revelando-se além do título. Segunda parte do diário: corpo-diário Estágio II, onde registrei a minha primeira aula com a turma 8B, as apresentações dos estudantes e da professora estagiária, do projeto, do manequim, em um formato incomum aos alunos: todos em círculo e o manequim no centro. Tudo ocasionou certo estranhamento e questionamentos surgiram: *Parece que estamos numa reunião do AA*, risos. *Faz dois meses que não bebo*, gargalhadas. Acredito ter sido a aula mais importante de todo o Estágio II, ouve trocas, entendimento quanto ao trabalho e a minha pessoa, quanto ao andamento das aulas e avaliação e aceitação do mesmo.

Nas aulas seguintes, desenvolvemos atividades com desenhos criados a partir de objetos pessoais e o Albert (manequim-diário), surgindo um gancho para a arte surrealista, o que fascinou a turma, a elaboração de uma história em quadrinhos com estes personagens, definição das características do manequim, desenho de observação da pele do outro/a (em duplas), desenhos de perfil criando um personagem próprio, produções escritas sobre as aulas, das referências e sensações particulares, performances, elaboração da carta de tecido bordada, desenhada, pintada, escrita, debates, releituras. Também o registro do trabalho

interdisciplinar desenvolvido com o estagiário do curso de Letras/Inglês, UFRGS, no qual os estudantes do 6A criaram textos, em grupos, na língua inglesa e apresentaram estes diálogos com uma performance e teatro.

As imagens que intercalam o texto deste trabalho de conclusão vieram das páginas do meu corpo diário, ou melhor, elas transformaram-se em páginas deste corpo escrito intitulado experiências em movimento.

Enfim, minha definição: diário, folhas de papéis onde letras decifram experiências e histórias de vida concretizadas por linhas e letras, exalando emoções e conhecimentos que subjetivaram o corpo Fabiana no vir a ser professora. Os acontecimentos não foram relatados diariamente, e sim, quando lembranças se tornavam importantes. Mas tudo o que acontecia nas aulas observadas na escola, na universidade e na prática da docência eram imortalizados em algum espaço deste corpo de papel, meu confidente, meu ouvido durante todo o estágio na escola.

Gonçalves Dias³¹ (1957, p. 77) sobre as poesias americanas: *Escrevia-as para mim, e não para os outros; contentar-me-ei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.*

³¹Antônio Gonçalves Dias nasceu em 10 de agosto de 1823 na cidade de Caxias, Maranhão. Ingressou na Universidade de Coimbra em 1840, formando-se em Direito. Em 1845, retorna ao Brasil e publica a obra *Primeiros Contos*. É nomeado Professor de Latim e História do Brasil no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Ali, na época capital do Brasil, ele trabalhou como jornalista e crítico literário nos jornais: Jornal do Comércio, Gazeta Oficial, Correio da Tarde e Sentinela da Monarquia. Também foi um dos fundadores da Revista *Guanabara*, importante veículo de divulgação dos ideais românticos. Em 1851 publica o livro "*Últimos Cantos*". Nessa época conhece Ana Amélia, mas por ser mestiço, a família dela não permitiu o casamento. Assim, casa-se com Olímpia da Costa, com quem não era feliz. Em 1854 parte, para a Europa e encontra sua Ana Amélia, já então casada. Desse encontro nasce o poema "*Ainda uma vez-adeus!*". Em 1864, depois de uma temporada na Europa para tratamento de saúde, embarca de volta a sua terra natal, ainda debilitado. No dia 3 de novembro de 1864 o navio em que estava naufraga. O poeta falece próximo ao município de Guimarães, Maranhão, aos 41 anos de idade. (Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/goncalves-dias/>> Acesso em: 01 dez. 2017, 12h25min).

Da mesma forma eu me sentia em relação as páginas escritas do corpo-diário, escrevia para mim, com o objetivo de anotar qualquer coisa importante. Se agradasse a alguém, ficaria contente, mas não me preocupava com possíveis críticas desfavoráveis. Eu estava feliz com aquele corpo de papel, ora confidente, ora manual, ora guia.

Dez horas -----> Recreio

O cansaço e a fome pedem uma pausa.

A mão soltou o que a emperrava e traços e linhas passeiam pelas páginas dos poemas!

Será que o poeta veio provocar-me neste instante de devaneio?

Talvez.

Pensei: *o que acharia ele ao me observar rabiscando, desenhando, recortando e colando por sobre os seus versos?*

Caneta marcando as palavras do poeta (1957, p.78):

De encontro às duras rochas, - tal progride O cometa incansável

Quadras da minha vida. Recordação e desejo.

Inteira a natureza me sorria

Amei! E o meu amor foi vida insana!

Da saudade, da recordação à inspiração para o meu livro de cerâmica.

O corpo mergulhando naquele meio aquoso, agora sem volta.

Uma linda e rica biblioteca!

ESTANTE DA POESIA BRASILEIRA:

Volume publicações:

- 1 — Poesias completas de Casimiro de Abreu
- 2 — Poesias completas de Gonçalves Dias
- 3 — Poesias completas de Castro Alves
- 4 — Poesias completas de Fagundes Varela
- 5 — Poesias completas de Álvares de Azevedo

Escolhendo a
Escola, após
várias investidas
frustradas

Saraiva  LIVREIROS EDITORES

Varejo: LIVRARIA ACADEMICA - Largo do Ouvidor, 28
Editôra: Rua Fortaleza, 53 — Oficinas: Rua Sampson, 265
C. Postal, 2362 - End. Teleg.: "ACADEMICA" — S. PAULO

ESTANTE DA POESIA BRASILEIRA

O POETA

GONÇALVES DIAS

INSPIRADOR DO NOME
DA ESCOLA

Poesias Completas

Fundada nos anos

Introdução de

MÁRIO DA SILVA BRITO

30 Com o nome

Organização, Revisão e Notas
de

FREDERICO JOSÉ DA SILVA RAMOS

do poeta.

2.^a edição

Quem escolheu, não sei,
porquê. não sei
Descobrirei...

Edição Saraiva
São Paulo
1957

- 14 — *Le Romantisme Allemand*, volume especial de "Les Cahiers du Sud";
- 15 — *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Romântica*, de Manuel Bandeira: nota de Onestaldo de Pennafort sobre a poesia "Ainda uma vez Adeus";
- 16 — *Cartas Devolvidas*, de João Ribeiro;
- 17 — *Crítica, A Semana e Poesias* de Machado de Assis;
- 18 — *Jornal de Crítica*, de Álvaro Lins, quarta série;
- 19 — *Diário Crítico*, de Sérgio Milliet, 1º volume.
- 20 — *A Poesia Afro-Brasileira*, de Roger Bastide;
- 21 — *Expressão Literária do Novo Mundo*, de Arturo Torres Rioseco;
- 22 — *Conferências Literárias*, de Olavo Bilac;
- 23 — *O Elogio da Mediocridade*, de Amadeu Amaral;
- 24 — *De L'Allemagne*, de Mme. de Stäel;
- 25 — *Obras Poéticas de A. Gonçalves Dias*, edição crítica de Manuel Bandeira;
- 26 — *Poesias de Gonçalves Dias*, prefaciadas por Jamil Almansur Haddad;
- 27 — *Gonçalves Dias*, de Josué Montello;
- 28 — *O Indianismo na Literatura Romântica Brasileira*, de Maria Celeste Ferreira;
- 29 — *Bibliografia de Gonçalves Dias*, de M. Nogueira da Silva;
- 30 — *Gonçalves Dias e o Romantismo Brasileiro*, artigo de Onestaldo de Pennafort, no "Correio da Manhã", de 7-5-1950;
- 31 — *Gonçalves Dias*, série de conferências que construíram o "Curso Gonçalves Dias", da Academia Brasileira de Letras, pelos escritores Viriato Correia, Pedro Calmon, Gustavo Barroso, E. Roquette-Pinto, Guilherme de Almeida e Manuel Bandeira.

observações: 23 de
 março de 2016
 Turma 8º B às 9h10
 6º A às 11h05

Quarta-feira 9h horas,
 Caminhando pela rua
 CANTOS¹
 Candiota em direção
 ao Colégio Gonçalves Dias



Ao seu amigo o

DR. G. S. DE CAPANEMA

oferece esta edição dos seus cantos

O Autor.



Ela erguia o colo ebúrneo,
Porque melhor os colhesse;
Níveo colo, quem te visse,
Que de amôres não morresse!

Passara a vida inteira a contemplar-te,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa,
Sem que dos meus irmãos ouvisse o canto,¹³
Sem que o som de Boré que incita à guerra
Me infiltrasse o valor que n'has roubado,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa.

As vêzes, quando um sorriso
Os lábios seus entreabria,
Era bela, oh! mais que a aurora
Quando a raiar principia.

Outra vez — dentre os seus lábios
Uma voz se desprendia;
Terna voz cheia de encantos,
Que eu entender não podia.

Que importa? Esse falar deixou-me n'alma
Sentir d'amôres tão sereno e fundo,
Que a vida me prendeu, vontade e fôrça.
Ah! que não queiras tu viver comigo,
Ó Virgem dos Cristãos, Virgem formosa!

(13) Falta a palavra meus no verso

Sobre a areia, já mais tarde,
Ela surgiu tôda nua;
Quê há, ó Virgem, na terra
Formosura como a tua?

Demora as rotas de orvalho
Nas fôrças de flor mimosa,
Do seu corpo a onda em fies
Se deslizava amorosa.

Ah! que não queiras tu vir ser rainha
Aqui dos meus irmãos, qual sou rei deles!
Escuta, ó Virgem dos Cristãos formosa,
Quê tanto nos teus, como te adoro;
Mas queiras tu ser minha, que eu prometo
Vencer por teu amor meu ódio antigo,
Trocar a maça do poder por ferros
E ser, por te gozar, escravo deles.

Será loucura?
Criatividade?
Não sei, mas
a mão começou
e não consigo
controlar.



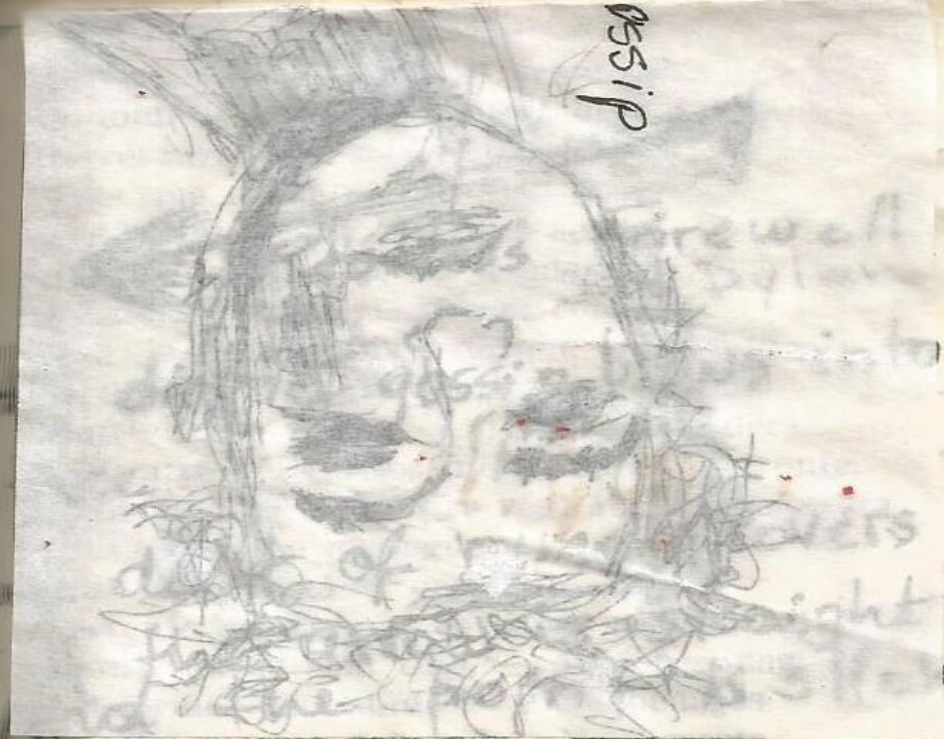
ADEUS AOS MEUS AMIGOS
MAIS

meus Amigos, Adeus! Já no horizonte
Cingos da manhã se empurra: ce:
e o ar e branco o céu, — as nuvens mansas,
e o ar e branco o céu, — irã de no
e o ar e branco o céu, — irã de no
e o ar e branco o céu, — irã de no

And
m

And
But

If I can pierce
through dust no
matter how thick
So I'll make my
stand
And remain as I am
And bid farewell and
not give a damn



ossip

three

De mim mesmo deixando. Na floresta
O lasso viandante extraviado

Por todo o verde bosque estende os olhos,
E cansado esmorece, — cai, medita,
Respira mais de espaço, cobra alento,
E nas soidões de novo ei-lo se entranha.⁶⁷

Vestígios mal seguros sopra o vento,
Ou nivela-os a chuva, ou relva os cobre:

Em um momento de
passo rabis quando
Que errante caminheiro ali passasse.

Sobre a letra da

música

Restless Farewell no trecho

sobre a fofoca, que estava
me causando tristeza

⁶⁷ O verso traz solidões, em vez de soidões, como
para justa métrica.

4.1 MANEQUIM-DIÁRIO

Dicionário Aurélio, manequim³²:

- 1) Boneco que, figurando um corpo humano, serve de estudo ou de molde.
- 2) Imbecil sem vontade própria.
- 3) Janota; peralvilho.
- 4) Pessoa que tem como atividade envergar e apresentar roupas ou acessórios.

Seguindo no mesmo raciocínio do corpo-diário, propus outro elemento para as aulas de artes às turmas do sexto e oitavo ano: um diário, a ser desenvolvido em conjunto com os estudantes de cada turma. Para isso, defini o formato, seria um manequim, construído ao longo do trimestre e presente diariamente no cotidiano escolar dos alunos. Um meio corpo, desses manequins usados em lojas de roupas, para o oitavo ano e, um corpo manequim desenhado em dois metros de tecido, para o sexto ano.

Por que manequim?

A temática do meu projeto era o corpo, então, a ideia do manequim me atraiu profundamente.

³² Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/manequim>>. Acesso em: 01 dec. 2017, 12h34min.

Lembram do meu memorial? Eu cresci em meio a fios e tecidos. Moldes fizeram parte da minha vida, ainda fazem. Não poderia utilizar qualquer outra forma para o manequim-diário na escola. Também, trabalhei o vestuário nas aulas, a moda, o padrão de beleza, com o objetivo de questionar esses padrões na sociedade contemporânea.

Manequim. Minha definição:

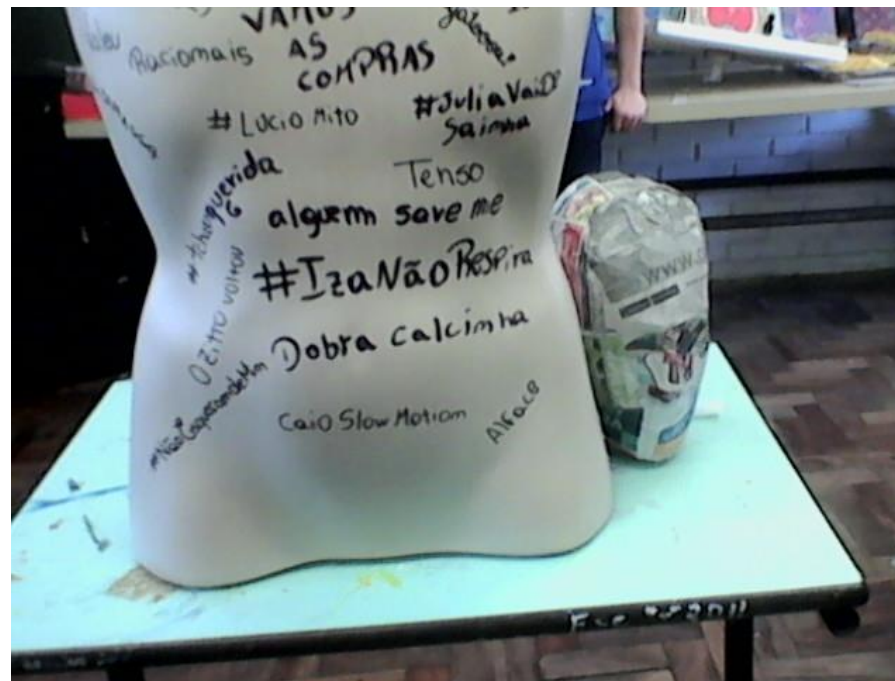
- 1) Aquele que traz.
- 2) Corpo do novo colega.
- 3) O estudante que chegou.
- 4) Corpo do coletivo.
- 5) O guardador de segredos.
- 6) O confidente.
- 7) O provocador.
- 8) O inspirador.
- 9) O diário de bordo dos alunos e da professora estagiária.

Os manequins-diários foram batizados: Maggie do sexto ano A e Albert do oitavo ano B.

A seguir.

4.1.1 Albert

Figuras 21 e 22: manequim-diário da turma 8 B.



Fonte: fotografias da autora (2016).

Na turma do oitavo ano foi utilizado um manequim de meio corpo de loja para a construção do manequim-diário. Diário, porque nele foram feitos os registros do que acontecia em sala de aula, bem como as avaliações feitas pelos alunos, da professora, das atividades com sugestões e críticas. Ele foi o instrumento para apresentar a temática do corpo nas artes visuais.

Num primeiro momento, o manequim era apenas um objeto, aos poucos foi adquirindo características definidas pelos estudantes durante o desenvolvimento dos conteúdos nas aulas. Uma vez nominado Albert, ele tornou-se um novo colega, o vigésimo quinto-aluno.

No corpo do manequim “diário”, os estudantes faziam os seus registros. Ao longo do trimestre, ele foi apresentando os segredos de todos. Na última aula, durante a performance *Desconstruindo Albert*, esses segredos foram “queimados” com tinta esmalte, esmalte para pintar unhas.

No processo de construção os alunos tentaram construir uma cabeça para o manequim com materiais diversos, mas acabaram desistindo. Interessante citar a necessidade, que eles e elas sentiram em “completar” este corpo. Numa discussão em aula, arquitetaram projetos de como fazer a cabeça, as pernas e os braços. No decorrer do ano letivo, essa ideia foi sendo esquecida, apesar de um modelo de cabeça ter sido confeccionada para ser utilizada no dia da performance. Mas não foi usada. Como se, ele não precisasse dela.

Uma das funções do Albert foi “auxiliar” na avaliação da professora e dos alunos e alunas.

A avaliação era feita sempre no final de cada período. Dois alunos descreviam o que foi desenvolvido em aula, o desempenho da professora-estagiária com críticas e sugestões, como se sentiram em relação aos assuntos e às atividades. A partir dessas e das minhas observações, um parecer era elaborado. Essas anotações eram guardadas em uma sacola que o Albert trazia consigo, um elemento indispensável de seu corpo e, sendo ele, o instrumento da realização do processo avaliativo. O mesmo método de avaliação foi utilizado com a turma do sexto ano A, porém as fichas eram guardadas em uma caixa de papelão.

O surrealismo, movimento artístico, foi abordado em uma aula pelo interesse dos alunos em corpos “mesclados”, mutantes, por exemplo: desenharam um corpo com uma cabeça em forma de chave, com um tronco e membros humanos. Em continuação, elaborei uma planilha para a aula seguinte sobre essa temática, criei um *Power Point* com algumas referências de Magritte, Dalí, Frida Kahlo, além de desenhos meus, de quando estudante, e dos desenhos dos próprios alunos. Os resultados foram

surpreendentes e decisivos na construção do manequim-diário e no envolvimento das turmas com o projeto. Eles e elas sentiram-se respeitados ao observarem seus trabalhos ao lado dos meus, nos *slides*. Elaboraram o próprio conceito de surrealismo a partir da explanação teórica e de suas criações da aula anterior.

Figuras 23 e 24: manequim-diário da turma 8 B.



Fonte: fotografias da autora (2016).

Nosso último encontro foi a apresentação da performance *Desconstruindo Albert*. A turma fez tudo praticamente sozinha, partindo do que estudaram durante as aulas do trimestre. Criaram o figurino e o roteiro para a encenação do teatro (primeiro momento: apresentação do Albert como o vigésimo quinto aluno e colega novo). Personagens: professor e estudantes; cenário: sala de aula. Performance (segundo momento: Albert é o corpo da turma, representa todos os estudantes), o manequim foi disposto no centro de um círculo, sob um grande tapete de papel *kraft* e, um a um, os alunos pintavam cada palavra escrita no corpo Albert, assim apagariam os segredos da turma, os quais deveriam terminar com a finalização do meu estágio. Nada disso eu propus, a turma criou tudo, fato que me deixou feliz, com sensação de dever cumprido.

Quando a dor meu peito acanha,
Quando me rala a aflição,
Quando nem tenho na terra
Mesquinha consolação;

Tu, Senhor, do pêso insano

~~Livras meu peito arquejante,~~
Secas-me o pranto que os olhos
Vertendo estão abundante.

ALBERT

Tu pacificas minha alma,
Quando se rasga com pena,
Como a noite que se esconde
Na luz da manhã serena.

Tu és a luz do universo,
Tu és o ser criador,
Tu és o amor, és a vida,
Tu és meu Deus, meu Senhor.

SA
Direi nas sombras da noite,
Direi ao romper da aurora:
— Tu és o Deus do universo,
O Deus que minha alma adora.

Também eu, Senhor, direi ⁶⁵
Teu nome do coração.

E ajuntarei o meu hino
Ao hino da criação.

Albert, o corpo-
manequim-diário
A TARDE

~~trazias~~ Ave Maria! blessed be the hour!
The time, the clime, the sport where I so oft
Have felt that moment in its fullest power...
Sink o'er the earth so beautiful and soft....
BYRON.

Uma bolsa, e

Oh tarde, oh bela tarde, oh meus amôres,
Mãe da meditação, meu doce encanto!

~~Os raios da minha alma enfim aviste,~~
E grato refrigerio vens trazer-lhe

No teu remansar preenhe de enlevos!
Enquanto de te ver gostam meus olhos,

Enquanto sinto a minha voz nos lábios,
Enquanto a morte me não rouba à vida,

Um hino em teu louvor minha alma exale
Oh tarde, oh bela tarde, oh meus amôres!

aulas feitas pelo(as)

É bela a noite, quando grave estende
Sobre a terra dormente o negro manto
De brilhantes estrélas recamado,

Mas nessa escuridão, nesse silêncio
Que ela consigo traz, há um quê de horrível
Que espanta e desespera o gême d'alma;

Um quê de triste que nos lembra a morte!
No romper d'alva há tanto amor, tal vida,

semanalmente.

CHEGOU O GRANDE
DIA!

A PERFORMANCE

A turma foi^I a grande

Onde estás, meu senhor, meus amores?

A que terras — tão longes! — fugiste?

Onde agora teus dias se escoam?

Por que foi que de mim te partiste?

plataia.

II

O empunho das alunes

Não te lembras! quando eu te rogava

Não te fôsses de mim tão asinha,

Prometeste-me breve ser minha

Tua vida, que o mar me roubava.

III

imensa alegria para

Tão amigo do mar fôste sempre,

Porque amigo talvez não achaste!

Nem carinhos, nem prantos te ameigam?

Nem por mim, que te amava, deixaste?

IV

dificuldades em dar

Vejo além o lugar onde estava

Tua esbelta fragata ancorada,

Mal sofrida jogando afagada

Do galeno que amigo a chamara.

com muita motivação

e autonomia.

Confesso que a perfor-
partida era o fúnebre instante.
Este instante de aflitos terrores,
Quando o mar traçoeiro, inconstante,
roubava meus puros amores!

insciao desta, por que

choro essa noite medonha,
essa noite de má despedida

o amor me deixaste nos braços,
teus braços levaste-me a vida!

momentos enenaração

cruel, que então fôste comigo
de uma aula para

o navio que tantos levava,
podia levar mais a mim?

ALBERT.

todo elaborado, criado

meu a mim! — que importava que eu fôsse?
me ouvira a tormenta chorar,
o horror me seria mais doce
a ti, — que o meu triste pensar!

Também, neste dia fivemos

quanto a ti me era a vida bem cara,
bem cara! — se ledo sorriás,

pensavas sòzinho e profundo,
antes do turma e
as dores contigo curtias,

o professor do Estágio,

Cristian, os quais partici-

aram de atividade,

por vontade x e decisão

Eu te amava, senhor! — Nem podia
dentro em mim, convencer-me que fosse

Outra vida melhor, nem mais doce,
Nem que o amor se acabasse algum dia
Pediram para que

eu falasse com o

professor Christian,
Mas o mar tem lindezas que encantam,
Tem lindezas, que o nauta namora,
Também dizem que vozes descantam¹⁰⁰
No silêncio pacato desta hora!

Um colega novo.

XII

São de ninfas os mares nejadés,
Também dizem, que sabem magia,¹⁰¹
Que suscitam cruel calma,
Só d'ém torno dos seus namorados

quando trouxe a

XIII

notícia que ele
Aceitou participar.
Onde o nauta da vida se esquece!

E assim o projeto
chegou ao fim na
Escola Gonçalves Dias

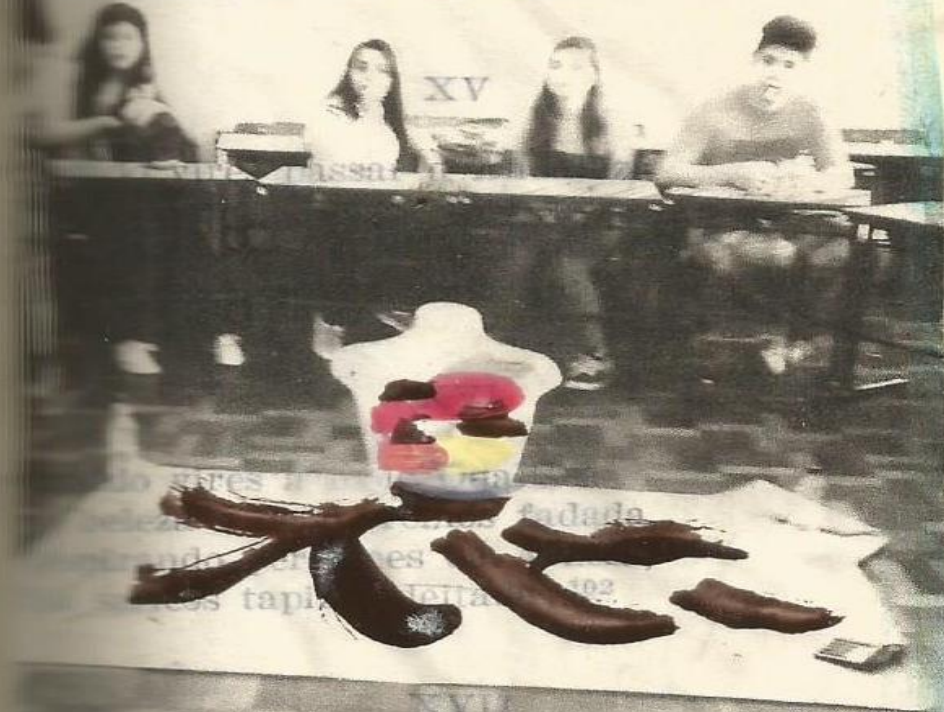
(100) Tão bem.

(101) Tão bem.

1312

XIV

... te esqueças de mim! — Por Sevilha
Quando o peito de branco marfim
... beres na preta mantilha,
... reado por leve carmim;



XV

XVII

... a vinha da fronte bem cheia
... zas, de gran ornação,
... andar do peito, a cada
... alta escola
... de ariças, au
... dos versos.

1313

4.1.2 Maggie

Na turma do sexto ano, o manequim-diário foi construído sobre um tecido, onde uma estudante deitou sobre ele e a turma desenhou o seu perfil. O mesmo foi fixado na parede do fundo da sala de aula e ali permaneceu até a apresentação da performance *Despedida da Maggie*, último dia de aula.

Figuras 25 e 26: criação do manequim-diário da turma 6 A.



Fonte: fotografias da autora (2016).

No processo de criação da Maggie a intervenção dos alunos foi mais livre e individual, talvez pela presença permanente do manequim-diário em sala de aula. Porém, ao mesmo tempo, gerou mais conflitos. Com isso, pude perceber que existiam várias Maggies resultando na atividade *Desdobrando Maggie*. Cada aluno criou a sua versão do manequim num pedaço de tecido, com materiais diversos, como linhas, tinta, giz pastel e canetas.

O crescimento e as transformações que vão dando materialidade ao artefato que passa a existir, não ocorrem em segundos mágicos, mas ao longo de um percurso de maturação. O tempo do trabalho é o grande sintetizador do processo criador. A concretização das tendências se dá exatamente ao longo desse processo permanente de maturação. A construção da obra acontece, portanto, na continuidade, em um ambiente de total envolvimento. [...] (SALLES, 2011, p. 40).

Diariamente, mesmo nas aulas de outras disciplinas, os estudantes interagiam com Maggie, ora escrevendo ao lado de seu perfil, no tecido, características físicas e emocionais, ora riscando outras, ora discutindo como ela seria. Então, numa determinada aula, eles falaram que precisavam se reunir porque queriam criar outro corpo, já que não estavam gostando da sua aparência. Eu disse a eles que sentassem e conversassem entre si para decidir o que fazer. Desfecho do conflito: Maggie não foi destruída, o que resultou na atividade *Desdobrando Maggie*.

Preparei uma planilha para as duas aulas seguintes: Material: um pedaço de tecido 15cm por 25 cm (o mesmo usado na criação do manequim-diário, porém de outra cor), canetas coloridas, giz pastel, grafite, lápis de cor, linhas, agulhas e tesoura. Referência teórica lembrando às aulas sobre a pele, o surrealismo e as performances *New Look* de Flávio de Carvalho e *On Ice* da Vera Chaves Barcellos. Metodologia: estudantes dispostos em círculo e o material no centro para livre acesso. Cada um deles recebeu um retalho do tecido, onde desenharam a Maggie de acordo com a sua vontade. A todo o momento, me perguntavam o que eu achava das ideias e das escolhas para a criação desses novos corpos.

– *Sora posso fazer um homem? – Eu quero trocar o nome dela, pode? Eu quero fazer qualquer coisa, menos um corpo, tudo bem? Posso desenhar um personagem de quadrinhos?*

- *Vocês têm a liberdade de criar o manequim-diário que quiserem, esse é o momento de criarem a Maggie particular de cada um.* Eu respondi.

- *Sora, tu conheces algum pré-adolescente sem espinhas na cara? Minha Maggie tem espinhas.* P. aluno do 6º ano.

Já que a turma não aceitou colocar espinhas no manequim criado pela turma, P. decidiu coloca-las no rosto da sua Maggie. Isso o deixou satisfeito porque, do seu ponto de vista, *Maggie* era uma pré-adolescente e tinha marcas de acne na face.

No dia da exposição dos trabalhos da atividade *Desdobrando Maggie*, aconteceu a *performance Despedida da Maggie*: em forma de procissão, retiramos o manequim da parede, fazendo fotos e *selfies*, rindo e chorando, demonstrando o carinho por aquele corpo que já fazia parte da turma. Nesse momento, uns questionaram se a Maggie poderia ficar na sala de aula, enquanto outros gostariam de leva-la para casa. Depois de certo tumulto, decidiu-se que o manequim voltaria com a professora estagiária, já que era o último encontro e fim do estágio. Assim, despediram-se, literalmente, daquele corpo quase vivo e com identidade própria, e que ao ser retirado da sala perdeu a vida, ou seja, remetendo à metamorfose da borboleta, o ciclo vida morte encerrou-se.

Turma 6A, Segunda
aula:

CONSTRUINDO

MAGGIE

Gross ist der Herr! Die Himmel lichte zum
Sind seine Wohnungen!

Seine Wagen die donnernden Gewölke
Und Blitze sein Gespann.

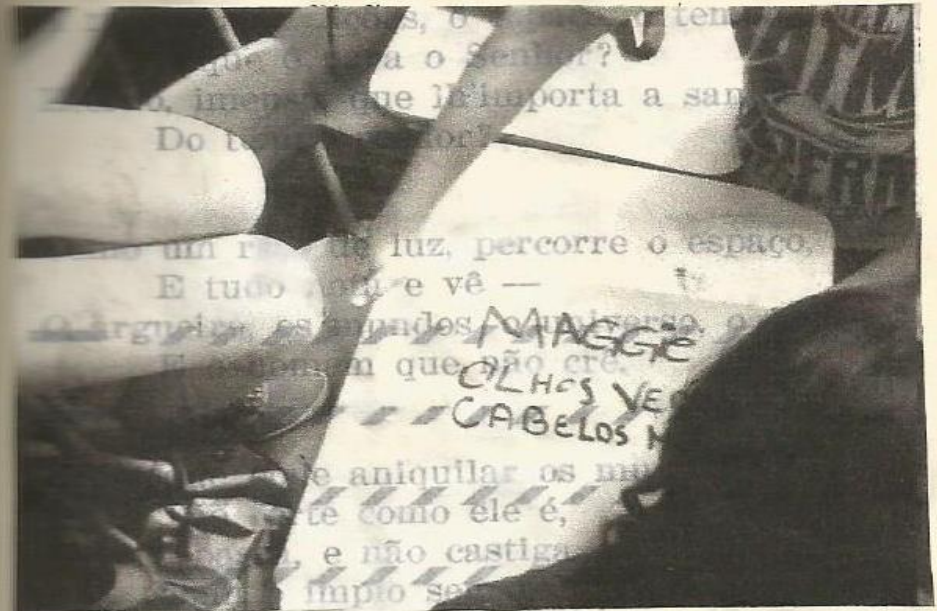
O corpo - coletivo KLEIST.

1



Do dia cintilante!

Desenhando o corpo
MAGGIE no tecido.



Características:

Quando só vive de vingança e roubos,
Quando o ímpio comanda, quando o justo
Sofre as penas do mal,
E as virgens sem pudor, e as mães sem honra,
E a justiça vnal;

Ai da perversa, da nação maldita,
Cheia de ingratidão,
Que há de ela mesma sujeitar seu colo
À justa punição.

escolhidas em conjunto!

Ou já terrível peste expande as asas,
Bem lenta a esvoaçar;

MAGGIE
em uma parede
de sala de aula
durante todo o
professor e alunos iam listando
durante as semanas
características.

Ou já tórvo rugir da guerra acesa
Espalha a confusão;
E a esposa, e a filha de terror oprimido,
Não sente o coração.

E o pai, e o esposo, no morrer cruento,
Vomita o fel raivoso;

— Milhões de insetos vis que um pé gigante
Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce
Esperançoso e crente,
Como do podre e carum nosse tornam
Hastea forte e virente.

II

Oh! como é grande o Senhor Deus, que os mun-
Equilibra nos ares; [dos
Que vai do abismo aos céus, que susta as iras
Do pélagos fremente,
A cujo sôpro a máquina estrelada
Vacila nos seus eixos,
A cujo aceno os querubins se movem
Humildes, respeitosos,

Oh! como é grande o Senhor Deus dos mundos,
O Senhor dos prodígios.

III

Ele mandou que o sol fôsse princípio,
El razão de existência,
Que fôsse a luz dos homens — olho eterno
Da sua providência.

Mandou que a chuva e as escassas membros
Heizessê o vigor
Da terra hiante, do ar e do cansado
Em praias abraçadas

Mandou que a brisa s
Roubando aroma
Que os rochedos tivess
E os homens gr

Oh! como é grande
Um Senhor de
Que vive agroviver e
De ferros rodeado;

O Deus que manda ao mundo
Na sua providência
Que a dura e cansado
Na sua consciência!



Última aula com
o 6º A: Des dobrando
SOLIDÃO Maggi

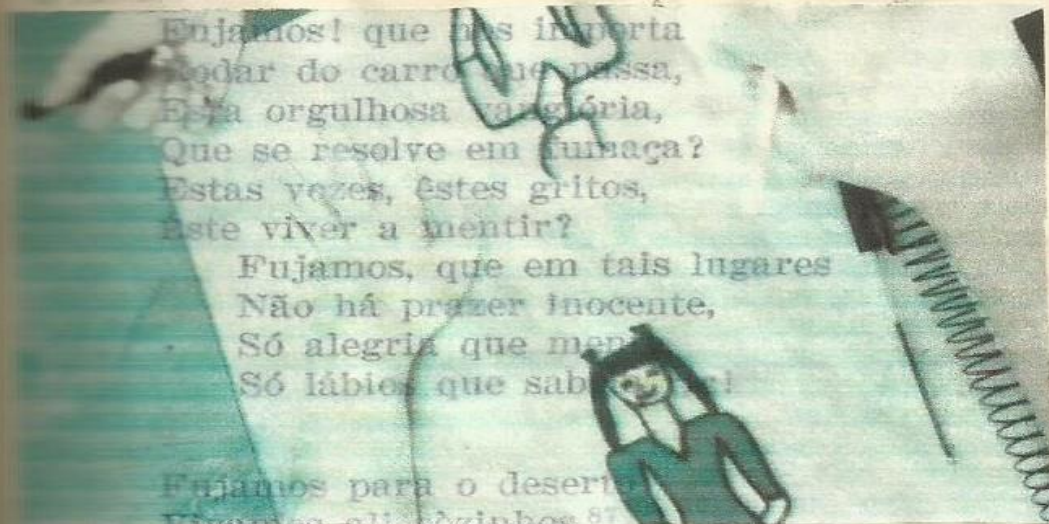
Solo e pensoso i più deserti campi
Vo misurando, a passi tardi e lenti,
E gli occhi porto per fuggire intenti
Ove vestigio human l'arena stampi.

PETRARCA. Soneti.

Cada vez que eu quero saber o meu
Por que às vezes me arrebatava
Nas asas do pensamento
a sua / o grato seu MAGGI
Por que vejo nos meus sonhos
Tantos anjinhos dos céus;

Materiais
feito do
Li muito
aquelas
giz pastel
canetas coloridas
Vem comigo, ó doce amada,
Que eu te direi os caminhos,
Donde se enxergam anjinhos,
Donde se trata com Deus.

Fujamos longe das vilas,
Das cidades populares,
Do vegetar entre as vagas
Destas côrtes enganosas;
Fujamos longe, bem longe,
Dêste viver cortesão!
Fujamos desta impureza,
Só vês cordura por fora;
Mas nunca o vício que mora
Nas dobras do coração!



Fujamos! que nos importa
Cuidar do carro que passa,
Esta orgulhosa varandoria,
Que se resolve em fumaça?
Estas vozes, êstes gritos,
Este viver a mentir?

Fujamos, que em tais lugares
Não há prazer inocente,
Só alegria que mente,
Só lábios que sabem!

Fujamos para o deserto
Vivamos ali sòzinhos,
Sòzinhos, mas descuidados
Dêstes cuidados mesquinhos;
Tu o azul do espaço olhando
E eu só a rever-me em ti!

Quando depois nos tornarmos
À terra serena e calma,
Aqui acharei tua alma,
E tu me acharás aqui.



Qu corramos o tempo
Que d'imed. à vista causa;
Dormirei no teu colo
Quando o tempo for bonança,
Quando o batel for jogando
Em leve ondular com fim.

Está ponto a virgula quebra a linha como ra

PERFORMANCE

Despedida da

MAGGIE, pronta para ser retirada da parede.

Onde situou-se durante todo o projeto



Mas nos rancos da procela,⁸⁸
Nossos olhos encontrados,
Nossos braços enlaçados,⁸⁹
Hei de cantar-te, inda assim!

tu verás como
Nas folhas de
Como o sol, pi
Seus acidentes v
Como é doce o to
Como é fague
Como ali se
Melhor, an
Naquela eterna
Naquela eterno g

(88 e 89) A edição de 77 traz
de vírgula, como está na de 48.

em vez

Vem comigo, oh! vem depressa,
Não se esgota a natureza;
Mas desbota-se a inocência,
Divina e santa pureza,
Que dá vida aos objetos,
Feituras da mão de Deus!

Vem comigo, ó doce amada,
Que são êstes os caminhos,
Donde eu enxergo os anjinhos,
Que tu vês nos sonhos meus.

Despedida Maggie, o
corpo coletivo. Fotos, selfies



5 MAS O QUÊ? O CORPO

Corpos diversos, plurais, o meu o teu o nosso, o físico o emocional o espiritual, o corpo inteiro, o corpo fragmentado, o corpo estético, o corpo em movimento.

E o psicológico o louco o equilibrado centrado. O corpo individual, o coletivo no ambiente escolar e/ou no hospital psiquiátrico. Eu corpo ora equilibrado ora em total desalinho. Desesperado. O mistério indecifrável, complexo e perfeito e imperfeito.

O início.

Por que levar o movimento para as aulas de Artes Visuais?

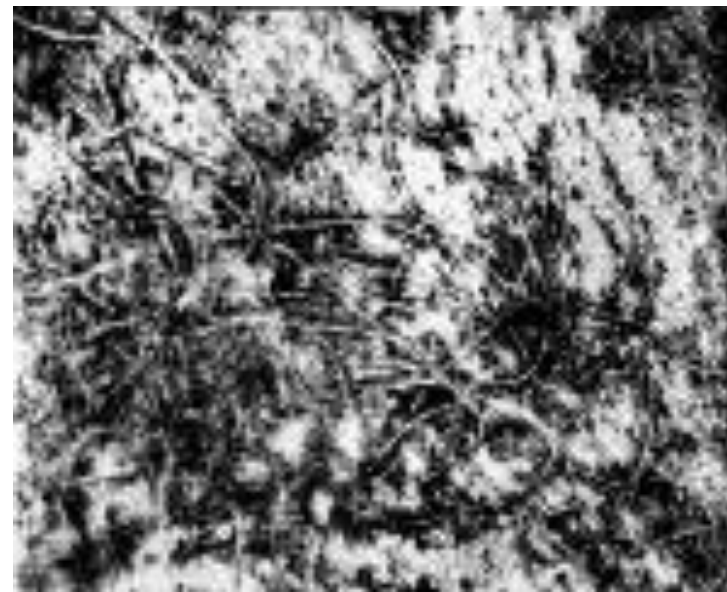
Quando começou o Estágio I observei que os alunos se comportavam de maneira muito diversa nas aulas de Artes Visuais e nas de Teatro, ministradas pela mesma professora, tanto nas turmas do sexto e do oitavo ano. Enquanto as aulas de teatro eram dinâmicas e prendiam a atenção, o mesmo não ocorria nas aulas de artes. Muito refleti sobre como transformar essas aulas mais interessantes.

Assim, nasceu o corpo em movimento, tema principal do meu projeto de ensino. Busquei a performance para pensar o corpo como obra de arte, agregando o interesse dos alunos pela música, o *funk*, a tatuagem, o vestuário, a *selfie*, entre outros, trazendo assuntos atuais com a apresentação de artistas e respectivas obras Rosana Paulino, Leonilson, Flávio de Carvalho, Bispo do Rosário, Vera Chaves Barcellos. Exemplifico algumas dessas aulas a seguir.

1) Aula: Em duplas, os alunos observaram com a lente do celular a pele da mão do outro, para depois desenhar, pintar e produzir um texto, descrevendo a atividade e o que sentiram ao realizá-la. A princípio um trabalho simples, mas que gerou inúmeros

questionamentos entre os estudantes ao perceberem as diferenças de texturas e cores. Inclusive, vindo à tona a questão do preconceito, ao utilizarem a caixa de giz de cera cores de pele, desmistificando o lápis cor de pele. Referência a obra *Epidermic Scapes*, 1977, da artista Vera Chaves Barcellos³³

Figuras 27 e 28: série *Epidermic Scapes*, 1977



Fonte: <<http://fvcb.com.br/?p=11037>> Acesso em: 08 dez 2017, 15h 13min.

³³ Sobre a obra, a artista escreveu no ano de sua produção” Não resisti à tentação de usar o termo *Epidermic Scapes* que diz tudo o que quero sobre este trabalho. São paisagens epidérmicas e também uma escapada de toda uma problemática interna, de símbolos e projeções, de qualquer espécie de sofrimento ou subjetivismo. É um trabalho de superfície, ao nível da epiderme. A cada centímetro de cada corpo humano, essas paisagens são diferenciadas. Fica, portanto, aberta a propostas para uma documentação, para sempre renovável, dos grafismos do corpo”.

O corpo como um

→ TEMPLO ←

....Jéhovah déploie autour de nos demeures
Le linceul de la nuit, et la chaîne des heures
Tombe anneau par anneau.

TURQUETY.

A partir da obra
Epidemic^I Scapes,

Estou só neste mudo santuário,
Eu só, com minha dor, com minhas penas!
E o pranto nos meus olhos represado,

Que nunca viu correr humana vista,
Luzente o derramar dos pés de Barcellos
Que também suspirou, gemeu sozinho,⁶⁶
Que também padeceu sem ter conforto,
Como eu, padeco e sou, e gemo, e choro.

observaram a pele
dado coleção de
desenharam pintar am
com giz (te cores de
pele) e produziram uma

(66) Está, como no verso seguinte, tão bem.

escrita sobre a
atividade

Que mimosos enleivos de ternura,
Não continha minha alma toda amores!
Esperanças e amor, que se vão dejetos?
Um dia me roubava uma esperança,
E sozinho, uma e uma, me deixaram
Morreram tôdas, como folhas verdes
Que em princípios do inverno se desfolgam.

E o amor! — podia eu...
Quando eu via a d'adi...
Com um sorriso infernal...
Com fome e frio e tr...
Acenando-me infausta...
Minha hora já sentia...
Tremendo de vergonha...
Ao fliz com que eu na...
De mãos erguidas: Mas...
Eis porque sou assim, porque...
Po que meu rosto pálido se...
Porque somente a dor me...
Porque meu coração já todo é...

Menti, Senhor, menti! — porque te adoro...
No altar profano de beleza esquiv...
Não queimo incenso vão: — tu és me...
O coração, que eu fiz hostia sagrada...
Apuro de elevados sentimentos...
Que o teu amor somente asilam, l'utren...
Quando ao sup da cruz me chego aflito...
Sinto que o meu sofrer se vai mingando...
Sinto meu coração arder em chamas.

Foi estranho pois nunca tínhamos reparado ~~isto~~ nos detalhes da mão.

Quando tiramos a foto com zoom, reparamos traços da mão.

Nunca tínhamos feito um trabalho desses antes, foi algo muito criativo e diferente,

Mesmo sendo algo difícil foi bem legal fazer.

a pele
s' foi
e foi
ta,
nica
lio.
sor e
mentos,
do esse
Foi,
anchas,
is fize-
e.
ando
do.
e cada
rém
ngas,
a cor
e
mamente

Senl
Ime.
Teu
Teu

E o
E o
A t
Senl

Na
A b
Nas
Pru
Nos

És
És
Que
Que

Nota-se que a percepção dos alunos sobre a pele, na realização da atividade, está em sintonia com Henri-Pierre Jeudy:

É mais fácil representar as formas de um corpo do que a própria pele. Enquanto superfície, a pele parece ser um meio passível da representação sem ser por essa razão representável. A pele, invólucro do corpo aparece como uma superfície com textura singular, as variantes de sua cor, e como um conjunto de fragmentos que se casam bem com as diferentes formas do corpo (2002, p. 83).

Depoimentos de alunos e alunas:

“A pele é uma obra simplesmente diferente das outras. Temos peles de várias cores e todas são divinas. Hoje desenhamos a mão da N. e do L. e foi superdivertido.”, N.S. aluna do oitavo ano.

“A gente percebeu que cada pele é única, porém tem suas semelhanças, e também o tom da pele é variado e algumas são extremamente diferentes.”, P.B., aluno do oitavo ano.

2) Aula: Em recortes de tecido, de 20 por 20 cm, cada aluno criou uma peça desenhada, costurada, bordada ou pintada com a proposta de presentear uma pessoa. Usando como referencial teórico as obras dos artistas brasileiros Rosana Paulino, Leonilson e Bispo do Rosário. A maioria dos estudantes decidiu trocar os presentes no dia do amigo secreto da escola, nosso último encontro e finalização do meu projeto.

Sentados em círculo, os estudantes tiveram livre acesso aos materiais de costura e bordado, disponibilizados, sobre uma classe no meio da sala. Pastel seco também foi utilizado, assim como canetas e tintas. Ao mesmo tempo, mostrei-lhes as obras dos artistas e uma breve biografia, fechando-se a atividade com um debate sobre o processo artístico dos artistas e dos trabalhos dos alunos.

Com estas referências
a turma realizou

ROSA NO MAR!

a última atin-
dade do projeto

Rosa, rosa de amor purpúrea e bela,
Quem entre os gaios te enfolhou da campa!
GARRET.

Por uma praia arenosa,
Vagarosa

Divagava uma Donzela;
Dá largas ao pensamento,
Brinca o vento
Nos soltos cabelos dela.

aula.

Leve ruga no semblante

Com tecido cortado
no mesmo tamanho
deveriam bordar,
deveriam ou pintar
ou escrever uma
carta a uma

Vem num instante,
Que noutro instante se alisa;
Mais veloz que a sua idéa
Não volteja.

Não gira, não foge a brisa

No original devaneio

Arfa o seio,

Pranto ao riso se mistura;

Doce rir dos céus encanto,

Leve pranto,

Que amargo não é nem dura.

carta a uma

Em seu lugar solitário
— Seu fadário. —
rosa conhecida ou
desconhecida.

De ver o mar se recreia;

De ver, a tarde dormente,

Docemente

Suspirar na branca areia.

Sentadas em círculo,
Agora, qual sempre usava,

Divagava

Em seu pensar embebida;

Tinha no seio uma rosa

Melindrosa,

De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,

Quando a rosa

Do seio no chão lhe cai:

Vem um'onda bonançosa

Qu'impiedosa

A flor consigo retrai.

A meiga flor sobrenada;

De agastada

A virge' a não quer deixar!

Bóia a flor; virgem bela,

Maltrás da

Rente, rente — à beira-mar.

Vem a onda bonançosa

Vem a rosa;

Foge a onda, a flor também.⁷⁵

A costureira fez sucesso.

— Entrelaçado nos
pedaços de tecidos
bordados pelo

A VIRGEM
— Tiene más de vaporosa sombra,
De inefable visión que de mujer.
ZORRILLA.

Leonilson

Linda virgem semelha a linda rosa
Que se abre ao romper d'alva;
Encapela-se as pétalas mimosas,
Lacradas de pudor com rubro sêlo:
Cego mortal só lhe respira o incenso
Mas dela a abelha extrai seu mel mais puro.

Seu nobre coração é como um templo,
Onde e só Deus habita;
Ali reina o mistério envolto em sombras,
A maga placidez envôlta em cantos:
Só vê isto o profano; mas o antiste
De Deus a sombra vê, e a voz lhe escuta.

É como um lago de marmóreo leito
Sua alma ingênua e bela:
No fundo não se enxerga o verde limo,
E a lisa face nos amostra os astros.
E onde o humilde pastor só vê luzeiros,
Os anjos lá dos céus contemplam mundos.

Se eu a vejo nos saraus ruidosos,
C'roada de beleza,
A sombra da tristeza irresistível
Tingir-lhe o rosto, e desbotar-lhe o riso;
Na mulher, que outros vêem, descubro o anjo,
Que as asas d'ouro, que perdeu, lamenta!

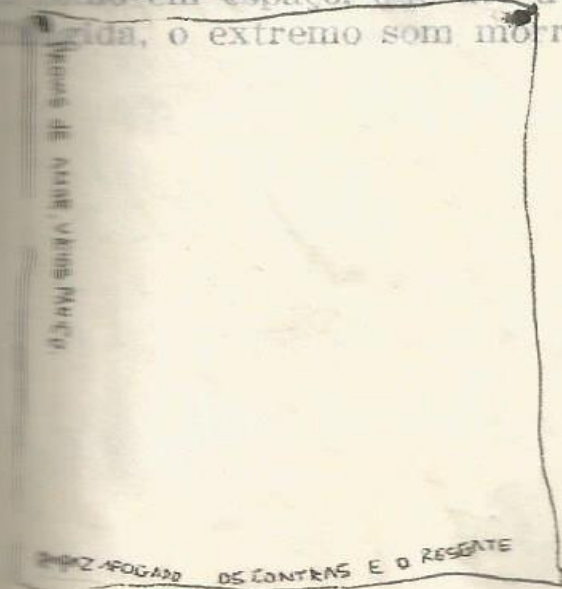
Então como que sinto arrebatá-me
Simpática atração!
Quisera doces carmes de ternura
Nos mais delgadas cordas da minha Harpa
Cantar-lhe, e assim dizer-lhe: "Um canto ao
[menos
acerbo exílio teu torne mais brando!"

Baldado empenho! Começado apenas,
Afrouxa-se-me o canto;

Debaixo dos meus dedos mal palpita

Provas de Amor, 1991

... e o extremo som morre sem eco!





Muitas vezes e
enfadada
Não quer deixar
Das varas menos
Nem com tant
Presteza lhes quer

Nisto o n... capela
A virgem be
Recolhe e leva e
Tão em calharia,
Como a fria
d'um falso amigo.

Nas alguns instantes,
F...
adaram os vestidos:
Lago o mar e bonança,
A praia

Com monótonos latidos.

Um doce nome querido
Foi ouvido,
Ia a noite em mais de meia:
Tôda a praia perlustraram,
Nem acharam
Mais que a flor na branca areia.

costureiro

O AMOR

Amare amabam.
S. AGOST.



alêvo d'alma, arroubo, encanto
onde existe?
transporte,
a extremos,
(a basta a natureza humana;)
atração d'almas sinceras
pelo amor, no se apuram,
seiras nome apenas?

na minha eterna ressecou meus lábios,
a criação da vida em meio,
bater a mente errada
ti bradava!
vão meus anos
lados,
es 76
te, em criste,
— e o meu deserto
mentos reboava embalde.

Os materiais de costura e bordados foram bastante requisitados, bordaram nomes, palavras e figuras envoltas com giz pastel e caneta colorida. Uma discussão surgiu durante a atividade, atingindo o ponto máximo da aula, sobre as questões de gênero, machismo e violência. Alguns desses pontos e linhas tracejadas pareciam expressar sentimentos e desejos daqueles alunos e alunas. Mas como diz Salles: “O percurso de concretização da obra caminha para uma satisfação mesmo transitória, como já discutimos. Pois há uma profunda verdade que ele procura expressar em sua obra, mas nunca o consegue expressar integralmente” (2011, p.41).

Figuras 29, 30 e 31: alunos do 8 B em atividade.



Fonte: fotografias da autora (2016).

3) Aula: Experimentação da obra performática *The artist is present*, Marina Abramovic, 2012.

A principal aula para iniciar os estudos da performance com os alunos. Uma verdadeira reprodução da cena: a artista, a mesa e expectador interagindo.

Cheguei na escola e me dirigi à sala de aula com os estudantes do sexto ano. Aguardei um tempo para todos se acomodarem e solicitei a sua atenção para apresentar a proposta de trabalho daquela manhã, sem falar sobre a obra e a performer. Coloquei a mesa da professora no centro da sala e duas cadeiras, uma em cada extremidade. Perguntei quem queria fazer o papel da artista, uma aluna e um aluno se prontificaram, os outros pareciam desconfiados. No par ou ímpar, o menino venceu e sentou-se na cadeira. Nesse instante, expliquei como funcionaria a atividade, risos e algumas caras feias.

A atividade: P. o artista, sentado olhando para J. Risos e corpos inquietos nas cadeiras, em menos de um minuto de duração. A próxima expectadora, M. senta e (olhos nos olhos) olhava tão seriamente que até eu senti um estranhamento. Passado um minuto, ela se levantou e saiu. O terceiro aluno provocava P., que revidava as provocações. Metade da turma já havia passado pela cadeira quando P. se cansou, cedeu o lugar do artista à M.E., até que o restante da turma completasse a atividade. Ao final, nos sentamos nas cadeiras e iniciamos uma conversa, com o relato dos alunos sobre o trabalho.

P.: - *Eu achei legal, mas não consegui ficar quieto, parado olhando para outra pessoa. É difícil.*

M.: - *Não quer falar.*

M.E.: - *Eu gostei de olhar só para as minhas amigas, os meninos ficavam rindo da minha cara.*

J.: - *Eu apostei com F. para ver quem ficaria mais tempo, perdi. Risos.*

Dando prosseguimento àquela primeira aula sobre arte performática, cito o nome da artista e o título da obra, mostrando fotos do trabalho de Marina, já que não havia equipamento multimídia disponível.

A aula termina com algum aluno exclamando: - *Sora que coisa mais estranha é essa tal de performance!*

Figura 32: Marina Abramovic, *The artist is present*, 2010 ³⁴



Fonte: <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/964/installation_images/121?locale=pt>

Figura 33: Turma 6ª experimentando a performance da artista.



Fonte: fotografia da autora (2016).

³⁴ Performance *The artist is present*, de Marina A., no MoMa, N.Y. 2010. Sentada em uma sala, duas cadeiras de frente para a outra e uma mesa entre elas, a artista recebia os visitantes, um a um, numa troca de olhares e sem diálogo algum, enquanto o público assistia ao redor. (Nota da autora) Figura 31 (Disponível em: < https://www.moma.org/calendar/exhibitions/964/installation_images/121?locale=pt> Acesso em 29 nov. 2017, 18h24min).

Nas aulas seguintes dei prosseguimento ao tema, mostrando aos estudantes as performances dos artistas brasileiros Flávio de Carvalho³⁵, *New Look*, 1956 e Vera Chaves Barcellos³⁶, *On Ice*, 1978.

Figura 34: *New Look*, 1956



Fonte: <<http://www.nasentrelinhas.com.br/noticias/costurando-ideias/349/o-new-look-de-flavio-de-carvalho/>>

Figura 35: *On Ice*, 1978



Fonte: <<http://fvcb.com.br/?p=10222>>

³⁵ Experiência nº 3, quando Flávio de Carvalho desfilou pelas ruas do centro de São Paulo vestindo blusa, saíote e meia-arrastão. Essas peças compunham seu "*New Look*", chamado ainda de "traje tropical" ou "traje de verão", fruto de pesquisas que dedicou à moda na década 1950, procurando conceber um tipo de roupa mais adequado ao clima de um país tropical. Dessa outra ação performática, realizada em 1956, restaram algumas fotografias, entre elas, esta que se encontra no Arquivo Bienal. (Disponível em: <<http://www.bienal.org.br/post.php?i=368>> Acesso em: 29 nov. de 2017, 17h41min.) (Acesso em 29 nov. 2017, 17h45min).

³⁶ "*On Ice*", o aspecto surpreendente da situação, do vestuário, da intenção daquele que realiza a operação nada podem a não ser mergulhar na interrogação o observador em busca de um sentido. A série *On Ice* foi realizada a partir da *performance* de Flavio Pons e Cláudio Goulart realizada na superfície congelada de um lago em Amsterdã, em 1978. (Disponível em: <http://fvcb.com.br/?p=10222> Acesso em: 29 nov. de 2017, 17h28min) (Acesso em: 29 nov. 2017, 17h57min).

Conceito dos alunos

Não tem fala, sem diálogo

O corpo é a obra

P E R F O R M A N C E

Para êstes não será sem atrativo esta minha publicação, não como árvore de esperancosos frutos, mas como arbusto pouco conhecido, que na sazão das flores se metamorfoseia, que toma novo aspecto, e porventura agrada pela sua estranheza.

Sôbre o título que dei à primeira parte, bem se vê que não é um verdadeiro título, mas um simples número: são hinos, visões, poesias líricas e americanas, composições diversas e variadas, que eu irei publicando enquanto merecerem o favor do público, se é que se dá o público destas coisas.

Quanto ao da segunda parte, só tenho a dizer que era minha intenção publicá-la com o pseudônimo de Frei Antão de Santa Maria de Neiva, cuja vida poderão ler os curiosos na HISTÓRIA DE S. DOMINGOS, P. 2.º, L. 3.º, C. 4.º. Mudei de resolução, conservando-lhe todavia o título, porque sem êle muitas das sextilhas seriam ininteligíveis.

Rio de Janeiro. Fevereiro de 1848.

Toda dor reinventa

alguma coisa ou

cria

[...]

CONSOLAÇÃO NAS LÁGRIMAS

Las lágrimas puras que entonces se vierten,
Acaso divierten,
En vez de doler.

ZORRILLA.

Como é belo à meia-noite
O azul do céu transparente,
Quando a esfera d'alva lua
Tôda se cala dormente,
Quando o mar tranqüilo e brando
Na areia chora fremente!

Como é belo êste silêncio
Da terra todo harmonia,
Que aos céus a mente arrebatada
Cheia de meiga poesia!
Como é bela a luz que brilha
Do mar na viva ardentia!
Êste pranto como é doce
Que entorna a melancolia!

Esta aragem como é branda
Que enruga a face do mar,
Que na terra passa e morre
Sem nas fôlhas sussurrar!

6 DAS DIFICULDADES

Uma das primeiras dificuldades que eu senti, ao iniciar o Estágio I, foi conciliar os horários de aulas na faculdade com os horários da escola para alcançar o mínimo de 20h de observações das duas turmas escolhidas. Por isso, acabei observando mais aulas do oitavo ano que do sexto, nada muito exorbitante, aproximadamente seis aulas de diferença. Creio que isso não prejudicou no andamento do plano de ensino para a prática do semestre seguinte. Outro fato que me causou estranhamento foi perceber a parcialidade da professora de artes diante de temas propostos, a exemplo política, apesar de ter me dito que professores e estagiários devem ter o cuidado para não influenciar o pensamento dos estudantes.

Questionamentos surgiam.

Como agir? Como tratar a conjuntura política em sala de aula?

Algumas vezes, nas observações, *flashes* da minha vida escolar percorriam a mente: eu, nas aulas de música cantando hinos.

E os desfiles de sete de setembro? Marcas da minha vida, de um tempo duro da história do Brasil.

Que fiquem lá na memória distante, distante.

A escola proporcionava um ambiente físico excelente, com salas adequadas, um pátio amplo possibilitando aulas dinâmicas e instigantes. Além da sala de artes e sala de vídeo, onde eram realizadas as aulas de teatro, havia materiais de apoio à inclusão de estudantes com alguma necessidade especial. Mas meu dilema era em relação à abertura da direção e do quadro de professores frente uma dinâmica disparadora de problematizações e questionamentos. Poderia eu concretizar meu projeto?

Com o interesse e o apoio da professora ao discutir possíveis planilhas do meu projeto de ensino abordando o corpo na produção artística e o uso de performances, a preocupação inicial foi se esvaindo, dando lugar à tranquilidade e motivação.

Quanto aos alunos, não senti maiores dificuldades, demonstraram interesse e aceitaram as propostas das atividades.

No mais, a grande dificuldade, sem dúvida, foi com problemas de saúde que enfrentei desde o início do Estágio, já relatados em capítulos anteriores, os quais prejudicaram a sequência das aulas presenciais da faculdade e três dias de observações na escola. Sentia o ritmo alterado e, de certa forma, as preocupações diminuía o rendimento.

E nessa angústia, entre dores e delírios, o tornar-se professora seguia a passos lentos.

Insegurança

Não sabeis o que o monstro procura?

Sabeis, sim

E enfrentais com alegria

fugir, fugir

do triste asilo da mente inerte

pelo medo de tentar.

(poesia da autora, 2016)

Mais uma dificuldade,
como interferir no

À MORTE PREMATURA
projeto do meu
colega
DA ILMA. SRA. D.....
(No álbum de seu Ir. [redacted] Lisboa Serra.)

Il semble que le ciel aux coeurs les plus
[magnanimes

Mesure plus de maux LAMARTINE.

No estagio II
um dos trabalhos
Perfeita formosura em tenra idade
Qual flor, que antecipada foi colhida,
Murchada está de mão da sorte dura.
LAMARQUES, Soneto.

Lá, bem longe daqui, em tarde amena
Quando a viração das frescas auras
Que do Brasil os bosques brandamente
Faziam balançar, — e que espalhavam
No éter enfeitado odor, pureza
Do que a rosa mais bela, — meiga e casta,

Como as virgens do sol,
que de vésperas não se pendente
Dos braços fraternais em meigo abraço;
Como mimosa flor prêsa, enlaçada
No entro arbusto que a vergantea rebou
Lhe ampara docemente!...
E o Irmão que só nela se revia,
O Irmão que a adorava, qual se adora
Um mimo do Senhor;

Vom pouco preocupada...

Que a tinha por farol, confôrto e guia
Os seus dias contava por encantos;
Mas virtudes co'os dias pleiteavam.
Ela morreu no viço de seus anos!...
Ela fogem fria e muda dos sepulcros
Se deitou sôbre o ente esmorecido
Ao despontar de vida
Ela rica de esperanças e tão cheia
De formosura e graças!...

Quanta! quanta! que de terror incutes!
Quanto esse teu silêncio me horroriza!
E quando se assemelha a tua calma
A do cruel malvado que impassível ⁴²
Contempla a sua vítima torcer-se
Em convulsões horríveis, desp'radas;
Ous vascas da morte!...
Quem tão má te criou?
Tu que tragas o ente que esmorece
Ao despontar de vida
Ela rica de esperanças e tão cheia
De formosura e graças?!

O farol se apagou! a luz sumiu-se!
Como o fugaz clarão do meteoro,
Extinguiu-se a esperança; — e o malfadado
Sobre a terra deserta em vão procura
Traços dessa que amou, que tanto amara;
Da jovem companheira de seus brincos,
Pesares e alegrias.
Ela a procura!... o viajor pasmado

(42) Não há crase no verso.

Não sabeis o que o monstro procura?

Não sabeis a que vem, o que quer?

Vem matar vossos bravos guerreiros,

Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Não sabeis o que o

Vem trazer-vos crueza, impiedade —

Dons cruéis do cruel Anhangá;

monstro procura?

Vem quebrar-vos a mata valente,

Profanar Manitôs, Maracá.

Vem trazer-vos algemas pesadas,

Com que a terra Tupá vai temer;

Hão de os velhos servirem de escravos,

Mesmo o Piaga Inda escravo há de ser!

e enfrenta

Fugireis procurando um asilo,

Triste asilo por ínvio sertão;

Anhangá de prazer há de vir-se,

Vendo os vossos quão poucos serão.

para fugir do

Vossos Deuses, ó Piaga conjura,

Susta as iras do fero Anhangá.

Manitôs já fugiram do Taba,

Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!

da mente inerte

pelo medo de

tentar!

O CANTO DO ÍNDIO

Quando o sol vai dentro d'água

Seus ardores sepultar,

Quando os pássaros nos bosques

Principiam a trinar;

Eu a vi que se banhava....

Era bela, ó Deuses, bela,

Como a fonte cristalina,

Como luz de meiga estrêla.

Ó Virgem, Virgem dos Cristãos formosa,

Porque eu te visse assim, como te via,

Culcara agros espinhos sem queixar-me,

Que antes me dera por feliz de ver-te.

Ó tacape fatal em terra estranha

Sobre mim sem temor veria erguido;

Dessem-me a mim sòmente ver teu rosto

Nas águas, como a lua, retratado.

Eis que os seus loiros cabelos

Pelas águas se espalhavam,

Pelas águas, que de vê-los

Tão loiros se enamoravam.

III

Sintomas vieram
 Quem guia nos ares
 A frecha implumada,
 Escondendo uma presa,
 Mas,
 Com tanta certeza,
 Na altura arrojada
 Como uma guerra,
 Onde eu a mandar?
 — Guerreiros, ouvi-me,
 — Ouvi meu cantar.
 fui seguindo.

IV

Até' que a dor veio
 quem tantos inimigos
 Em guerras preou?
 forte quem canta seus feitos
 Com mais energia?
 quem golpes daria
 Fatais, como eu dor?
 na — guerreiros, ouvi-me:
 — Quem há, como eu sou?
 cálculo renal. Na
 mente somente uma
 preo supacão: o estágio

(7) Está frecha, e assim vem grafado até os últimos Cantos. V. nota 177.

E a ave medrosa
 Se esconde no céu.
 — Quem há mais valente,
 — Mais destro do que eu?

VI

Se as matas estrujo
 Co'os sons do Boré,⁸
 Mil arcos se encurvam,
 Mil setas lá voam,
 Mil gritos reboam,
 Mil homens de pé
 Eis surgem, respondem
 Aos sons do Boré!
 — Quem é mais valente,
 — Mais forte quem é?

VII

Lá vão pelas matas;
 Não fazem ruído:
 O vento gemendo
 E as matas tremendo
 E o triste carpido
 Duma ave a cantar,
 São êles — guerreiros.
 Que faço avançar.

(8) Boré, instrumento músico de guerra; dá apenas algumas notas, porém mais ásperas, e talvez mais fortes que as da Trompa. / > Nota do Autor.

B
C
U
S
O
O
A
N
Z
A
P
O
O
S
C
B
O

7 POSTAIS PARA O FUTURO

Incertezas fazem parte.

Não tenha medo de errar.

Questione sempre.

Ria chore esperneie, deixe o corpo se expressar.

Leia, escute música, dance.

Escreva, desenhe, rabisque.

Durma.

Fale e deixe falar.

Observe.

Pinte o sete.

Se preciso for, saia de cena.

Isole-se.

Apaixone-se.

Envolva-se no processo, da elaboração do projeto à sua execução.

Faça um bolo, o corpo precisa de comida.

Não gosta de bolo, coma uma maçã.

Eu tu ele ela vocês, nós.

Confie. Trabalhe.

Para mim a etapa mais importante do estágio foram as observações e o reconhecimento da escola e dos corpos diversos que nela transitavam, fundamental para a elaboração do plano de ensino e para colocá-lo em prática com as turmas observadas.

Você, o que diria aos futuros estagiários?

Esse é o objetivo do *Postais para o Futuro*, um projeto idealizado e concretizado pelo professor orientador do estágio do curso Licenciatura Em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Cristian Poletti Mossi, no ano 2016 (ano I). Convidando seus estagiários a participarem na criação de postais, os antigos cartões enviados pelo Correio, a serem entregues aos vindouros estagiários.

Ao aceitar o desafio elaborei meu postal com uma fotografia de um momento em sala de aula na turma do oitavo ano, com as palavras-chaves do meu projeto de ensino.

Na verdade, criei dois postais com seus respectivos dizeres. A dúvida: qual publicar?

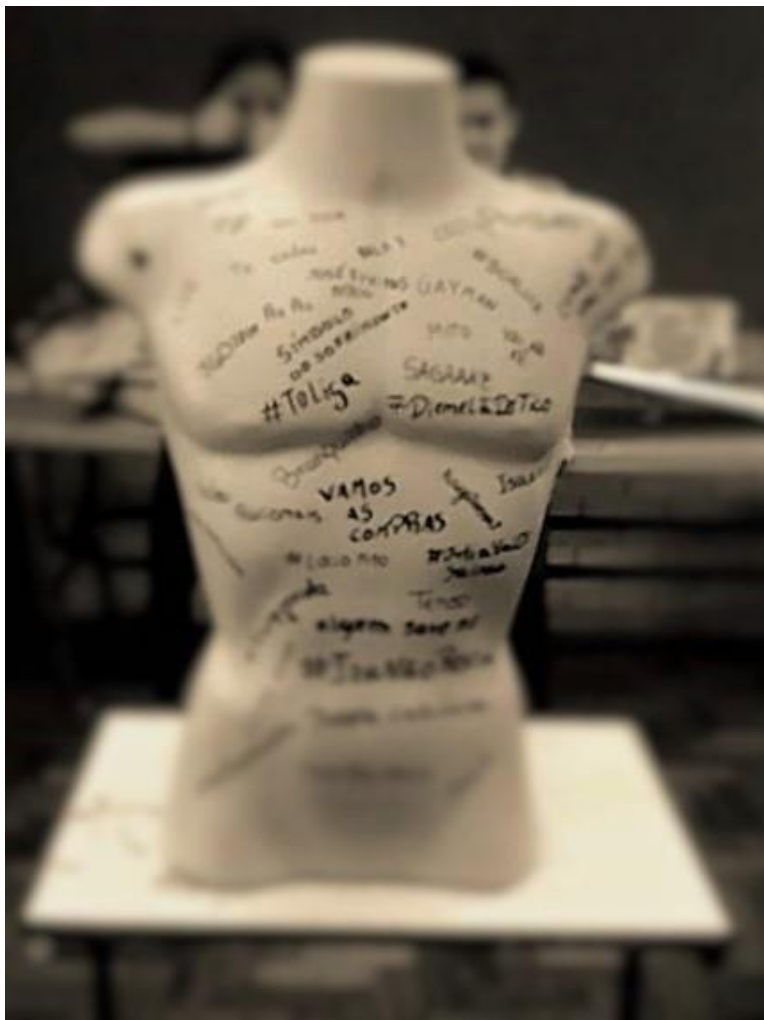
Antes de apresentar-lhes o escolhido, compartilho os dizeres do outro postal:

Pensar
Sentir os corpos,
Suas diferenças e movimentos.

Fabiana Branchina

Dez/2016

Figuras 36 e 37: Postal para o futuro elaborado pela autora, frente e verso.



Fonte: fotografias da autora (2016).

8 CORPOS DIVERSOS COMO ASAS LATEJANDO, O FIM

O que importa?

“Na luta entre você e o mundo, prefira o mundo.”³⁷

Franz Kafka

Afet (o) (amento), na percepção de si e do outro possibilitando trocas e aprendizagens pela experimentação. Dardos disparadores. Permitir-se à experiência. Metamorfose, borboleta submersa numa trama de linhas construtoras do rizoma vir a ser professora, somadas/diminuídas, vida/morte, prazer/desprazer, construção/desconstrução na busca incessante para responder e não encontrar, resposta ou respostas. Afinal dúvida é, dúvidas são. Infinda procura.

E isso me interessa.

³⁷ Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Kafka, Franz, 1883-1924. Aforismos reunidos (livro eletrônico) / Franz Kafka. Introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. (Clássicos serrote), 36 Kb, PDF 1 Aforismos I Carone, Modesto. II Título. III Série. Índices para catálogo sistemático 1. Aforismos: Literatura alemã. (Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/wp-content/uploads/2012/03/aforismos_08.pdf> Acesso em: 02 dez. 2017, 12h11min).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVIC, Marina. **The artist is presente.** New York, 2010. Disponível em: <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/964/installation_images/121?locale=pt> Acesso em: 29 nov. 2017, 18h24min.

ARTE E CIRCUNSTÂNCIA. **Gazeta de Alagoas.** Caderno B. Agência O Globo. Maceió, 25 ago. 2013. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=229008>> Acesso em: 03 nov. 2017, 23h05min.

BARCELLOS, Vera Chaves. On Ice, Amsterdã, 1978. Disponível em: <<http://fvcb.com.br/?p=10222>> Acesso em: 29 nov. 2017, 17h57min.

_____. Academic Scapes, Porto Alegre, 1977. Disponível em: <<http://fvcb.com.br/?p=11037>> Acesso em: 08 dez. 2017, 15h 13min.

BELL, Julian. **Uma nova história da arte.** 1ª edição / Julian Bell; tradução: Roer Maioli. – São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO. **Cy Twombly** / curadoria Karsten Greve. Disponível em: <<http://www.23bienal.org.br/especial/petw.html>> Acesso 18 jun. 2017, 21h32min.

BONDIA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN1413-2478. (Disponível:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 01 dez. 2017, 13h09min).

BURIAN, André. **Inconsciente**. / André Burian; produção: Orlando Lemos, projeto gráfico & fotografia: André Burian - Belo Horizonte - MG: Belizário Galeria de arte, 2008.

CORAZZA, Sandra. M. Caderno de notas 3: **Didaticário de criação: aula cheia**. / Sandra Mara Corazza. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2012, p. 44-47.

CARVALHO, Flávio. **New look**. Rio de Janeiro, 1956. Disponível em: <<http://www.nasentrelinhas.com.br/noticias/costurando-ideias/349/o-new-look-de-flavio-de-carvalho/>> Acesso em: Acesso em 29 nov. 2017, 1745min).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia**. V.1 / Gilles Deleuze; Félix Guattari; tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa - Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94p. (coleção TRANS).

_____. **Mil Platôs Capitalismo e esquizofrenia**. V. 3 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução Aurélio Guerra Neto, et alii – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996 (coleção TRANS).

DIAS, Gonçalves. **Poesias Completas**. 2ª edição. / Gonçalves Dias; introdução de Mário da Silva Brito; organização, revisão e notas de Frederico José da Silva Ramos. São Paulo: Editora Saraiva, SP, 1957.

DIDI-HUBERMAN, **La Imagen Mariposa**. 1ª Edición. / Didi-Huberman; traducción de Juan José Lahuerta – Barcelona, 2007. ISBN:978-84-935921-1-0. __Dep.legal:B-48.687-2007 (Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/127786770/Didi-Huberman-Mariposa0001> Acesso em: 02 dez. 2017, 14h31).

DIÁRIO. In FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda: dicionário eletrônico. Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27. Disponível em: <<https://dicionarioaurelio.com/diario>>. Acesso em: 01 dec. 2017, 12h15min.

EDUCAÇÃO PARA A ARTE / ARTE PARA EDUCAÇÃO / organizadores Luis Camnitzer, Gabriel Pérez-Barreiro; tradução: Gabriela Petit ... [et al.], - Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009. 400 p.: il.; 21 cm (6ª Bienal do Mercosul).

FIOCRUZ. **Reforma psiquiátrica**. Disponível em: <<http://www6.ensp.fiocruz.br/radis/revista-radis/38/reportagens/como-anda-reforma-psiquiatrica>> Acesso em: 23 nov. 2017, 115h41min).

FONSECA, Tânia Maria Galli; COSTA, Luciano Bedin (orgs). **Vidas do fora: habitantes do silêncio**. / Tânia Maria Galli Fonseca e Luciano Bedin da Costa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: course no Collee de France** (1974-1975). 2ª ed. / Michel Foucault; tradução Eduardo Brandão – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. (Coleção obras de Michel Foucault).

_____. **História da Loucura na Idade Clássica**. / Michel Foucault; tradução: José Coelho Netto; revisão de texto: Antônio de Pádua Danesi; revisão de provas: Anibal Mari et alii; produção: Plínio Martins Filho – São Paulo: Ed. Perspectiva A.A., 1978.

GALLARDO, Ana et al. **Micrópolis experimentais: traduções da arte para a educação.** / Ana Gallardo... [et a.]: organização: Marina de Caro, tradução: Jane Brodie, Nicholas Rands – Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2009.

GARCIA, Wilton. **Corpo e subjetividade: estudos contemporâneos.** / Garcia Wilton. São Paulo: Factaser, 2006.

JEUDY, Henry-Pierre. **O corpo como objeto de arte** / Henry-Pierre Jeudy; tradução Tereza Lourenço. – São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

KAFKA, Franz, 1883-1924. **Aforismos reunidos** (livro eletrônico) / Franz Kafka. Introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. (Clássicos serrote), 36 Kb, PDF 1 Aforismos I Carone, Modesto. II Título. III Série. Índices para catálogo sistemático 1. Aforismos: Literatura alemã. (Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/wp-content/uploads/2012/03/aforismos_08.pdf> Acesso em: 02 dez. 2017, 12h11min).

KIEFER, Charles. **Caminhando na chuva.** / Charles Kiefer. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. 80p. (Novela 5).

MANEQUIM. In FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda: dicionário eletrônico. Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/manequim>>. Acesso em: 01 dec. 2017, 12h34min.

MANUAL PARA CURIOSOS: 9ª BIENAL DO MERCOSUL / Porto Alegre / Sofia Hernández Chong Cuy e Mônica Hoff (org.), - 1. Ed. – Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 13. 88p.: il. Color., 21 x 29 cm.

MORAIS, Frederico. **Arte é o que eu e você chamamos arte**: 801 definições sobre arte e o sistema da arte. 4ª edição. / Frederico Morais – Rio de Janeiro: Record, 2002. ISBN 85-01-05002-4

NERUDA, Pablo. **Livro das perguntas**. 2ª reimpressão. / Pablo Neruda; tradução: Ferreira Gullar; ilustrações: Isidro Ferrer. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 184 p., 87 ils.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratrusta: um livro para todos e para ninguém** / Friedrich Wilhelm Nietzsche; tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das letras, 2011.

PEDAGOGIA NO CAMPO EXPANDIDO. / Pablo Helguera e Mônica Hoff (org.); tradução Camila Pasquetti... [et al.]; - Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.

PEDROSA, Sebastião Gomes. ANPAP: 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. **Sobre a relação imagem e texto na arte do Século XX**. Florianópolis - SC., 2007. p.1628 - 1633. (Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/167.pdf> Acesso em: 27 nov. 2017, 20h).

REVISTA EDUCAÇÃO & EDUCAÇÃO. **Currículo e política de identidade**. Índices de Autores e Assuntos: v. 21, n.1, p. 9-280 (jan./jun. 1996) Porto Alegre; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1996. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1997. Semestral. Anual de 1976 a 1978. Trimestral de 1979 a 1985 ISSN 0100-3143. 1. Educação – Periódicos. I Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. **Educação e o problema do conhecimento.** Índices de Autores e Assuntos: v.22, n.1, p. 5-240 (jan./jun.1997). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1997. Semestral. Anual de 1976 a 1978. Trimestral de 1979 a 1985 ISSN 0100-3143. 1. Educação – Periódicos. I Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística.** 5ª edição revista e ampliada. / Cecília Almeida Salles; apresentação de Elida Tessler. – São Paulo: Intermeios. 2011.

SOMMER, Isabel; JUNQUEIRA, Vera. **Ando Sonhando.** / Isabel Sommer; Vera Junqueira; organização: Araldo Neto et alii; projeto gráfico: Vera Junqueira, arte final: Alice Guedes - Porto Alegre, 2014. 500 exemplares.

TATIF, Luiz. **O Meio.** 2000. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/luiz-tatit/164839/>> Acesso em 19 nov. 2017, 21h30min).

TWOMBLY, Cy. **Academy.** New York, 1995. Disponível em: <<https://www.moma.org/collection/works/140482>> Acesso em 27 nov, 2017, 19h35min.

UFRGS. **Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** Disponível em:<<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/apresentação>> Acesso em 20 nov. 2017, 24h25min.

VELASCO, Suzana. A arte de bispo do Rosário sem negar a loucura. **O Globo.com,** Rio de Janeiro, 01 jan. 2013. Disponível em: <<https://oglobo.com/cultura/a-arte-de-bispo-do-rosario-sem-negar-a-loucura-9305552>> Acesso em: 27 nov. 2017, 15h32min.

ZORDAN, Paola. **Das maneiras de se escrever uma pesquisa.** / Paola Zordan. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 117-130 - mai./ago.2014. ISSN 1983-7348 <http://dx.doi.org/10.5902/1983734815109>. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15109/pdf_1 Acesso em: 12 dez. 2017, @4h 02min.

_____. **Educar com poesia: malha em carne e vida institucional** / Paola Zordan; organização: Paola Zordan – Porto Alegre: INDEPin, 2014.

_____. **Iniciação à docência em Artes Visuais – Guia e experiências** / Paola Zordan; organização: Paola Zordan – São Leopoldo: Oikos, 2011.

APÊNDICE

PROJETO DE ENSINO

TEMA: O corpo em movimento no espaço escolar: aulas de artes visuais.

IDENTIFICAÇÃO: Escola Estadual de Ensino Fundamental Gonçalves Dias

Turmas: sexto ano e oitavo.

CONTEXTO: Escola pública localizada na Zona Norte de Porto Alegre, fundada no ano de 1946, comemorando setenta anos em outubro, com eventos e atividades junto à comunidade. Possui uma ótima infraestrutura e renomado conceito. Seu público são, na maioria, moradores do Bairro Passo D'Areia de classe média, turmas grandes, aproximadamente trinta alunos, no Ensino Fundamental (turno manhã, duas turmas para cada ano: A e B), a Educação Infantil no turno da tarde e o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) à noite. Iniciei as observações em vinte e três de março no sexto ano A e oitavo B, contando trinta alunos (metade meninas e meninos), cinco alunos repetentes. A principal característica da turma é a imaturidade, bastante agitados, mudam as atitudes quando se deslocam para as aulas de teatro e para a sala de artes, demonstrando interesse pelas atividades. Já o oitavo ano B é comportado, os que me causa certa estranheza, colaboram com a professora, mas é evidente a predileção pelo teatro. Notei mais empatia com os alunos a partir da festa junina, onde tivemos um contato mais informal e aumentando a confiança entre mim e as turmas.

TEMÁTICA PRINCIPAL: O corpo humano e sua relação nas artes visuais, movimentos artísticos, focando na Arte Moderna e Contemporânea. Aulas interdisciplinares: Português, Literatura, Teatro e Educação Física, a partir do programa educacional da escola na apresentação da peça Hamlet, com adaptações criadas pelos alunos, sarau literário e a gincana Olimpíadas, na semana

do aniversário da escola. Com planos de aula trazendo o corpo em movimento nos esportes, artistas da Coreia e de Moscou, os respectivos países representados pelas turmas 8B e 6A, textos literários, artistas da loucura Bispo do Rosário, Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Diversidade: corpos invisíveis, plurais, mutáveis, integrados bem como órgãos individuais: coração, pele, entre outros. Coletividade.

OBJETIVOS: Refletir acerca das relações da arte com o corpo humano em sua diversidade, identidade, saúde, lazer, como área de conhecimento do processo artístico. Os movimentos internos e externos dos corpos no espaço escolar e na sociedade. Lançar propostas e questionamentos através de experimentações da performance, desenho, escultura e fotografia. Proporcionando atividades interdisciplinares e coletivas a partir das produções poéticas de artistas visuais, construindo um repertório próprio com o interesse dos alunos.

JUSTIFICATIVA: Nas observações percebi claramente o interesse dos alunos pelo deslocamento e o movimento dos corpos durante as aulas intercaladas com o teatro, direcionando minha pesquisa para a construção do projeto de ensino em torno de corpos em movimento nas aulas de artes visuais.

CONTEÚDOS: Movimentos artísticos: Arte Moderna e Contemporânea, a arte não legitimada nos processos relacionados com a arte terapia, linguagens e fundamentos das artes visuais. Adaptando o plano com os conteúdos da professora de artes da escola: composição visual: linha e cor, arte no tempo e espaço, figurativismo, formas (volume, textura), linguagens escultura e desenho, arte e reciclagem, releituras nas artes visuais. **CARGA HORÁRIA:** Vinte encontros de cinquenta minutos para cada turma, totalizando 40h aula, com início em cinco de agosto até catorze de dezembro. Sempre às quartas-feiras, das 9h10 às 10h e 11h05 às 11h55.

RECURSOS: Uso dos equipamentos multimídia da escola, sala de vídeo e sala de artes, material básicos: lápis diversos, tintas, folhas, reciclados, pátio interno e externo, materiais extras, se necessário, eu levarei e solicitarei aos alunos. Autorização da direção para uma visita à Oficina do Hospital São Pedro. Livros de artes visuais, de literatura e internet.

AValiação: Criação do diário coletivo das turmas, o corpo representando a turma, para o 8B um manequim e o 6A, corpo desenhado pelos alunos constituindo o corpo da turma, com nome, formas e fichas descrevendo resumidamente cada aula e sensações pelo aluno responsável a cada fim de aula. Está sendo a principal avaliação dos alunos e da professora estagiária. Como os estudantes respondem às propostas? Como se dá ou não a aproximação deles frente às atividades? Quais os movimentos necessários para melhorar o entendimento das aulas? Como eu professora estou sentindo o envolvimento dos alunos e o meu envolvimento? Continuidade da avaliação cumulativa da escola dividida em participação, trabalhos, provas.

METODOLOGIA:

TURMA: 6º ano A

AULA 01 Apresentações da professora, dos alunos e do programa de ensino.

Conteúdo: *Performance*. O corpo em movimento nas aulas de artes visuais a partir dos movimentos artísticos da história da arte. **Metodologia:** Possibilitar a criação de pensamentos e conceitos próprios, por exemplo, o conceito que a turma poderá elaborar sobre performance. Aproximação entre a estagiária e os estudantes, falar sobre o andamento das durante o semestre, atividades e avaliações. Apontar a importância da criação do diário-corpo da turma e solicitar temas de interesses para incorporar ao projeto.

1º Momento: Sentados em círculo, iniciar um diálogo com a turma, trocando ideias sobre as aulas de artes visuais durante as vinte horas de estágio.

2º Momento: Explicar o tema principal das aulas: O corpo em movimento, e o processo de criação e avaliação do diário a ser iniciado na semana seguinte.

Avaliação: Como os estudantes receberam a proposta e a professora? Quais os pontos do projeto a serem descartados? Qual o movimento necessário para um maior aproveitamento das aulas?

- AULA 02 Criação do corpo-diário

Conteúdo: Linguagem do desenho.

Metodologia: Trabalho coletivo. Proporcionar um primeiro contato com a temática das aulas, atentando para a construção do corpo da turma relacionando aspectos individuais dos alunos e da professora. Da percepção de si como um instrumento ativo num corpo físico, emocional plural.

1º Momento: Expor para o grupo o que será este diário e como será construído durante todo o semestre. 2º Momento: No pátio, esticar um tecido no chão onde os alunos irão contornar o corpo de um ou mais colegas, se desejarem, para formar a estrutura física do corpo da turma. 3º Momento: Debate sobre a atividade.

Avaliação: Como foi o entendimento da turma com a proposta? Quais os pontos a serem modificados e mantidos? Quais as ideias principais dos alunos para a confecção do corpo?

- AULA 03.

Conteúdo: O corpo humano nas artes visuais, tempo e espaço.

Metodologia: Contato com artistas que retratam o corpo humano através de um Power point identificando artistas e movimentos artísticos nas diversas linguagens da arte. Trazer ao conhecimento dos alunos o processo de pensamento e criação do corpo nas artes a fim de dar prosseguimento com as seguintes propostas de aulas.

1º Momento: Apresentar as imagens das obras num *Power Point*. 2º Momento: Debate sobre os artistas, suas respectivas obras e movimentos artísticos.

Avaliação: Quais as reações em destaque dos alunos com a apresentação das imagens? Quais os questionamentos relevantes? Como essas percepções poderão acrescentar no andamento das seguintes aulas?

- AULA 04 Percepção do corpo e seu movimento

Conteúdo: Linguagem da fotografia, luz e sombra.

Metodologia: 1º Momento: Dividir a turma em grupos de seis. O primeiro vai à frente da turma e iniciará a atividade cobrindo-se com um tecido de malha claro, onde cada participante formará imagens através de diversas posições do seu próprio corpo. Na plateia, os alunos sentados, deverão registrar em fotografias as composições criadas pelos grupos sob o tecido. 2º Momento: Debate sobre a atividade, após a apresentação de todos os grupos.

Avaliação: Como os alunos realizaram a atividade e como a plateia se comportou frente ao trabalho dos colegas? Quais os questionamentos e conceitos surgidos? Quais as percepções do contato do corpo com o material, tecido? Quais as ideias levantadas para a atividade posterior?

- AULA 05 Continuação da aula anterior: Percepção do corpo

Conteúdo: Linguagem da fotografia.

Metodologia: Produção escrita. Apresentação do teatro de sombras visualizando as silhuetas através de um tecido, vídeos da internet. Possibilitar questionamentos sobre o seu próprio corpo, como se enxergam o que gostam e o que gostariam de mudar e por quê? Percepção das diferenças e a multiplicidade dos corpos.

1º Momento: Recapitular o exercício da aula anterior. 2º Momento: Mostrar as fotos dos grupos digitalizadas. 3º Momento: Exibir um vídeo com teatro de sombras e fazer um pequeno debate com a turma. 4º Momento: Solicitar um pequeno texto podendo

ser em forma de poesia, palavras soltas, sobre a relação com seu próprio corpo. 5º Momento: Construção de um painel com as fotos e o texto produzido para uma exposição na escola.

Avaliação: Como reagiram com a proposta? Quais as dificuldades? Algum aluno se recusou a fazer a atividade? Se afirmativo qual o motivo?

- AULA 06 Memorial da pele

Conteúdo: Linguagem da fotografia, obra da artista Vera Chaves Barcellos, *Epidermic Scapes*.

Metodologia: Apresentar como o maior órgão do corpo pode ser utilizado numa obra de arte, instigar curiosidades e questões sobre sua própria pele, sua história através das marcas, sua identidade, diversidade, preconceito, racismo.

1º Momento: Formar grupos de seis alunos e solicitar que façam fotos (com o celular próprio ou o da professora), de partes das suas próprias peles, incluindo sinais, marcas de nascença, cicatrizes, etc.

2º Momento: Apresentação da obra *Epidermic Scapes*.

3º Momento: Debate sobre a atividade.

Avaliação: Quais os questionamentos levantados pelos alunos para direcionar o andamento da próxima aula? Como se aproximaram da obra apresentada.

- AULA 07 Continuação da aula seis.

Conteúdo: Linguagem da fotografia, obra da artista Vera Chaves Barcellos. **Metodologia:** 1º Momento: Mostrar as imagens produzidas na aula anterior, e conversar sobre com os alunos. 2º Momento: Apresentar um vídeo sobre a obra e biografia da artista gaúcha Vera. 3º Momento: Debate com o grupo. 4º Momento: Produzir um painel com os trabalhos para expor na escola.

Avaliação: Como os alunos receberam a proposta do trabalho? Quais foram as reações ao se fotografarem e depois vendo as imagens ampliadas no computador? Quais as questões em relação a obra *Epidermic Scapes*?

- AULA 08 Fios de cabelo como linhas e cor na composição visual.

Conteúdo: Linguagem do desenho.

Metodologia: Utilização de barbantes e tinta guache. Um desenho pode ser realizado com diversos materiais, nosso corpo também desenha, pontos linhas e cores formam nosso cabelo, podendo ser transformado num processo artístico.

1º Momento: Em duplas, perceber o cabelo do colega e o seu, analisar forma, textura, comprimento e cor. 2º Momento: Criar um desenho, em duplas, na folha A3 com barbante representando as percepções dos cabelos na imagem. 3º Momento: Debate e mostra dos trabalhos.

Avaliação: Como os alunos reagiram frente ao colega e seu cabelo? Quais os questionamentos? Como elaboraram a criação do desenho?

- AULA 09 Continuação da aula 08

Conteúdo: Linguagem da escrita.

Metodologia: Incentivar diversos tipos de escrita, poética sobre as percepções do cabelo como suporte em um processo artístico, além de todas as implicações físicas culturais relacionadas ao corpo.

1º Momento: Mostrar aos alunos os desenhos criados pelas duplas. 2º Momento: Solicitar um pequeno texto (um parágrafo) individual sobre a produção do desenho. 3º Momento: Apresentação e debate.

Avaliação: Como os alunos se sentiram durante as aulas? Quais questionamentos e críticas surgiram entre os alunos?

- AULA10 Representação do corpo com a ilustração

Conteúdo: Linguagem da ilustração. internet.

Metodologia: Apresentar a obra de Victor Tchijikov, Misha. Fazer conhecer como foi criada a mascote que o sexto A irá representar na gincana da escola em outubro, com o uso da ilustração. Aproveitar e incluir o *Mangá* na representação corpo, através de imagens. 1º Momento: Conversar sobre os preparativos para a gincana, a confecção da camiseta com a ilustração da mascote, Misha. 2º Momento: Perguntar se os alunos sabem o que é uma ilustração, debater, apresentar conceitos e elaborar o próprio conceito com a turma. 3º Momento: Solicitar uma ilustração do corpo de algum atleta do seu esporte favorito. 4º Momento: Debate.

Avaliação: Qual o conceito para ilustração criado pelos alunos? Quais as linhas utilizadas no cabelo ou, na falta do cabelo? Que relações os alunos poderão fazer sobre o adorno corporal, vestimenta, e a ilustração como produto final desta criação?

- AULA 11 o corpo e a vestimenta

Conteúdo: A vestimenta nas artes, Bispo do Rosário e a estilista Zuzu Angel. **Metodologia:** Aproximar o usual do cotidiano num processo artístico, apresentar a possibilidade de comunicar, denunciar dores e fatos através das roupas. Questionar o momento político e social do país, através de questionamento sobre as vidas e obras dos artistas mencionados. O corpo na moda, o corpo dos invisíveis, linguagem do desenho e ilustração.

1º Momento: Apresentar vídeos sobre o trabalho de Zuzu Angel e sobre o manto do Bispo. 2º Momento: Debate. 3º Momento: Elaboração de um croqui de uma vestimenta, a partir de uma temática previamente discutida pelos alunos, em grupo 4º Momento: Apresentação e conversa sobre a elaboração.

Avaliação: Que relações surgiram sobre a roupa comunicando algo? Como os alunos se vestem, seguem a moda, grupos? Pretendem comunicar algo com sua vestimenta?

- Aula 12 O corpo fala

Conteúdo: Apresentar a artista ultrarrealista Olga Larionova. Retrato. **Metodologia:** Apresentar a linguagem do desenho em retratos realistas, instigar aos alunos na observação das expressões dos rostos desenhados e através destas perceber o rosto dos outros, o que poderiam perceber em suas expressões. As máscaras na história da arte e da psicologia.

1º Momento: Em duplas, fazer *selfies* e retratos. 2º Momento: Analisar as expressões dos seus rostos na *selfie* e no retrato. 3º Momento: Desenhar uma das imagens na folha A3 e escrever numa folha a parte a palavra que melhor define o que sente ao olhar o desenho. 4º Momento: Trocar de desenho com o colega ao lado e este deverá escrever a palavra que define a expressão no desenho. 5º Momento: Debate.

Avaliação: O que os alunos sentiram ao se fotografarem e serem fotografados? Que máscaras utilizaram para disfarçar suas emoções?

- AULA 13 Experimentando a performance de, Marina Abramovic:

A artista está presente.

Conteúdo: Performance.

Metodologia: Continuação da aula anterior apresentando o vídeo da performance seguido, mas antes fazer a experimentação com os alunos, para debater sobre as questões levantadas na aula anterior e com a realização da performance. As relações o corpo como a obra de arte. O que meu corpo revela e o que ele pode pedir? Questões de cuidado e saúde. Preconceito. Violência. Defesas.

1º Momento: Experimentar, literalmente a performance e fotografando o grupo em ação. 2º Momento: Debate com o grande grupo.

Avaliação: O que os alunos entenderam sobre a performance? Quais analogias podem fazer com o seu cotidiano e a narrativa da obra? Como se sentiram? Como perceberam o próprio corpo?

- AULA 14

Conteúdo: Continuação da aula 13.

Metodologia: Vídeo da performance A artista está presente. Fechamento da temática o corpo fala com uma discussão sobre a obra e o exercício realizado 1º Momento: Apresentar o vídeo da performance na sala de vídeo. 2º Momento: Sentados no chão retomar a atividade das duas últimas aulas. 3º Momento: Seminário sobre os principais pontos observados nas aulas com a obra da artista.

Avaliação: Qual o principal destaque que cada aluno fez sobre si mesmo frente os exercícios e se provocou alguma mudança interna a cada um?

- AULA 15 O corpo imaginário

Conteúdo: O livro Doutor Sono de Stephen King. Criação de história em quadrinhos.

Metodologia: 1º Momento: Perguntar quem conhece o autor e o livro, conversar com a turma a respeito. 2º Momento: Ler o fragmento do texto onde personagem *Danny* está no banheiro e vê uma mulher morta sentada no vaso, ela está verde e desaparece deixando vestígios de sua pele na pia do banheiro. Danny chama sua mãe e conta o que aconteceu, ela não acredita, pois não viu nada, até perceber pedaços de um material verde na pia do banheiro. 3º Momento: Solicitar que os alunos desenhem quadrinhos dando continuidade para a história de King, enfatizando os movimentos do espírito do corpo da mulher, as partes encontradas e o movimento do menino assistindo o que aconteceu e a reação da mãe dele.

Avaliação: Como os alunos elaboraram a narrativa da história para representá-la em forma de quadrinhos? Quais foram as dificuldades? Como eles representaram um corpo invisível, morto, espírito ou imaginário?

- AULA 16

Conteúdo: Continuação da aula 15

Metodologia: Finalização dos trabalhos, apresentação e fechamento.

1º Momento: Tempo para a finalização da história em quadrinhos 2º Momento: Apresentação e debate.

Avaliação: Os alunos trouxeram outras referências de quadrinhos? Que relações surgiram entre o tema do livro (fragmento), dos quadrinhos e o corpo humano ou não humano?

- AULA 17 Visita à Oficina de Criatividade do HPSP

Conteúdo: Arte e a arte não legitimada.

Metodologia: Possibilitar o contato com um mundo alheio com pessoas “invisíveis”, o processo artístico desses indivíduos.

1º Momento: Autorização da escola, e após da família 2º Momento: A visitação em si.

Avaliação: Como foi a aproximação dos alunos com a oficina e os usuários. Quais os questionamentos e impressões?

- AULA 18 Produção de *assemblage*

Conteúdo: *Assemblage*, obras de artistas como o Bispo. **Metodologia:** O objeto pessoal como parte do próprio corpo. Desapego e cuidado com o que é essencial, o que os objetos pessoais podem dizer de nós. 1º Momento: Sentados em círculo pegar um objeto pessoal que tenham dentro da mochila, acessórios, etc. 2º Momento: Solicitar uma apresentação de si mesmos para o grande grupo

do ponto de vista do objeto, ele terá a voz de comando no momento 3º Momento: Construção em grupos de cinco das *assemblages* com os objetos. 4º Momento: Fotografar, debate e devolução dos objetos.

Avaliação: Como os alunos fizeram falar o objeto? O motivo da escolha do objeto? Posicionamentos ao consumismo surgiram?

- AULA 19 O bordado do artista Leonilson

Conteúdo: A obra do artista Leonilson, o feminino e o masculino em determinadas atividades, manuseio com materiais corriqueiros. Objetivo trazer a discussão o machismo.

Metodologia: 1º Momento: Manusear pedaços de tecido, linhas e agulhas para bordar. 2º Momento: Criar uma composição com linhas, pontos, desenhos ou palavras com o material. 3º Momento: Mostrar os trabalhos aos colegas. Apresentar os bordados do artista. 4º Momento: Debate.

Avaliação: Quais as dificuldades no manuseio? E as reclamações? Quais as questões surgidas? Preconceitos, machismo?

- AULA 20 Chegando ao fim

Conteúdo: Apresentação e leitura das fichas do corpo-diário.

Metodologia: 1º Momento: Em círculo iniciar uma conversa sobre as aulas, as atividades. 2º Momento: Retorno dos alunos sobre as aulas e a professora. 3º Momento: Fechamento com agradecimento à turma.

Avaliação: Como foi o retorno dos alunos? O que aprendi com eles e o qual o meu movimento para prosseguir na docência, pesando os prós e os contras a partir da experiência do estágio?

TURMA: 8º B

- AULA 01 Apresentação

Conteúdo: O corpo em movimento na escola, o corpo humano nas artes visuais.

Metodologia: Apresentação da professora e dos alunos a fim da aproximação e empatia da turma. Fazer conhecer o programa das aulas de artes visuais no decorrer do semestre. Conhecer mais os estudantes e seus interesses, para adequar o projeto de ensino.

1º Momento: Sentados em círculo iniciar um diálogo com os alunos e solicitar que se apresentem um a um. 2º Momento: Elaborar uma lista com os interesses dos alunos e expectativas nas aulas de artes visuais. 3º Momento: Apresentar o manequim de plástico e explicar a construção do corpo diário da turma com este objeto, que será processado e elaborado a cada semana.

Avaliação: Como os alunos receberam a professora estagiária e o andamento das aulas? Qual o retorno da turma com relação ao manequim?

- AULA 02 O corpo humano nas artes visuais

Conteúdo: Linguagens das artes visuais com foco no corpo humano.

Metodologia: Introdução ao estudo do corpo nos movimentos artísticos, para direcionar a próxima aula e produção escrita.

1º Momento: Sentados em círculo, solicitar aos alunos que peguem um objeto pessoal da mochila e que o objeto tome voz e fale pelos alunos, escolhendo a palavra que melhor os definam nesse momento. 2º Momento: Fazer um pequeno debate sobre a atividade e solicitar que eles escrevam um pequeno texto sobre a realização da atividade, para entregar.

Avaliação: Como os alunos reagiram com a proposta e quais os questionamentos surgidos?

- AULA 03 Continuação da aula anterior

Conteúdo: Linguagem do desenho.

Metodologia: Com base nos interesses listados pela turma, apresentar obras e artistas que relacionam o corpo com a palavra escolhida, exemplo: esporte, a obra Goleiro de Vicente do Rego Monteiro.

1º Momento mostrar um Power point com imagens de corpos e seus movimentos em determinada linguagem. 2º Momento: Solicitar um desenho à lápis, com um tempo estipulado, tendo como princípio a palavra escolhida (exemplo acima), tempo esgotado, trocar a folha com o colega ao lado, na mesma direção até a sua folha voltar para si. 3º Momento: Debate sobre o exercício.

Avaliação: Quais as relações feitas sobre o corpo, movimentos e as palavras escolhidas?

- AULA 04 O real e o imaginado, percebendo o corpo no espaço.

Conteúdo: Artista Linguagem da fotografia

Metodologia: Daniel Arsham e suas obras, linguagem da performance, interdisciplinaridade com a escultura e a arquitetura. Possibilitar a percepção do próprio corpo coberto pelo tecido no espaço da sala.

1º Momento: Na sala do teatro, dividir a turma em grupos de seis, os alunos do grupo ficarão no meio do restante e irão se cobrir com um tecido de malha, fazendo poses com o próprio corpo e circulando pela sala. 2º Momento: Os alunos sentados deverão fotografar os grupos. 3º Momento: Debate após todos os grupos se apresentarem. 4º Momento: Apresentação do artista Arsham.

Avaliação: Como os alunos se perceberam tanto na ação quanto na plateia? Quais as relações do espaço e seus volumes cobertos pelo tecido? Quais os questionamentos antes e após a apresentação do artista?

- AULA 05

Conteúdo: Performance. A obra Divisor de Lygia Pape.

Metodologia: Fazendo um link com a aula anterior, possibilitar reflexões sobre o coletivo e o individual no espaço. Analisar o corpo como parte fundamental da obra. 1º Momento: Mostrar as fotos da aula anterior. 2º Momento: Apresentar a obra da artista Lygia Pape. 3º Momento: Debate sobre as fotos e a obra Divisor.

Avaliação: Qual a relação com a obra Divisor e o exercício? Qual o conceito surgido sobre performance artística.

- AULA 06 Observando os movimentos de um corpo no esporte

Conteúdo: Linguagem da fotografia. Fotografias de Eadweard Muybridge

Metodologia: Adaptando o plano de ensino à atividade da gincana Olimpíadas, no mês de aniversário da escola, em outubro. Possibilitar observações diretas dos movimentos e posições do corpo humano durante uma caminhada, corrida e salto distância.

1º Momento: No pátio da escola dividir a turma em dois grandes grupos, onde os participantes irão caminhar correr e saltar respectivamente e os alunos sentados deverão fotografar os movimentos e articulações dos corpos dos colegas. 2º Momento: Mostrar imagens do artista. 3º Momento: Debate 4º Momento: Pensar num projeto para expor as próprias fotos num painel.

Avaliação: Como foram as observações dos corpos em movimento? Quais as relações entre a atividade e as fotografias do artista? Como eu ando, corro, salto?

- AULA 07 Hamlet

Conteúdo: Literatura de Shakespeare, a loucura nas artes visuais a partir dos artistas Ernesto Nazareh, Bispo do Rosário, Virginia Woolf, Goya e Van Gog, corpos invisíveis, imaginários.

Metodologia: Trabalho interdisciplinar com as disciplinas de artes cênicas e literatura, culminando com a apresentação da peça Hamlet. 1º Momento: Leitura do fragmento No Castelo de *Elsinore* e o aparecimento do fantasma falecido pai de Hamlet, o qual

fingia-se de louco e a loucura real de Ofélia. 2º Momento: Debate sobre a loucura fingida e a real. 3º Momento: Em grupos criar a representação dos três corpos: o louco, o fingido e o invisível, desenhando numa folha A4.

Avaliação: Quais os pensamentos sobre a loucura? Qual o material que formariam esses corpos?

- AULA 08 Identidade, o corpo e sua vestimenta.

Conteúdo: O vestuário na obra de Bispo do Rosário, Flávio de Carvalho, Laura Lima e Hélio Oiticica.

Metodologia: Relacionar arte com a loucura e a obra de Shakespeare, um estudo para a produção dos figurinos e cenário da peça.

1º Momento: Mostrar as criações da aula anterior. 2º Momento: Apresentar a obra de Bispo, focando no manto e nos casacos. 3º Momento: Conversa sobre moda e vestuário como uma linguagem do corpo, o que minha roupa fala de mim? 4º Momento: Solicitar a criação de uma roupa para o manequim-diário.

Avaliação: Quais as relações que os alunos fizeram entre moda e a arte? Como eles se movimentaram diante da obra e da loucura de Bispo do Rosário? Quais as relações entre os personagens da peça Hamlet e de seus possíveis figurinos possíveis figurinos, a partir da loucura?

- AULA 09 A moda de Zuzu Angel

Conteúdo: Linguagem do desenho, croquis de moda.

Metodologia: Focando no trabalho da estilista brasileira. Relacionar esses conhecimentos com os personagens de Hamlet. As roupas comunicam o pensamento e o movimento dos corpos? Você se veste para comunicar algo? Você se veste para si ou para os outros? As roupas são um reflexo real de quem as veste? Poderiam ser tipo uma máscara para esconder emoções, dificuldades?

1º Momento: Mostrar aos alunos os desenhos e coleções da estilista após o desaparecimento de seu filho durante a ditadura militar. 2º Momento: Detalhar a narrativa das roupas denunciando as dores, os horrores das torturas. 3º Debate. 4º Momento: Elaborar croquis para a confecção dos figurinos principais da peça, a partir das reflexões das aulas anteriores sobre esta temática.

Avaliação: Qual a reação dos alunos com a temática da aula? Como a turma reagiu frente a proposta da criação de figurinos?

- AULA 10 Corpos em cena, corpos criando cenários.

Conteúdo: Instalação artística, obra do artista Benjamin Shine, teatro de sombras.

Metodologia: Correlacionar o ambiente da sala do teatro e onde se passa a história de Hamlet, criação de um cenário a único para todas as cenas, variando com as projeções de sombras.

1º Momento: Questionar os alunos a respeito do cenário imaginado para a história. 2º Momento: Mostrar um vídeo com as instalações da obra The Dance do artista Shine e um sobre teatro com sombras. 3º Momento: Elaborar um projeto para o cenário mesclando instalação e projeção de sombras.

Avaliação: O que os alunos entenderam sobre instalação? Qual a relação da obra de Shine e o exercício das aulas com o corpo coberto com tecido. Quais articulações para a elaboração do cenário? Como os alunos percebem a criação de um cenário como forma de conhecimento da história, dos personagens e do autor? O que tudo tem a ver com corpos em movimento?

- AULA 11 O bordado de Leonilson e as linhas de Rosana Paulino

Conteúdo: Linguagem da fotografia.

Metodologia: 1º Momento: Após um aviso prévio para trazer cópias de fotografias de família, interferir recortando essas imagens com tesoura. 2º Momento: Bordar as fotos com linhas e agulha, escrevendo palavras que vem à mente 3º Momento:

Apresentar os bordados de Leonilson aos alunos e a obra Assentamento de Rosana Paulino. 4º Momento: Debate com o grupo e apresentação de seus trabalhos.

Avaliação: Que aspectos relacionados ao machismo apareceram na turma? Quais as dificuldades e reclamações dos alunos ao trabalharem com esses materiais? Como eles perceberam os órgãos do corpo retirados e destacados nas obras?

- AULA 12 O corpo nas obras do artista Flávio de Carvalho

Conteúdo: Arte Moderna. Linguagem da fotografia, da pintura do desenho, da cenografia.

Metodologia: De que maneira o trabalho do artista mexeu com os alunos? Como poderia definir o figurino de Hamlet a partir da obra de Flavio Carvalho? O quão atual são os temas no trabalho do artista? Como eu percebo meu corpo interagindo nas obras?

1º Momento: Aproximar o artista e suas obras dos alunos através da internet. 2º Momento: Solicitar aos alunos uma relação dos movimentos dos corpos retratados, percebendo formas, volumes, cores. 3º Momento: Pedir que os alunos escolham a obra que mais chamou a atenção e porquê. 4º Momento: Criação de um mural com as formas escolhidas.

Avaliação: Quais questionamentos a turma trouxe durante e após os trabalhos? Como os alunos se aproximaram das obras do artista?

- AULA 13 A pele

Conteúdo: A arte contemporânea de Vera Chaves Barcellos.

Metodologia: O corpo inteiro, os órgãos sem corpo, o órgão-corpo. A pele como suporte nos processos artísticos, a linguagem da fotografia e do desenho. Percepção do próprio corpo, o racismo.

1º Momento: Solicitar que os alunos fotografem suas peles. 2º Momento: Reprodução dessas peles com lápis de cor (caixa da Koralle com todas as cores de pele). 3º Momento: Comparar os desenhos com as fotografias e interferir da maneira que quiserem,

por exemplo: desenhando uma tatuagem na foto, criando uma pinta no desenho, etc. 4º Momento: Expor os trabalhos aos alunos e debater sobre a atividade.

Avaliação: Como os alunos percebem o racismo na escola? Como eles perceberam suas peles? Quais memórias vieram a tona ao observar alguma cicatriz? Como seria o mapa da sua pele: caminhos, memórias, sentidos?

- AULA 14 Releitura nas artes visuais

Conteúdo: A arte de Vik Muniz, arte efêmera, reciclagem, retratos e linguagem da releitura e escultura. Vídeo *70 Million by Hold Your Horses* como recurso.

Metodologia: Relembrando o documentário visto no semestre anterior pelos alunos, estudar a releitura de obras artísticas utilizando o próprio corpo. 1º Momento: Expor aos alunos conceitos de releitura em artes visuais. 2º Momento: Mostrar algumas releituras através de *memes* da internet, releituras com lixo de Vik Muniz. 3º Momento: Discutir com os alunos sobre o que entenderam de releitura. 4º Momento: Mostrar o vídeo *70 Million*. 5º Momento: Apresentar uma releitura apenas com seus corpos, em grupos de seis, da obra que desejarem. Filmar.

Avaliação: Qual o conceito de releitura elaborado pela turma? Como se organizaram para criar uma releitura com seus corpos em pouco tempo? Como seus corpos reagiram?

- AULA 15 Continuação da aula anterior.

Conteúdo: Releitura.

Metodologia: 1º Momento: Apresentação dos vídeos das releituras realizadas em grupos. 2º Momento: Seminário.

Avaliação: Quais os questionamentos durante e após as apresentações? Como perceberam o movimento dos corpos? Qual a reflexão sobre o corpo criando releituras?

- AULA 16 Beleza e utilidade

Conteúdo: Projeto *Alternative Lim Project* (Sophie). Realismo e o Surrealismo nas artes. Adornos corporais. Linguagem do desenho. Arte cinética e o corpo humano.

Metodologia: Lincando com as aulas dos corpos em movimentos no esporte, olimpíadas. A arte como terapia no auxílio de elevar a autoestima. Abordagem artística ao design do membro protésico. Conceito de protésico. 1º Momento: Apresentar a artista e fundadora do projeto Sophie de Oliveira Barata. 2º Momento: Aula expositiva sobre arte cinética. 3º Momento: Debate. 4º Momento: Pesquisa individual sobre projetos artísticos existentes para deformidades, amputações, sequelas de tratamento passíveis para amenizar angústias, através da estética corporal reparadora.

Avaliação: Quais as relações entre a arte e utilidade, surgidas nas discussões? Quais as relações entre corpo, estética reparadora e artes visuais?

- AULA 17 Apresentação das pesquisas

Conteúdo: Arte e estética reparadora.

Metodologia: 1º Momento: Dirigir a turma para a sala de vídeo e organizar as apresentações. 2º Momento: Apresentação e debate.

Avaliação: Como foi o retorno das pesquisas? Houve resistência dos alunos e por quê?

- AULA 18 Kara Walker

Conteúdo: *Pop Art*, retratos de Andy Warhol, Obras de Matisse. Linguagem da colagem em teatro de sombras. A artista Kara Walker.

Metodologia: 1º Momento: Mostrar para os alunos o trabalho da artista. 2º Momento: Solicitar que os alunos sorteiem uma temática (violência, racismo, desigualdade social, feminismo) de dentro de um saco plástico. 3º Momento: Criação de um mural coletivo com colagem para retratar o tema sorteado.

Avaliação: Como a turma se organizou para o trabalho? Qual o processo artístico envolvido? Como os alunos se aproximaram do trabalho da artista? Quais os questionamentos surgidos?

- Aula 19 Visita à Oficina de Criatividade do HPSP.

Conteúdo: A arte da loucura

Metodologia: 1º Momento: Autorização da escola e dos pais. 2º Momento: A visita em si.

Avaliação: Como os alunos reagiram à proposta? Quais os sentimentos envolvidos? Quais as relações estabelecidas com as aulas e as atividades realizadas na oficina?

- Aula 20

Conteúdo: Continuação da aula 18.

Metodologia: 1º Momento: Debate sobre a visita à Oficina de Criatividade. 2º Momento: Elaboração de painéis, em grupos, sobre o que mais chamou a atenção nos trabalhos vistos, utilizando linguagem da pintura, desenho, escritos.

Avaliação: Quais as reflexões feitas durante o debate? Como os grupos se organizaram para a realização dos painéis?

- AULA 21 Ahmed Alsoudani os corpos da guerra.

Conteúdo: Linguagem do desenho e da pintura. Artistas Goya e George Grosz.

Metodologia: A arte comunicando as dores da guerra através da estética. 1º Momento: Apresentar as obras dos artistas. 2º Momento: Debate com o grande grupo.

Avaliação: Percepções dos corpos deformados e mutilados o que causam nos alunos? O que a arte de rua, como o grafite tem em comum com as obras do artista? Que atividade os alunos propõem a partir dessas obras.

- AULA 22 A arte de Nathan Sawaya

Conteúdo: A linguagem da escultura. Escultor Nathan Sawaya. Arte Contemporânea.

Metodologia: Conhecer os acontecimentos atuais no campo das artes visuais. Materiais inusitados na criação das obras do artista. 1º Momento: Levar peças de lego para os alunos experimentarem. Fotografar. 2º Momento: Apresentar o trabalho do artista. 3º Momento: Debate.

Avaliação: Como os alunos reagiram com a proposta? Qual a relação dos brinquedos *Legos* com aulas de artes visuais e com a obra do artista? Como os alunos se aproximaram do artista?

- Aula 23 A escultura

Conteúdo: Linguagem da escultura.

Metodologia: Articulações para a criação de uma escultura com a temática do corpo humano.

1º Momento: Solicitar um pequeno projeto para a criação de uma escultura com o tema corpo humano. 2º Momento: Distribuir materiais diversos aos alunos, mas é necessário usar o arame, ou na estrutura ou como revestimento da escultura.

Avaliação: Os alunos retrataram o corpo inteiro ou partes isoladas, órgãos? Como foi a realização da escultura? Muitos questionamentos? Quais as dificuldades? Como utilizaram seu próprio corpo como modelo, se o fizeram?

- AULA 24 Chegou ao fim

Conteúdo: Manequim-diário da turma.

Metodologia: 1º Momento: Sentados em círculo com o manequim posicionado no meio, iniciar a leitura das fichas do diário. 2º Momento: Apresentar como foi construído o corpo-diário, sua identidade. 3º Momento: Receber o retorno dos alunos sobre as aulas do semestre. 4º Momento: Agradecimentos.

Avaliação: Como os alunos construíram o corpo da turma? Qual o retorno dos alunos às aulas da estagiária? Como posso aprimorar as práticas em ensino de artes visuais a partir dessa experiência?

[..] um doce nome querido foi ouvido
ia a noite em mais de meia:
Toda a praia perlustraram,
Nem acharam
mais que a flor na areia branca. [..]

GONÇALVES DIAS, 1957, p.282

